



Uniube

UNIVERSIDADE DE UBERABA

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

DIVINO LUCAS DE SOUZA

**INFLUÊNCIAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIALISTAS NA OBRA DE PAULO
FREIRE: A PRESENÇA DE KARL JASPERS**

UBERABA – MG

2016

DIVINO LUCAS DE SOUZA

**INFLUÊNCIAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIALISTAS NA OBRA DE PAULO
FREIRE: A PRESENÇA DE KARL JASPERS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, curso de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Araújo

Linha de pesquisa: Processos educativos e seus fundamentos.

Área de Concentração: Educação

UBERABA – MG

2016

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

Souza, Divino Lucas de.

S89i Influências fenomenológico-existencialistas na obra de Paulo Freire: a presença de Karl Jaspers / Divino Lucas de Souza. – Uberaba, 2016.
126 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação. Linha de pesquisa: Processos Educacionais e seus Fundamentos.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo.

1. Fenomenologia. 2. Existencialismo. 3. Educação. I. Araújo, José Carlos Souza. II. Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação. III. Título.

CDD 142.7

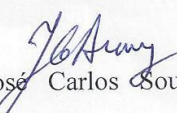
Divino Lucas de Souza

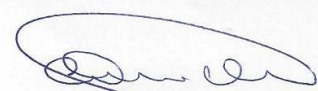
**INFLUÊNCIAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIALISTAS NA OBRA DE
PAULO FREIRE: A PRESENÇA DE KARL JASPERS**

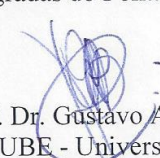
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 28/09/2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo
(Orientador)
UNIUBE - Universidade de Uberaba


Prof. Dr. Armino Quilici Neto
FACIP/UFU – Faculdade de Ciências
Integradas do Pontal


Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista
UNIUBE - Universidade de Uberaba

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma oportunidade única, pois quantas vezes nós, como seres humanos, pedimos mais do que agradecemos. No entanto, neste momento é chegada a hora de pontuar alguns que foram importantes em minha trajetória até aqui.

De acordo com Paulo Freire (1987), “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”. Realmente, nós, seres humanos, estamos sempre por aprender algo, por isso este curso tem sido de extrema possibilidade de aprendizagem, principalmente, para a concretização da formação pessoal, e da minha melhoria como pessoa.

Nesse sentido, agradeço a Deus, por ser meu suporte de vida, minha força maior e meu caminho, verdade e vida. Agradeço à minha mãe, Alvina, ser maravilhoso, capaz de uma generosidade tão grande, que não há como ser mensurada. Sabe ser aquele arco-íris ao final da chuva, do qual desviamos o olhar sem saber o porquê, sem conseguir nos desviar de sua beleza, de sua maravilha. Assim, sinto-me a respeito de você, querida mãe, pessoa que mais amo neste mundo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos, um profissional dedicado, que, com grande conhecimento, muito me ensinou e sempre buscou, de todas as formas, fazer com que meu trabalho fosse bem desenvolvido e os objetivos alcançados. Assim como Moisés mostrou o caminho ao povo de Israel e o conduziu à Terra Prometida, analogicamente o Professor José Carlos foi esse sábio orientador, que apontou o caminho e conduziu-me à realização desta pesquisa.

Agradeço a todos os profissionais da UNIUBE, pois é pelo trabalho diário de vocês que podemos, como alunos, conquistar nossos objetivos profissionais e acreditar em um Brasil melhor. Pois, como Freire acredita, é pela Educação que o país evolui e que o ser humano se constrói.

Enfim, posso dizer-lhes que agradecer não é algo fácil, pois nos emociona, aprisionamo-nos em momentos que foram eternizados em nossas mentes, mas nos liberta como um pássaro a voar pelo infinito, com a leveza de ter dito a quem estava perto ou longe o quanto eles significaram e ainda significam para nós.

Assim, sinto-me ao falar destes, um ser livre, pois deixei aqui expresso nestas poucas linhas o que senti durante esta etapa de meu Mestrado. Obrigado a todos!

DEDICATÓRIA

Minha dedicatória inicia-se com a minha fé espiritual, ou seja, em Deus. Dedico-lhe, Senhor, todo o meu ser, tudo o que sou e tudo que me tornarei, pois é na sua graça que me confirmo como pessoa, como um filho que busca por seu amparo e amor.

Dedico este momento à minha mãe, que foi a intermediadora de Deus para que eu tivesse a oportunidade de vir a este mundo. Dedico-lhe, minha querida mãe, e aos meus irmãos e sobrinhos, todas as conquistas de minha história, como faço agora neste momento ao finalizar o curso de Mestrado em Educação.

Meu Deus, minha mãe, minha família, se, na imensidão da vida, na busca de minha construção como ser humano, na formação de minha consciência e no entendimento de minha existência, não os tivesse, eu seria um ser vazio. Mas como os tenho, sou um ser abundante, feliz, completo. Na graça da vida, compreendi que, sem a força de Deus e de nossa família, nada somos, nada nos transformamos.

Mas deixo claro que você, minha querida mãe, foi o que de mais completo Deus pode me oferecer, pois é nos seus braços que encontrei o melhor aconchego, nos seus olhos a maior verdade e nos seus lábios as melhores palavras. É neste reconhecimento que lhe dedico todo o meu amor, todos os meus sonhos.

Divino Lucas de Souza

"A consciência do mundo e a consciência de si inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. [...] É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados".

Paulo Freire (Pedagogia da Autonomia, p.34-35).

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido, 1987, p.68).

"[...] A mesa em que escrevo os livros, a xícara de café, os objetos que me cercam estão simplesmente presentes a minha consciência e não dentro dela. Tenho a consciência deles, mas não os tenho dentro de mim".

Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido, 1987, p.63).

" 'A consciência e o mundo', diz Sartre, 'se dão ao mesmo tempo: exterior por essência à consciência, o mundo é, por essência relativo a ela'"

*Paulo Freire
(Pedagogia do Oprimido, 1987, p. 70)*

RESUMO

Essa dissertação está inserida na Linha de Pesquisa *Processos Educacionais e seus Fundamentos*, e o objeto deste estudo foi a investigação sobre a Fenomenologia e o Existencialismo presentes em partes da obra de Paulo Freire. A problematização pode ser expressa por duas dimensões: primeiramente, e de um modo geral, quais são os fundamentos fenomenológico-existencialistas mais evidenciáveis na obra de Paulo Freire? E, em segundo lugar, especificamente, qual é a significação e presença de Karl Jaspers constituídas por Paulo Freire? O objetivo do estudo foi o de analisar os fundamentos fenomenológico-existencialistas presentes em algumas obras de Paulo Freire, com ênfase na influência de Karl Jaspers. Justifica-se este tema pela importância de aprofundar os conhecimentos sobre os referidos fundamentos, bem como pelo crescimento e pela formação pessoal em termos acadêmicos. Nesse sentido, a busca pela escolha de um pensador brasileiro, vinculado ao campo educacional, que tivesse tido uma influência significativa do existencialismo, acabou por incidir em Paulo Freire. E a resposta ancorou-se, mais apropriadamente, em Karl Jaspers, um existencialista cristão, com o qual Freire se identificou não só pelos seus escritos, mas também pela própria postura de vida. O referencial teórico utilizado foi o materialismo histórico e dialético, posto que o pensamento freireano guarda estreitos vínculos com a realidade de brasileira e com o seu contexto e circunstâncias. O mundo da vida de Paulo Freire foi alimentado por seus projetos político, cultural e educacional, o que emergiu desde os anos de 1950. O existencialismo surgiu em meio às duas grandes Guerras Mundiais, em uma Europa decadente, totalmente em crise. Tornou-se uma corrente filosófica com duas faces, uma ateia e a outra cristã. Pensadores desta corrente são unânimes em sustentar que a existência precede a essência, conforme afirmou Sartre. Por sua vez, Karl Jaspers foi um dos maiores expoentes do existencialismo cristão. É notório em seu pensamento a capacidade de transpor barreiras pela crença em Deus. Isto fez com que isebianos se interessassem por sua filosofia. Paulo Freire, acalentado ainda que à distância pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), recebe suas influências, bem como de Gabriel Marcel, Karl Jaspers e outros existencialistas. Em virtude disso, concretizou-se uma pesquisa bibliográfica com estudos e investigações em livros, artigos, dissertações, elegendo-se como descritores: fenomenologia, existencialismo e Paulo Freire. Dessa forma, em relação ao método, trata-se de uma pesquisa teórica, de caráter bibliográfico e hipertextual que envolveu também uma dimensão documental, se se compreende que algumas obras, por exemplo, de Husserl, Jaspers, Gabriel Marcel, Sartre e Paulo Freire, sejam as referências de tal pesquisa teórica. Dessa forma, o referencial teórico, uma espécie de baliza, orientou o embasamento que se realizou e foi tornado possível, de um lado, pela descrição, explicação e interpretação, próprias do fazer científico; e, de outro, pela compreensão, própria da filosofia, das questões que envolvem as dimensões fenomenológico-existencialistas. Com tal orientação, foram eleitas as seis primeiras obras de Paulo Freire. Em termos de resultados, depois de examinar tanto a corrente existencialista como as obras de Paulo Freire, pode-se perceber que o homem é um ser em construção capaz de fazer seu próprio destino, principalmente, tomando como armas a educação, a democracia e a luta para vencer as barreiras diárias que, para Jaspers, são denominadas por situações-limites.

Palavras-chave: Fenomenologia; Existencialismo; Paulo Freire; Educação

RESUMEN

Esta disertación se incluye en la línea de Investigación los *Procesos Educativos y sus Fundamentos*, y el objeto de este estudio fue la investigación sobre la Fenomenología y el Existencialismo presentes en algunas partes de la obra de Paulo Freire. La problemática se puede expresar en dos dimensiones: primero, y, en general, ¿cuáles son los fundamentos fenomenológicos-existencialistas más evidenciables de la obra de Paulo Freire? Y en segundo lugar, en concreto, ¿cuál es el significado y la presencia de Karl Jaspers constituidos por Paulo Freire? El objetivo del estudio fue analizar los fundamentos fenomenológicos-existencialista presentes en algunas obras de Paulo Freire, con énfasis en la influencia de Karl Jaspers. Este tema se justifica por la importancia de profundizar el conocimiento de estas bases, así como para el crecimiento y la formación personal en términos académicos. En este sentido, la búsqueda por la elección de un pensador brasileño, vinculado al campo de la educación, que había tenido una importante influencia del existencialismo, se centra en Paulo Freire. Y la respuesta se ha anclado más adecuadamente en Karl Jaspers, un existencialista cristiano, con quien Freire se identificó no sólo por sus escritos, sino también por propia actitud de vida. El marco teórico utilizado fue el materialismo histórico y dialéctico, ya que el pensamiento de Freire mantiene estrechos vínculos con la realidad de Brasil, su contexto y las circunstancias. El mundo de la vida de Paulo Freire fue alimentado por sus proyectos políticos, culturales y educativos, que surgieron desde los años de 1950. El existencialismo surgió en medio a las dos grandes Guerras Mundiales, en una Europa decadente, en plena crisis. Se ha convertido en una corriente filosófica con dos caras, una atea, y otra cristiana. Pensadores de esta corriente son unánimes en sostener que la existencia precede a la esencia, según Sartre. A la vez, Karl Jaspers fue uno de los mayores exponentes del existencialismo cristiano. Está claro en su pensamiento la capacidad de superar los obstáculos por su creencia en Dios. Esto, hizo que los brasileños se interesaran en su filosofía. Paulo Freire, que se ha mantenido aún a distancia por el Instituto Superior de Estudios Brasileños (ISEB), recibe sus influencias, así como de Gabriel Marcel, Karl Jaspers y otros existencialistas. Como resultado, una búsqueda bibliográfica se realizó a partir de estudios y investigaciones en libros, artículos y tesis eligiendo como descriptores: la fenomenología, el existencialismo y Paulo Freire. Por lo tanto, en relación con el método, se trata de una investigación de carácter teórico, bibliográfico y hipertextual que también envolvió una dimensión documental, si se entiende que algunas obras, por ejemplo, Husserl, Jaspers, Gabriel Marcel, Sartre, Vieira Pinto y Paulo Freire son las referencias a este tipo de investigación teórica. De esta forma, el marco teórico, una especie de baliza, orientó el basamento que se realizó y fue posible, por un lado, por la descripción, explicación y interpretación, característica del trabajo científico; y por el otro, por la comprensión, propia de la filosofía, de los temas relacionados con las dimensiones fenomenológico-existencialistas. Con tal orientación, se eligieron las seis primeras obras de Paulo Freire. En términos de resultados, después de examinar tanto la corriente existencialista como las obras de Paulo Freire, fue posible comprender que el hombre es un ser en construcción capaz de hacer su propio destino, especialmente tomando como armas la educación, la democracia y la lucha por superar las barreras cotidianas que, para Jaspers, son llamadas de situaciones-límites.

Palabras clave: Fenomenología; Existencialismo; Paulo Freire; Educación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Edmund Husserl (1859-1958).....	18
Figura 2 – Existencialista Ateu - Jean-Paul Sartre (1905-1980).....	44
Figura 3 – Existencialista Cristão – Karl Jaspers (1883-1969).....	47
Figura 4 – Existencialista Cristão – Gabriel-Honoré Marcel (1889-1973).....	49
Figura 5 – Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997).....	53
Figura 6 – Elza Maia Costa de Oliveira Freire (1916-1987)	55
Figura 7 – Paulo Freire – notícia da volta para o Brasil e a polêmica do passaporte	59
Figura 8 – Linha do Tempo – Paulo Freire – 1921 a 1959	61
Figura 9 – Paulo Freire discursando no SESI (1950).....	63
Figura 10 – Linha do Tempo – Paulo Freire – 1960 a 1997	65
Figura 11 – Paulo Freire e Moacir Gadotti	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1 - ESTUDO ANALÍTICO E DESCRITIVO SOBRE OS FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS	17
1.1 Contexto histórico	17
1.2 A crítica de Husserl ao psicologismo naturalista	22
1.3 A fenomenologia de Edmund Husserl	24
1.4 Algumas categorias fenomenológicas	29
<i>1.4.1 O fenômeno</i>	29
<i>1.4.2 A intencionalidade – consciência de</i>	29
<i>1.4.3 A epoché (epoqué) ou redução fenomenológica</i>	32
1.5 Da fenomenologia ao Existencialismo	34
CAPITULO 2 - ESTUDO ANALÍTICO E DESCRITIVO SOBRE O EXISTENCIALISMO	37
2.1 Breves aspectos que envolvem o Existencialismo	37
2.2 A existência precede a essência	39
2.3 Existencialismo Ateu	43
2.4 Existencialismo Cristão	46
<i>2.4.1 Karl Jaspers</i>	46
<i>2.4.2 Gabriel Marcel</i>	48
CAPITULO 3 – PAULO FREIRE, VIDA E OBRA	53
3.1 Paulo Freire e o Existencialismo	60
3.2 Considerações de Gadotti sobre Freire	69
CAPÍTULO 4 – PAULO FREIRE E O EXISTENCIALISMO	73
4.1 O Existencialismo e Paulo Freire	75
<i>4.1.1 Pensamento Isebiano</i>	75
<i>4.1.2 Pensamento Cristão-Católico</i>	78

4.2 Influência da Filosofia Existencialista	79
4.2.1 A questão das Situações-Limite	80
4.2.2 Comunicação - Diálogo	82
4.2.3 Consciência	86
4.2.3.1 <i>Consciência Semi-Intransitiva</i>	86
4.2.3.2 <i>Consciência Transitivo-Ingênua</i>	87
4.2.3.3 <i>Consciência Transitivo-crítica</i>	88
5.1 Existência como liberdade	93
5.2 Sujeito	97
5.3 Situações-limite	100
5.4 Diálogo/Comunicação	103
5.5 Consciência	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

Escolher um tema para uma dissertação é algo desafiante e, ao mesmo tempo, particular, pois sugere que se procure um que preencha as ansiedades de conhecimento do pesquisador. Da mesma forma, é necessário que o pesquisador seja envolvido pela materialidade da pesquisa, porém, a importante tarefa do aprender para o crescimento deve sobrepor a satisfação do ego.

Pela base da Teologia, da Filosofia e da Educação que sempre foram próximas deste pesquisador, duas frentes de análise formaram o suporte das categorias teóricas, que são a fenomenologia e o existencialismo. No entanto, como dimensioná-las? Esse foi o desafio inicial, depois da escolha do tema. Ideias surgiram, mas uma destacou-se como a mais instigante: escrever sobre a fenomenologia e o existencialismo com base nas obras de Paulo Freire.

Na vasta obra de Paulo Freire, constata-se que grande parte de seus escritos estão permeados por ideias fenomenológicas e existencialistas, tais como a consciência, a autonomia, a conscientização; o homem como ser inacabado e inconcluso; o homem como projeto permanente, como diálogo, como comunicação, dentre outros.

Conhecido como o fundador da fenomenologia, Edmund Husserl (1859-1938) desenvolve o método fenomenológico, que se caracteriza como a Ciência que estuda as essências das coisas. Pode-se afirmar, dessa maneira, que seja uma teoria fenomenológica a que tem por objeto as essências. Segundo Reale (1991, p. 555), o “fenomenólogo produz análises específicas sobre o que caracteriza essencialmente as coisas em si. Como por exemplo, o pudor, a santidade, o amor, a justiça, o remorso ou os tipos de sociedade”. Nesse sentido, o fenomenológico deve libertar-se das opiniões pré-concebidas, deixando de lado o óbvio, o tradicional, para então descrever o universal, ou seja, um fato é aquilo e não outra coisa.

Nesse sentido, citando Paulo Freire, Gadotti (1996) destaca que a abordagem freireana, pela indagação do próprio Freire, é de perspectiva dialética e fenomenológica:

Minha perspectiva é dialética e fenomenológica. [...]. De um diagnóstico científico desse fenômeno, nós podemos determinar a necessidade para a educação como uma ação cultural. [...]. Como estamos conscientizando, estamos revelando realidades, estamos penetrando na essência fenomenológica do objeto que estamos tentando analisar. (FREIRE, 1985, p. 85).

No que tange a Paulo Freire e ao existencialismo, as principais questões abordadas pelos pensadores existencialistas são a finitude, a contingência, a fragilidade da existência humana, a alienação, a solidão, a comunicação, o nada, o tédio, a náusea, a angústia, o desespero, a preocupação, o projeto, o engajamento, o risco, dentre outros.

O existencialista vê o homem como ser finito, jogado no mundo, dilacerado por situações problemáticas e absurdas. Em sua obra, *O Existencialismo é um humanismo*, Sartre (1984 apud MONTEAGUDO, 2004) define que, em primeiro lugar, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e apenas posteriormente se define. O homem só não é passível de uma definição, porque, de início, não é nada; isto é, somente poderá ser alguma coisa posteriormente e será aquilo que ele fizer de si mesmo. O homem, portanto, é um projetar-se.

Observe-se, a propósito, como Paulo Freire apresenta aproximações com o existencialismo em sua obra, *Pedagogia da Autonomia*:

[...] gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. [...] A inconclusão, repito, faz parte da natureza do fenômeno vital. Inconclusos somos nós, mulheres e homens [...]. A consciência do inacabamento entre nós, mulheres e homens, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo. [...] A consciência do mundo e a consciência de si inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. (FREIRE, 1, p. 32-33).

Dessa forma, Paulo Freire pontua que, no homem, a inconclusão se sabe como tal. E a essa inconclusão que se reconhece a si mesma implica, necessariamente, a inserção do sujeito inacabado num permanente processo de busca, de projetar-se, de fazer acontecer.

O objetivo principal da presente pesquisa é analisar quais são os fundamentos fenomenológico-existencialistas presentes em parte das obras de Paulo Freire. A princípio, por meio de uma pesquisa bibliográfica, intenta-se apresentar uma abordagem do pensamento fenomenológico de Edmundo Husserl, identificando nele algumas categorias fenomenológicas para, dessa forma, apontar tais fundamentos na obra freireana.

Para o desenvolvimento dessa orientação geral, serão investigadas, posteriormente, as relações entre fenomenologia e existencialismo, bem como, particularmente, o existencialismo cristão representado por Karl Jaspers e Gabriel Marcel, os quais compõem a leitura e as reflexões de Paulo Freire. Este é um aspecto central no desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica. Trata-se,

fundamentalmente, de uma pesquisa teórica, de caráter reflexivo e bibliográfico. Estarão em foco algumas obras de Paulo Freire, algumas obras de Karl Jaspers e de Gabriel Marcel, bem como de Husserl, além dos vários comentadores sobre esses autores, que se fazem e se fizeram presentes, seja referente à Filosofia ou à Filosofia da Educação. Para tal tarefa, várias operações lógico-metodológicas estarão presentes em tal investigação, tais como: abstração, contextualização, análise, associação, categorização, comparação, conceituação, correlação, generalização, identificação, sistematização e semelhança.

Nesse processo, o referencial teórico materialismo histórico-dialético¹ esteve presente, em razão da historicidade do pensamento freireano e de seu vínculo com a orientação fenomenológico-existencialista. Suas relações com o contexto estarão em pauta, seja para identificar as relações com as obras singulares de Paulo Freire, bem como para ampliar a interpretação, a descrição e a explicação, as quais evidenciam o fazer científico. Afinal, Paulo Freire expressa seu pensamento em defesa dos desfavorecidos, dos pobres, dos que estão à margem. Além desses níveis de conhecimento, a compreensão também será buscada por envolver a pesquisa do ponto de vista de uma perspectiva filosófica.

Assim, são dois os eixos dessa pesquisa quanto à fundamentação: i) o da fenomenologia em que se destaca Edmundo Husserl; ii) do existencialismo, em cujo objeto, em particular, estão os pensamentos de Karl Jaspers, Gabriel Marcel e de Sartre. Dentre estes filósofos existencialistas, Karl Jaspers foi o principal suporte de análise para categorizar as obras de Freire e o que há nelas que se podem comprovar as influências existencialistas do autor.

Na análise da teoria e na interpretação dos dados de origem bibliográfica, o objeto da pesquisa (Fenomenologia e Existencialismo nas obras de Paulo Freire) tem como foco seis obras de Paulo Freire, a saber:

¹ Materialismo Histórico-dialético é um referencial teórico-metodológico para análises sobre diferentes temas educacionais e tem estado presente em minha trajetória acadêmico-profissional (TOZONI-REIS, 2004, p.14). Materialismo histórico é mais adequado quando se fala em coisas humanas; e materialismo dialético quando se fala de aspectos não humanos do universo (MAGEE, 2001, p.166). No entanto, o materialismo histórico dialético pode ser utilizado como hipótese metodológica e marco referencial teórico, porque suas categorias e leis, ao se apresentarem como reflexos das propriedades e relações reais, do desenvolvimento do conhecimento e da sociedade (CHAVES; GAMBOA; TAFFAREL, 2003, p.61). No caso desta dissertação, permite uma leitura mais adequada da realidade em dois importantes aspectos: de um lado, dos nexos internos entre existencialismo e Paulo Freire; e, do outro, do pensamento de Paulo Freire, das suas particularidades dentro de suas obras e aspirações do mesmo com relação a Karl Jaspers.

1 – *Educação e atualidade brasileira (1959)*: primeira obra escrita por Paulo Freire e traz uma nova visão sobre o pensamento educacional no Brasil, apontando suas primeiras ideias pedagógicas. (AUTOR, 2016).

2 – *Educação como prática da liberdade (1967)*: obra escrita no momento em que Freire estava exilado. Traz experiências pedagógicas do autor, mas reforçando a postura autocrítica que se pode ter com a educação. (AUTOR, 2016).

3 – *Ação cultural para a liberdade e outros escritos (1976)*: nesta obra, observa-se um conjunto de aspectos diversos frente à realidade brasileira, que se destacam temas como alfabetização, educação, democracia, reforma agrária, entre outros. Reforçando sempre ideais de liberdade, traduzida por uma educação capaz de transformar o aluno, tornando-o crítico. (AUTOR, 2016).

4 – *Extensão ou comunicação? (1971)*: há, na obra, um conjunto de lembranças de Freire, com relação ao meio rural contrapondo-se à formação acadêmica. Em um espaço dividido entre homens que lidam com a vida dura da terra, com a difícil tarefa de se comunicarem com homens estudados (agrônomos). Um espelho da dura vida no campo, com abordagens linguísticas, filosóficas e educacionais, com as quais se compreende a relação entre extensão e comunicação. (AUTOR, 2016).

5 – *Pedagogia do oprimido (1971)*: esta é uma obra que se pode considerar muito rica, entre todas as que foram lidas, pois mostra uma pedagogia preparada para a transformação humana, ou seja, do oprimido. Toda a temática desenvolvida provém dos anos de exílio e de observações da vida brasileira, no olhar de um homem que buscou transformar a vida do oprimido, ou, simplesmente, mostrar a ele que há caminhos diferentes do que o da passividade. (AUTOR, 2016).

6 – *Conscientização: teoria e prática da liberdade (1980)*: nesta obra, observa-se uma postura forte de Freire com relação ao desenvolvimento crítico para se elevar a consciência. É dividida em três partes: na primeira, o autor mostra a dura vida do campo, a realidade de pessoas humildes e o trabalho desenvolvido por Freire de alfabetizá-las e conscientizá-las; na segunda, observa-se a apresentação do método de alfabetização; na terceira, é onde, realmente, se encontra o objeto de análise do livro, ou seja, a educação como prática de liberdade. (AUTOR, 2016).

Todas as obras foram lidas e interpretadas visando a reconhecer, em cada uma delas, influências existencialistas de Karl Jaspers sobre Paulo Freire no momento de sua escrita, formando uma base analítica de grande profundidade, para que possa ser melhor compreendido o tema, e alcançado o objetivo proposto pelo presente estudo.

Paulo Freire foi contemporâneo da veiculação da corrente filosófica existencialista, que se desenvolveu na Europa a partir dos anos de 1930. Esta corrente, porém, está embasada na fenomenologia de Edmund Husserl, mormente na intencionalidade da consciência. (PAIVA, 1980).

É nessa perspectiva que a pesquisa em questão busca, no primeiro capítulo, os fundamentos fenomenológico-existencialistas na obra de Paulo Freire. Para, no segundo, fazer um estudo analítico do existencialismo; no terceiro, apresentar Freire e sua história de vida; no quarto capítulo, estabelecer uma relação entre Freire e o existencialismo, e, por fim, no quinto, apresentar as abordagens, com base em categorias, referentes à influência de Jaspers nas obras de Freire.

CAPITULO 1 - ESTUDO ANALÍTICO E DESCRITIVO SOBRE OS FUNDAMENTOS FENOMENOLÓGICOS

A fenomenologia² tem muitas nuances e seus caminhos refletem saberes que se relacionam entre si, contudo, contrapõem-se de forma rara e, ao mesmo tempo, complexa. Não é fácil um leigo ler estudos na linha fenomenológica e entendê-los de pronto, é necessário um conhecimento, ainda que mínimo, para entender seu desenrolar.

Diante das diversas possibilidades que um indivíduo tem de aprender e de compreender um determinado tema em reflexão ou até mesmo em discussão, emerge o pensamento de que sempre é necessário buscar em estudos e teorias fundamentadas para que se possam ter subsídios necessários para chegar a suas próprias conclusões.

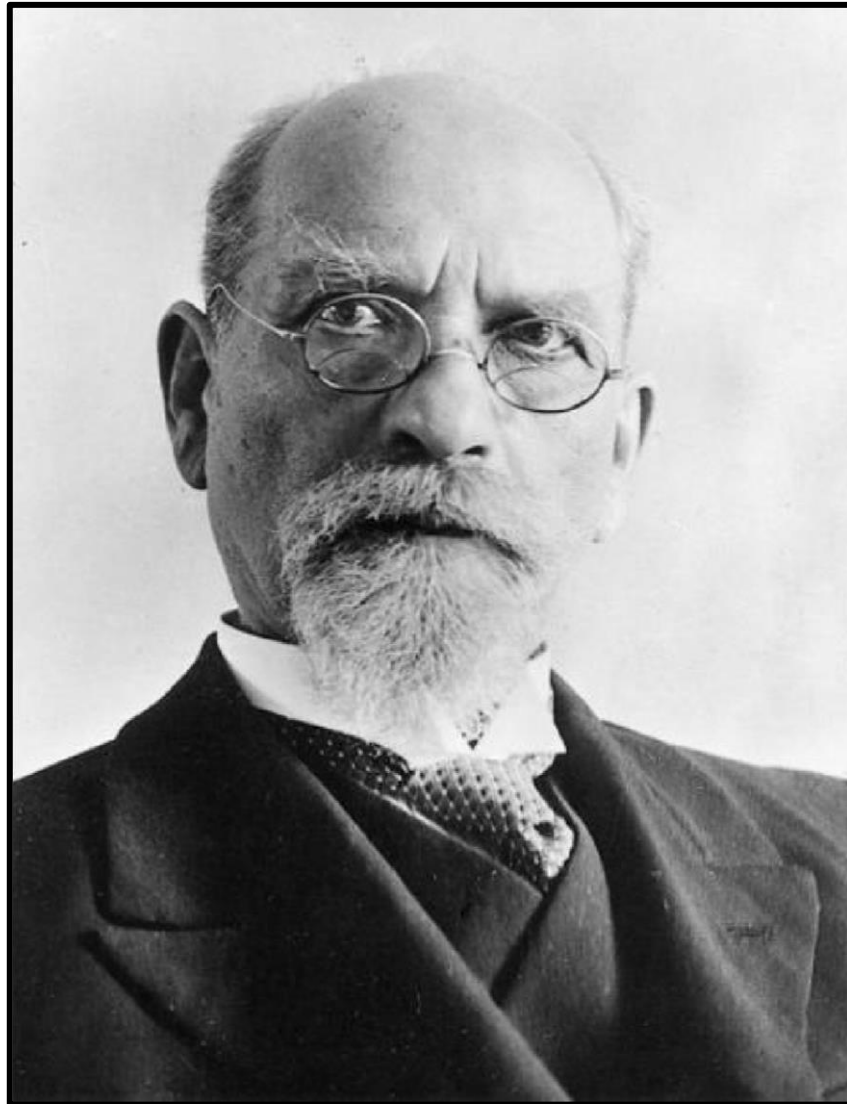
Certamente, para que seja possível compreender os fundamentos da fenomenologia presentes (ou existentes) nas obras de Paulo Freire, faz-se necessária uma análise e uma descrição desses fundamentos em um perfil histórico e, ao mesmo tempo, mantendo uma relação com a existência humana, com o conhecimento e com a filosofia. Eixos de análise que serão explicitados nas pesquisas feitas nas obras freireanas.

1.1 Contexto histórico

As primeiras raízes encontradas sobre fenomenologia datam o início do século XX, uma vez que essa corrente surge como reação ao positivismo científico do século XIX. Nesse, a Psicologia conquistava grande prestígio, bem como era vista como um caminho para se explicar não só a teoria do conhecimento, como também da lógica. Com isso, no início do século seguinte, surge Edmund Husserl (1859-1958), que elabora o método fenomenológico, com destaque em uma das maiores obras, tanto em extensão quanto em profundidade, que até hoje se mantêm desafiadoras para muitos intérpretes. (ZILLES, 2007). A Figura 1 traz uma imagem de Edmund Husserl.

² A fenomenologia teve como precursores Bernhard Bolzano e Franz Brentano e como principais expoentes Edmund Husserl e Max Scheler, que representam as duas posturas opostas quanto à solução final do problema da realidade: Husserl acaba caindo em postura idealista, ao considerar que é a consciência que cria o fenômeno, enquanto Scheler, com sua teoria dos valores objetivos, reconhece que a consciência apenas capta os fenômenos (postura mais realista). (BISSOLI FILHO, 1997. p. 293). Todavia, o presente capítulo delimitar-se-á a analisar a fenomenologia de Edmund Husserl, uma vez que será apresentando as suas influências no pensamento de Paulo Freire.

Figura 1 – Edmund Husserl (1859-1958)



Fonte: Hessler (2016)

Diante dessa realidade, pode-se destacar que a fenomenologia, no final do século XIX, ganha vida por meio dos estudos de Husserl e se torna uma corrente filosófica que, ainda, instiga muitos estudos até os dias atuais. (OLIVEIRA e SILVA; LOPES; DINIZ, 2008). Em um retrospecto histórico, pode-se descrever que até as duas últimas décadas deste século, a cultura europeia estava marcada por concepções filosóficas e políticas, tendo como destaque seu precursor Augusto Comte (1798-1857).

No entendimento de Comte o positivismo é como se fosse uma etapa da humanidade, por sua concepção, a última, havendo uma elevação do “estado teológico” (as explicações provinham de

crenças mágicas) ao estado metafísico (palavras com primordiais para a ocorrência de explicações). Três pontos eram destacados na teoria positivista:

- 1 - Todo conhecimento do mundo material decorre dos dados ‘positivos’ da experiência, e é somente a eles que o investigador deve se ater;
- 2 - Existe um âmbito puramente formal, no qual se relacionam as ideias, que é o da lógica pura e o da matemática; e
- 3 - Todos conhecimento dito ‘transcendente’ – a metafísica, a teologia e a especulação acrítica – que se situe além de qualquer possibilidade de verificação prática, deverá ser descartado. (BORGES; DALBÉRIO, 2007, p. 3).

O positivismo dominou grande parte da cultura europeia e se tornou uma corrente fortalecida por manifestações de diversas ordens: filosóficas, políticas, pedagógicas, historiográficas e literárias. Seu apogeu dá-se do ano de 1840 até quase às vésperas da Primeira Guerra Mundial³ (1914). Na mesma época em que o positivismo se torna conhecido, registra-se também a expansão colonial europeia na África e Ásia, um período marcado pela paz. (REALE, 1991).

Observa-se uma Europa totalmente em transformação política, industrial e social, gerando uma grande revolução na vida da sociedade europeia. Em meio a este cenário,

[...] o emprego das descobertas científicas transformou todo o modo de produção; as grandes cidades se multiplicaram; cresceu de forma impressionante a rede de intercâmbios; rompeu-se o antigo equilíbrio entre a cidade e o campo; aumentaram a produção e a riqueza; a medicina debelou as doenças infecciosas, antigo e angustiante flagelo da humanidade. (REALE, 1991, p. 295).

Realmente, dá-se a forma de uma Revolução Industrial, que modificou muito a vida na Europa, tendo reflexo em todo o mundo de modo geral. Cristalizou-se o entusiasmo em torno da ideia de progresso humano e social, tendo em vista a ciência vinculada à indústria, no enfrentamento dos desafios que a sociedade estava pronta a encontrar devido às consequências do período de guerra.

Novos caminhos e perspectivas de vida foram trazidos pela Revolução Industrial (iniciada na Inglaterra), dentre eles, cidades crescendo, maquinários sendo ampliados, fábricas, nova mentalidade e formas de trabalho, mas, por outro lado, vivia-se também uma parte negra, como más condições de vida e de trabalho dos operários, população extremamente pobre, entre outros fenômenos sociais que incitaram lutas sociais. (GIANOTTI, 2007). No entanto, com tantas

³ Os primeiros registros escritos sobre a Guerra Mundial foram declarados pela imprensa norte-americana. Mas o rótulo Primeira Guerra Mundial surgiu anos depois (1939) quando a *Revista Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso. (SONDHAUS, 2013).

contribuições, o ápice foi a invenção da máquina movida a vapor, permitindo-se a criação de oficinas de trabalhos, manufatura para a indústria, produtos realizados por meio da máquina. Enfim, a sociedade vai se transformando e, aos poucos, criando centros industriais cheios de máquinas e gente. (GIANOTTI, 2007).

Reale (1991) destaca que, no período de 1830 a 1890, a ciência, entrelaçada com a indústria, registrou grande desenvolvimento em suas múltiplas áreas. Entre elas, destacam-se a Matemática, com as contribuições de Cauchy, Weierstrass, Dedekind e Cantor; na Geometria com Riemann, Bolyai; na Química por Belzelius, Mendelejev; a Física apresenta os resultados das pesquisas de Faraday sobre a eletricidade de Maxwell e Herz sobre o eletromagnetismo; na Microbiologia por Pasteur e seus discípulos; na Medicina Experimental e na Fisiologia por Bernard. E, sobretudo, é o período da teoria evolucionista de Darwin e a expansão dos projetos tecnológicos que se destacaram na Torre Eiffel e na abertura do canal de Suez.

A estabilidade política juntamente com o processo de industrialização e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia constituíram o meio sociocultural que fundamentou, exaltou e favoreceu o positivismo, expandindo-o. Com o positivismo fortalecendo-se na Europa, ele propiciou (nas primeiras décadas do século XX) argumentos de cunho científico e metodológico para que os nazistas e fascistas pudessem reproduzir suas experiências. (BATISTA, 2010).

De certa forma, a expansão do positivismo não se situou apenas em uma parte restrita da Europa, todavia em diferentes tradições culturais com seus significativos representantes. (COSTA, 2005). Entre seus precursores estão Augusto Comte, na França, em uma trajetória histórica de Descartes ao Iluminismo; John Stuart Mill e Herbert Spencer, na Inglaterra, marcando o desenvolvimento da tradição empirista e utilitarista, entrelaçando-se com a teoria darwiniana da evolução; Roberto Ardigò, na Itália, identificando-se com o naturalismo renascentista; Jakob Moleschott e Ernst Heckel, na Alemanha, toma a forma de cientificismo e de monismo materialista.

Segundo Reale (1991), apesar de tais diversificações, é possível identificar o positivismo como um movimento de pensamento. Suas teses fundamentais são as seguintes:

- 1) Diversamente do idealismo, o positivismo reivindica o primado da ciência: nós conhecemos somente aquilo que as ciências nos dão a conhecer, pois o único método de conhecimento é o das ciências naturais; 2) O método das ciências naturais (identificação das leis causais e seu domínio sobre os fatos) não vale somente para o estudo da natureza, mas também para o estudo da sociedade; 3) O positivismo não

apenas afirma a unidade do método científico e o primado desse método como instrumento cognoscitivo, mas também exalta a ciência como o único meio em condições de resolver, ao longo do tempo, todos os problemas humanos e sociais que até então havia atormentado a humanidade. (REALE, 1991, p. 297).

Dessa forma, o positivismo pode ser mais bem entendido como ciência quantitativa (critério da interpretação científica quantitativa). O pensamento é que, com a ciência, se resolve tudo (tudo pode ser mensurável). Nesta fase do século XIX, a interpretação matemática da natureza, o saber da física é considerado como a ciência por excelência. E, para o positivismo, o mundo social tem sua existência externa ao homem, sendo suas propriedades medidas por meio de métodos objetivos (TEIXEIRA, 2003), sem considerar relevantes fatores históricos e sociais. (FREITAS, 2007).

Como foi o principal protagonista da história positivista mundial, ele “considerava que a ciência devia ser orientada por um sistema de proposições e de procedimentos que permitissem a construção de teorias e experimentos”. (FREITAS, 2007, p. 2). O pensamento pedagógico positivista voltava-se para a burguesia (ANDRADE; PIVA, 2008); pelo método de pesquisa, o positivismo explicitava que o conhecimento é obtido pela pesquisa científica e experimental, sendo objetivo, quantificável, de realidade estável, observável e mensurável. (TEIXEIRA, 2003).

No entanto, o que todos esses pareceres têm a ver com a fenomenologia? Certamente muito, pois, caso não fosse contrário a estas ideias, talvez este movimento acadêmico e filosófico não teria existido.

Em contrapartida, de forma diferente do positivismo, a fenomenologia encara o mundo e a realidade como elementos socialmente construídos, cabendo ao homem dar significados a eles. Para um entendimento mais específico sobre a corrente fenomenológica, pode-se destacar que ela procura distinguir verdade de aparência. (SOKOLOWSKI, 2004). No âmbito histórico, ela se inicia no princípio do século XX, tendo como seu maior representante Edmund Husserl (1859-1938)⁴. (SOKOLOWSKI, 2004).

⁴ Husserl nasceu em Prossnitz (Morávia) em 1859. Estudou Matemática em Berlim, onde seguiu os cursos de álgebra de Weirstrass. Laureou-se em 1883 com uma tese sobre o cálculo das variações. Em Viena, seguiu as aulas de Brentano, do qual recebeu forte influência contra o psicologismo. Em 1891 publicou a obra “A filosofia da Aritmética”; em 1911 escreveu “A filosofia como ciência rigorosa” e, posteriormente, em 1913, publicou “Ideias por uma fenomenologia pura” e “Uma filosofia fenomenológica”. Em 1916, passou a ensinar em Friburgo, onde ficou até os meados de 1928, época em que foi posto de licença. Como emérito foi impedido de prosseguir suas atividades didáticas, uma vez que, era judeu foi obstaculizado pelo regime nazista. Escreveu, em 1929, “A lógica formal e a lógica transcendental”. Faleceu em 1930. Segundo Reale (1991), ao morrer, Husserl deixou cerca de quarenta e cinco mil páginas estenografadas. Escritos inéditos que foram salvos com grande esforço durante a guerra pelo padre belga Hermann Van Breda, os quais passaram a ser denominados Arquivo Husserl. E destes escritos, em 1931, foram publicadas suas conferências parisienses, sob o título

Ao contrário do positivismo, tinha seus estudos voltados para as experiências humanas, tendo-as com vivência única para cada indivíduo. Assim, parte da perspectiva

[...] de que o mundo e a realidade não são objetivos e exteriores ao homem, mas socialmente construídos e recebem um significado a partir do homem. Nesta visão, a tarefa do cientista social não é levantar fatos e medir a frequência de certos padrões, mas apreciar as diferentes construções e significados que as pessoas possam, a partir de suas culturas, atribuir como sua experiência (TEIXEIRA, 2003, p.183).

Por estas e outras interpretações, torna-se importante elencar a visão de Husserl com relação ao psicologismo naturalista, sobre o qual teceu diversas críticas. No entanto, foi devido ao desacordo com as concepções positivistas de Comte, que surge a fenomenologia. Assim sendo, é necessário analisar a crítica que Husserl faz ao psicologismo naturalista, para, a partir daí, serem enfocadas as categorias da fenomenologia husserliana.

1.2 A crítica de Husserl ao psicologismo naturalista

Analisando a obra de Husserl (1953) “A Filosofia como Ciência de Rigor”, constata-se que ele realizou uma crítica ao Naturalismo e às ciências humanas, sobretudo à Psicologia de sua época que, por seguir os métodos das ciências naturais, denominava-se Psicologismo. Surge, então, o questionamento sobre o que seria Naturalismo. Segundo Husserl, resulta:

[...] do descobrimento da Natureza como unidade do Ser no tempo e no espaço, segundo leis exatas naturais (...) É que em conformidade com as concepções habituais, o cientista dedicado às Ciências naturais tende a considerar tudo como natural, e o erudito dedicado às Ciências morais, a considerar tudo como espiritual, como histórico, errando, por conseguinte, na interpretação daquilo que não possa ser considerado desta maneira. (HUSSERL, 1953, p.9)

No âmbito histórico, o Naturalismo preocupava-se não só com o indivíduo em si, mas com grupos sociais, voltava-se, portanto, para as camadas populares que enfrentavam um constante drama de sobrevivência e permaneciam à margem do processo de ascensão social. (PEREIRA, 2000).

de “Meditações Cartesianas” e também “A crise das ciências europeias” e a “Fenomenologia transcendental”, publicada em 1950, todavia, escrita em 1935-1036

Buscava não somente entender o ser no tempo e no espaço, mas também fazer uma anatomia de seu caráter, comprometendo-se a reformular a sua superação. (AMARAL et al., 2003).

O naturalismo buscava entender e explicar os acontecimentos a partir de leis naturais, sobrepondo-as ao sobrenatural. Destacam-se os fenômenos psíquicos e morais, como sendo puramente explicáveis pelas categorias das ciências naturais. (RITCHIE, 2012). No entanto, com a preocupação em trabalhar o fenômeno na sua totalidade, no concreto, a fenomenologia contrapunha-se ao naturalismo, ao reducionismo, ao cientificismo entre outras correntes, além de deslocar a atenção para a maneira como o fenômeno aparece. (MOREIRA, 2010).

Desta forma, a teoria do conhecimento foi absorvida pela Psicologia, já que, como não se trata mais de buscar os fundamentos últimos do conhecimento, a filosofia poderia ser deixada de lado, tratando-se agora de estudar como os indivíduos, a partir de suas experiências particulares, produzem conhecimentos e teorias sobre o mundo, também particulares. Nessa psicologia, que Husserl vai chamar de psicologismo,

[...] a dimensão psicológica do indivíduo, que opera durante o processo de conhecer, é concebida como um conjunto de mecanismos pertencentes ao sistema nervoso e ao cérebro, que são estimulados por fatos externos causadores de comportamentos ou fatos comportamentais. Assim, o papel de toda e qualquer ciência seria o de estudar e explicar fatos observáveis, sem necessidade de investigações filosóficas, já que estas incidem sobre conceitos, categorias, e criam hipóteses que não podem ser comprovadas pela observação. Portanto as ciências nunca poderiam atingir o ideal de universalidade e necessidade, pois sendo elas, produto de experiências particulares, não poderiam almejar um estatuto de conhecimento universalmente válido. (GIOVEDÌ, 2006, p.42).

Enfim, com a consolidação do naturalismo e da psicologia naturalista, as teorias que buscavam uma fundamentação última e segura para o conhecimento científico sofreram um considerável golpe. Pois, na concepção naturalista, a importância do conhecimento não está no fato de este ser um retrato preciso do mundo, mas sim no seu valor de utilidade, isto é, na sua capacidade de se adequar pragmaticamente à resolução dos problemas que vão surgindo no dia a dia.

É justamente para combater a tese psicologista, que Husserl, mediante o enfrentamento de desafios que implicava os rumos que as suas tendências, no início do século XX, tomariam, traz à luz a fenomenologia. O combate dessas tendências positivistas das ciências do homem (logicismo, historicismo e psicologismo), que reduziam o mundo e a experiência humana a objetos de fácil manipulação, bem como a filosofia ignorando o sujeito (produtor de conhecimento) e o mundo da

vida, Husserl busca um método novo que permitia superar o reducionismo científico e tornar possível o estudo dos fenômenos (aquilo que aparece à consciência), o que é a fenomenologia. (CESCATO, 2011).

1.3 A fenomenologia de Edmund Husserl

O termo fenomenologia provém da palavra fenômeno, em grego *phainomenon*, que se trata de um princípio presente da *phainesthai*, cuja definição é o “que se mostra; o que se revela”. (HEIDEGGER, 2007, p. 67). Duas expressões, ainda podem ser alinhadas no entendimento do termo: *phainomenon* (que mostra por si mesmo, o manifesto) e *logos* (discurso esclarecedor). (SPÍNDOLA, 1997).

Sokolowski (2004, p. 22) define a fenomenologia também com a combinação dessas duas palavras (*phainomenon e logos*), destacando que o significado é “dar conta, fornecendo um *logos* de vários fenômenos, dos vários modos em que as coisas podem aparecer”. O termo fenomenologia significa, portanto, estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, buscando explorá-lo. (OLIVEIRA E SILVA; LOPES; DINIZ, 2008).

O termo pode ser compreendido como estudo dos fenômenos, ou seja, do que

[...] aparece à consciência, do que é dado, buscando explorá-lo. A própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno. (OLIVEIRA E SILVA; LOPES; DINIZ, 2008, p. 255)

Neste aspecto, a fenomenologia se torna uma ciência, pois não se basta em si só, transcende a compreensão do que se pensa, fala, enfim, do que o fenômeno representa e no que ele está vinculado. Compreende-se o fenômeno estudando os fenômenos que o cercam.

A percepção pelos sentidos e pela consciência é a base da compreensão do termo fenomenologia, sendo uma aparência sensível contraposta à realidade, mas considerando o que se manifesta nela, correlacionando ou contrapondo ao que se considera idêntico.

Spindola (1997) define a fenomenologia como sendo um discurso esclarecedor do que se mostra a si mesmo. Ela “reconhece a realidade e a verdade dos fenômenos, as coisas que aparecem”. (SOKOLOWSKI, 2004, p. 22).

Pode-se conceituar fenomenologia, também como:

[...] a palavra-de-ordem da fenomenologia é a do retorno às próprias coisas, indo além da verbosidade dos filósofos. [...] Em suma, procuram-se evidências estáveis para colocar como fundamento da filosofia “sem evidência, não há ciência”, diria Husserl nas *Pesquisas Lógicas*. [...] A fenomenologia não é ciência dos fatos, e sim ciência de essências. (REALE, 1991, p.554)

Inegavelmente, a fenomenologia é uma ciência e, como tal, deve ser vista como sendo uma ampla gama de informação a ser desvelada e, até mesmo, reinventada, conforme os conhecimentos vão sendo agregados ao longo do tempo.

A fenomenologia é a corrente de pensamento estreitamente ligada ao nome do seu iniciador e representante principal, Edmund Husserl, “que recebeu influências do pensamento de Platão, Descartes e Brentano” (OLIVEIRA e SILVA; LOPES; DINIZ, 2008, p. 255), visando constituir a filosofia como uma “Ciência de Rigor”. (TOURINHO, 2012). Além disso, concebeu a fenomenologia como uma filosofia, um enfoque, um método filosófico (FREITAS, 2007; OLIVEIRA e SILVA; LOPES; DINIZ, 2008), um tipo de disciplina pura, não empírica (CERBONE, 2012), o “caminho” da crítica do conhecimento universal das essências, cuja “meta” era a constituição da ciência da essência do conhecimento ou doutrina universal das essências. (GALEFFI, 2000).

Poder-se-á destacar que o ponto de partida da fenomenologia de Husserl é o estabelecimento da relação entre sujeito e objeto. Ele apresenta uma grande novidade quanto a essa questão, visando explicitar como se constitui o conhecimento. Essa é uma das problemáticas mais importantes da filosofia. Mas, como se constitui na modernidade esta problemática? Parafraseando Silva (2015), podemos dizer que há três vertentes: o Realismo, o Idealismo e a Filosofia de Kant.

A Realista sustenta-se no objeto em si mesmo, revela que a representação que o ser humano faz das coisas está subordinada aos objetos em si mesmos, ou às coisas em si mesmas. Aprendidas pelos sentidos e depois registradas pelo intelecto, tendo como ponto de partida para o conhecimento o objeto ou as coisas mesmas. (SILVA, 2015).

A Idealista atém-se à primazia do sujeito, da mente, das ideias que constituem o ponto de partida para a reconstituição de um acordo entre as coisas e a mente, entre o objeto e o sujeito. Uma correspondência estabelecida a partir de uma análise das ideias, o que faz o sujeito chegar até certa conformidade entre essas ideias e as coisas. (SILVA, 2015).

A Filosofia de Kant procura a superação do impasse entre realismo e idealismo, de modo a compreender o verdadeiro contributo que o objeto ou as coisas dão ao conhecimento, bem como a contribuição que o sujeito fornece ao processo de conhecimento. Nota-se um meio termo entre o sujeito e as coisas, cuja busca está na síntese entre os elementos subjetivo e objetivo. Nesse aspecto, o conhecimento é um trabalho conjunto entre apreensão sensível das coisas com o intelecto, que resulta na estrutura para essa compreensão, dando resultado a uma síntese que seria o próprio conhecimento. (SILVA, 2015).

Deste modo, a realidade existe, mas só é apreendida a partir de categorias que provém do sujeito. A partir desta concepção, Kant introduz a ideia de fenômeno que expressa a ideia da realidade, não como ela poderia ser em si mesma (não sabemos como ela poderia ser em si mesma), mas tal como ela aparece a nós, ao sujeito do conhecimento.

Assim sendo, por meio da noção de fenômeno, leva-nos a compreender que não existe objeto que não esteja comprometido com o sujeito que o conhece ou o representa. Isto é, de um lado, há o sujeito do conhecimento que é apenas uma consciência que apreende o fenômeno. E, por outro lado, temos o objeto que é o fenômeno apreendido pela consciência. Neste caso, a apreensão é denominada como assimilação das coisas pelo sujeito que as percebe.

Husserl não concorda com essa teoria do conhecimento até então. Segundo ele, havia certo desequilíbrio na relação entre sujeito e objeto, ou na relação entre a consciência e as coisas. De tal modo que as coisas acabariam perdendo a sua realidade, a sua autonomia nesse processo de apreensão. Desta forma, o propósito da fenomenologia de Husserl vai ser o de voltar-se às coisas primeiras, isto é, é necessário voltar às coisas mesmas. (SILVA, 2015).

Husserl quer superar esse conflito. Não se trata de uma concepção entre sujeito e objeto, entre a consciência e as coisas para ver quem vai se sobressair. Se é o sujeito que vai constituir o objeto, se é a consciência que vai prevalecer sobre as coisas ou se, ao contrário, é o mundo que vai constituir a consciência, ou se são as coisas que vão prevalecer sobre a consciência. Então, essa competição é uma maneira inadequada de considerar a nossa relação com o mundo e, principalmente, com o conhecimento.

Husserl encontra esse equilíbrio quando percebe que a consciência é sempre consciência de alguma coisa. E propõe, portanto, que a consciência deve ser purificada desses pressupostos, desses amálgamas naturalistas que comprometem a nossa relação com as coisas. Assim sendo, o conhecimento acontece no encontro entre a consciência e o mundo, entre a consciência e as coisas. E

é nessa relação bipolar que se constitui o conhecimento. Portanto, nem a consciência sozinha constitui o conhecimento e nem as coisas sozinhas constituem o conhecimento. (SILVA, 2015).

De acordo com Freitas (2007), a fenomenologia, no mais amplo entendimento, é uma ciência eidética descritiva, compreensiva e não explicativa. Ela se projeta na compreensão do fenômeno, que precisa ser intuído e não apenas descoberto. O fenômeno tem forma e possui uma essência (o que o caracteriza como de fato o é).

Com a pretensão de ser a ciência das essências, fundamentada na análise e descrição das essências, a fenomenologia se processa de forma que o entendimento se revela pela sua essência. Neste aspecto, o fenomenólogo

[...] não manipula dados de fato, mas essências; não se interessa pelo comportamento moral desta ou daquela pessoa, mas pretende conhecer a essência da moralidade e ver se a moral é ou não fruto de ressentimento. O fenomenólogo cumpre funções bem diferentes das cumpridas pelos cientistas. A consciência é intencional, é sempre consciência de alguma coisa. (REALE, 1991, p.555).

A fenomenologia pretende ser a ciência de essências e não de dados de fato, uma ciência de fenômenos, que pretende descrever estes e como se apresentam diante da consciência. Trata-se da ciência de experiência, não de dados de fato. Pois Husserl demonstrou que era necessário fazer distinção entre o fato e a essência, permitindo-se justificar a lógica e a matemática. (OLIVEIRA, 2013).

A fenomenologia vista como um método, uma disciplina ou, simplesmente, um caminho a seguir denota uma compreensão sobre o fenômeno como ele é, em uma lógica científica capaz de aludir a uma percepção em nível de consciência. De certa forma, a “fenomenologia proporciona o saber-compreensão, que se fundamenta no rigor, pois procura valorizar o ser na sua singularidade, uma vez que se preocupa com o que se repete, com o que se manifesta. (OLIVEIRA e SILVA; LOPES; DINIZ, 2008, p. 256).

Para Zilles (2007), Husserl é contrário à ideia de que os fundamentos de uma lógica normativa e de uma teoria do conhecimento se encontram na psicologia, não aceitando a consequência empírica do psicologismo. De certa forma, a defesa de Husserl “ganhou impulso no final do século XIX, princípio do século XX, durante a crise do subjetivismo e do irracionalismo” (OLIVIERA e SILVA; LOPES; DINIZ, 2008, p. 255). Ele fez da fenomenologia “uma meditação sobre o conhecimento, considerando que tudo que é dado à consciência, é o fenômeno. Para ele, a consciência

é intencional e não está fechada em si mesma, mas se define como certa maneira de perceber o mundo e seus objetos”. (BORGES; DALBÉRIO, 2007, p. 5).

Husserl procurou passar ao mundo que a fenomenologia era uma meditação lógica, que ultrapassava as próprias incertezas da lógica, por meio de uma linguagem (*logos*) em que se exclua a incerteza. (OLIVEIRA E SILVA; LOPES; DINIZ, 2008, p.255). Nesse contexto, ele nega que as leis lógicas, sustentáculos da unidade de toda ciência, possam ser fundamentadas na psicologia, ciência empírica. (ZILLES, 2007).

Pode-se ressaltar que Husserl tinha como crença “a edificação de uma ciência transcendental dos fenômenos da consciência enquanto consciência, tomando distância do ceticismo reinante no ambiente intelectual da sua época”. (GALEFFI, 2000, p. 19). Para ele, os fenômenos são acessíveis pela intencionalidade que caracteriza a consciência humana. (CERBONE, 2012). Para Silva, Lopes e Diniz (2008), a fenomenologia é uma orientação do pensamento europeu, à qual submeteu a concepção positivista a uma crítica radical do que se apresenta ao ser.

Husserl entende que a fenomenologia

[...] é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais. (ZILLES, 2007, p.218).

Vislumbrava a subjetividade transcendental⁵, a qual se configurava pela investigação fenomenológica da construção de toda validade ôntica (diz respeito ao ente), sendo necessário pensar e rever seus fundamentos para, assim, tornar possível a Filosofia e as Ciências Humanas. (CERBONE, 2012). Em outras palavras, ele procura superar a oposição entre objetivo e subjetivismo, satisfazer a objetividade do conhecimento (ideal ou real) e a subjetividade do cognoscente, sucumbindo, inclusive, o psicologismo. (ZILLES, 2007).

Observa-se que Husserl teve como direção no contexto da fenomenologia, o caminho a ir às coisas, cuja descrição é de compreender o olhar sobre essas coisas e, ao mesmo tempo, evidenciar o

⁵ Fenomenologia da consciência constituinte e, portanto, não lhe pertence sequer um único axioma objetivo (referente a objetos que não são consciência...).(GALEFFI, 2000, p.17).

fenômeno em si mesmo. A vida é uma experiência individual, própria de cada um, como tal o fenômeno pode ser questionado à medida que se pretende compreendê-lo. (OLIVEIRA e SILVA; LOPES; DINIZ, 2008).

Husserl não caminhou sozinho e seu pensamento, ou a forma de ver e destacar a fenomenologia não parou com suas próprias convicções, teve vários seguidores e críticos. Freitas (2007) destacou como principais: Martin Heidegger, Merleau-Ponty, Paul Ricoeur e Alfred Schütz. No entanto, por razões diversas estes foram ajustando seus propósitos, uns em uma perspectiva mais próxima a Husserl, outros em perspectiva mais distanciada. (COSTA, 2014).

1.4 Algumas categorias fenomenológicas

1.4.1 O fenômeno

Etimologicamente, fenômeno vem da palavra grega *phainomenon*, participio presente de *phainesthai* que significa aparecer. Aparecer carrega dois significados: ato de ocultar a realidade e manifestação ou revelação da mesma realidade.

Dessa forma, pode ser compreendido como tudo quanto é percebido pelos sentidos ou pela consciência; tudo o que se observa de extraordinário no ar ou no céu. Nesse sentido, o fenômeno é a aparência sensível que se contrapõe a realidade, podendo ser considerado manifestação desta, ou que se contrapõe ao fato, do qual pode ser considerado idêntico.

Parafraseando Abbagnano (1982), a partir das *Investigações lógicas* (1900-1901) de Husserl, fenômeno começou a indicar não só o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas também aquilo que aparece ou se manifesta *em si mesmo*, como é em si, na sua essência. Assim sendo, em Husserl, o fenômeno começou a indicar aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. Mas para isto exige a reflexão filosófica, que não é uma manifestação natural da coisa.

1.4.2 A intencionalidade – consciência de

Intenção e consciência, talvez sejam estes os dois pontos mais conflitantes ou instigantes da compreensão sobre a fenomenologia. Tanto que Husserl caracteriza a intencionalidade a característica

essencial da consciência. Em um ponto estratégico, as vivências intencionais (intencionalidade) norteiam ou impulsionam o sujeito para seu objeto, portanto nada mais é do que essa particularidade, que tem a consciência de ser consciência de algo, representando uma característica essencial da esfera das experiências vividas. Intencionalidade é o que caracteriza a consciência em sentido grave e concordante, indicando como corrente de experiência vivida a corrente da consciência e como unidade de consciência. (ZILLES, 2006, p.173; HUSSERL, 2008, p.30).

Nesse aspecto, a fenomenologia passa a ser vista como sendo a ciência das essências, dos modos típicos do aparecer e da manifestação dos fenômenos à consciência tendo como qualidade fundamental a intencionalidade. (SANTOS, 2008). Pode-se assegurar, diante desta realidade, que a consciência

[...] não é uma coisa entre as coisas, não é um fato observável, nem é, como imaginava a metafísica, uma substância pensante ou uma alma, entidade espiritual. A consciência é pura atividade, o ato de constituir essências ou significações, dando sentido ao mundo das coisas. Estas – ou o mundo como significação – são o correlato da consciência, aquilo que é visado por ela e dela recebe sentido. Não sendo uma coisa nem uma substância, mas puro ato, a consciência é uma forma: é sempre consciência de. O ser ou essência da consciência é o de ser sempre consciência de, a que Husserl dá o nome de intencionalidade. (CHAUI, 1995, p.237).

Nesta ótica, o mundo (a realidade) formado por coisas, fatos, pessoas, objetos, seres, ideias, entre outros, não existe em um contexto isolado, são elementos que estão indiscutivelmente, sempre ligados, necessariamente, aos atos de consciência. Destarte, existe uma unidade irreduzível composta por consciência de alguma coisa, como por exemplo, a consciência de ser, a consciência de um objeto, a consciência de um fato, a consciência de uma pessoa, a consciência de uma ideia.

Husserl⁶ (2008, p. 30) também destaca que “a intencionalidade significa que a consciência só existe como consciência de algo e, por outro lado, o objeto só pode ser definido em sua relação com a consciência por ser sempre objeto-para-um-sujeito”. O objeto, neste ponto de vista, tem sentido apenas para a consciência que o está vislumbrando, o que faz com que as essências não existam fora do ato da consciência. Isso demonstra ser a filosofia de Husserl uma constância na busca por descrever atos intencionais da consciência e dos objetos visados por ela (em uma análise noético-noemática⁷).

⁶ Também encontrado em Zilles (2006, p.173).

⁷ Explora o processo de síntese e sua contrapartida horizontal. O recurso à *noesis* e ao *noema* indica a complexidade estrutural da experiência, envolvendo o processo de experienciar (*noesis*) e o conteúdo experienciado (*noema*). (CERBONE, 2012).

Diante dessas colocações, consciência é sempre consciência de algo, quando se percebe, imagina-se, pensa-se, enfim, logo há intencionalidade da consciência visando algo. Percebe-se que a consciência tem intenção com relação às coisas (fatos). A consciência visa a olhar as coisas, isto é, sou consciente de alguma coisa, todavia, esse “de” não significa que a coisa tornou-se minha, porém, eu sou consciente que ela existe fora de mim. Portanto, o sujeito, esse ato de conhecer, Husserl chama-se de ego; e o processo do conhecimento acontece no encontro entre a consciência e o mundo, entre a consciência e as coisas.

Neste entendimento,

[...] Husserl não se contentaria, a partir de então, com coisa alguma que não se revelasse em seu *sentido próprio* à consciência como um dado absolutamente evidente (para usar uma expressão sua, que não se revelasse “em pessoa”), mantendo-se, com isso, fiel ao propósito de garantir não o rigor ao modo das ciências ditas “positivas” (o rigor do método experimental), mas sim, o rigor absoluto necessário à pretensão de fundamentação do saber filosófico a partir do que é suscetível de ser conhecido de modo originário. (TOURINHO, 2012, p.1).

No campo da fenomenologia, Husserl passa a ser referência clara da relação da intencionalidade e da consciência de modo a mesclar ambas, em um contexto, relacionado à análise noético-noemática. Não para justificar que a intencionalidade é consciência de algo, mas de mostrar que dois processos podem ocorrer para gerar maior significado, distinguindo sujeito e objeto.

Husserl, explica

[...] que a distinção entre sujeito e objeto é dada imediatamente: o sujeito é um eu capaz de atos de consciência como perceber, julgar imaginar e recordar; já o objeto é o que se manifesta nesses atos, ou seja, corpos percebidos, imagens, pensamentos, recordações. [...] Nas *Ideias*, Husserl chama de *noeses* o ter consciência e *noema* aquilo de que se tem consciência. As essências ou significações (*noemas*) são objetos visados de certa maneira pelos atos intencionais da consciência. (REALE, 1991, p. 554).

Dessa forma, a consciência se diferencia da coisa que ela visa. A coisa existe na sua solidez, fora da consciência. Neste sentido, a consciência não é um receptáculo, não é um órgão que tem por função metabolizar a realidade, mas ela vai na direção das coisas; ela desliza na direção das coisas.

Portanto,

[...] a consciência não deve ser pensada como um receptáculo vazio, e o objeto com um dado opaco. A consciência é um ato: o ato mesmo de tornar o mundo um objeto de compreensão e de definir o homem como sujeito em face dos objetos do

mundo. O objeto constitui-se com tal enquanto assumido no ato da consciência: é seu termo, sua especificação. (VAZ, 2001, p.249).

A consciência é um ato e, por ser assim, não pode ser ignorada, bem como o objeto também, pois não se trata de uma forma que a consciência o vê, o especifica. Doravante, a consciência não é coisa, mas o que dá sentido a ela; no entanto, esse sentido não se constata à forma de uma coisa, mas se interpreta. (ZILLES, 2006; HUSSERL, 2008).

A consciência, portanto é intencional. [...]. Escreve Husserl:

Não vejo sensações de cores, senão coisas coloridas, nem ouço sensações de som, senão a canção da cantora”. [...] E o que se manifesta e aparece é o “fenômeno” em que por fenômeno não devemos entender a aparência contraposta à “coisa em si”: eu não escuto a aparência de uma música, eu escuto a música; eu não sinto a aparência de um perfume, eu sinto o perfume; nem tenho a aparência de uma recordação, eu tenho uma recordação. (HUSSERL apud REALE, 1991, p. 563).

No entanto, a consciência é puro ato intencional, pois coisas, seres e objetos só existem enquanto polos sobre os quais a consciência se intenciona. Só existem enquanto entidades visadas pela consciência. Não são, portanto, coisas em si, mas sim essência, significações, fenômenos.

Enfim, tomando por base que a fenomenologia pode ser vista como sendo a intencionalidade da consciência, pode-se destacar ser este um conceito muito importante frente à crítica ao positivismo e ao psicologismo, pois traz à luz diversas indagações, principalmente, a descrita por Husserl (2008, p. 87) que explica que “No perceber propriamente dito, que é notar algo, estou voltado para o objeto, por exemplo, para o papel, eu o apreendo como este que é aqui e agora”. Daí, o que foi dito até o momento, é que a consciência se intenciona, ou seja, o objeto só se constitui quando assumido pela consciência.

Outra visão importante, cercada pela análise da fenomenologia e estudos mostrados por Husserl, está na *epoché* ou redução fenomenológica, que é, junto com a intencionalidade, outra ferramenta da fenomenologia. (CESCATO, 2011). Essa será analisada no próximo item de estudo.

1.4.3 A *epoché* (epoqué) ou redução fenomenológica

O termo grego *epoché* (epoqué) significa “parada”, “obstrução” sendo muito frequente seu uso na filosofia cética. Husserl (2008) destaca o *epoché* como sendo um método da filosofia, no qual

pensava fundamentar a fenomenologia como sendo uma ciência rigorosa, voltada para as coisas, para como estas são realmente. Trata-se da redução (ou *epoché*) que, portanto, pode ser vista como um “procedimento pelo qual a fenomenologia obtém acesso à esfera da consciência transcendental e suas essências puras e atos intencionais, para torná-los disponíveis a uma descrição fenomenológica”. (CESCATO, 2011, p.269).

De forma precisa, a *epoché* tem por finalidade:

[...] ir às coisas, às coisas em carne e osso, ou seja, a fim de encontrar pontos sólidos e dados indubitáveis, coisas tão manifestas a ponto de não poderem ser postas em dúvida e sobre as quais poder saber uma concepção filosófica consistente, que Husserl propõe a *epoché* (...), como método da filosofia. (REALE; ANTISERI, 1991, p. 563).

O problema da *epoché* não se resume na existência do mundo, mas no significado que ele tem. (HUSSERL, 2008). É posta aqui a liberdade, digamos assim, de compreender algo, mediante o que ele representa, tirando-se as dúvidas, dando lugar a consciência.

De certa forma, a redução é a operação:

[...] pela qual a existência efetiva do mundo exterior é “posta entre parênteses” para que a investigação se ocupe apenas com as operações realizadas pela consciência, sem se perguntar se as coisas visadas por ela realmente existem ou não. Através da redução, Husserl pretende “suspender” a tese do mundo natural. (MOREIRA, 2010, p.725).

A investigação, portanto, não se limita a uma extensão de eventos externos e internos de um determinado objeto, mas sim, parte de como a consciência pode representá-lo para, assim, investigá-lo e compreendê-lo. Por isso explica Tourinho (2012, p.1) que a redução fenomenológica “faz reaparecer, na própria camada intencional do vivido, a verdadeira objetividade pela qual o objeto intencionado é, enquanto conteúdo intencional do pensamento, constituído e apreendido intuitivamente”. A partir de então, Chauí (1995) destaca, como Zilles (2006), entre outros, que Husserl faz distinção a dois níveis ou momentos da redução fenomenológica, o que pode ser explicado como:

[...] o primeiro diz que a redução consiste na busca pelo significado ideal e não empírico dos elementos empíricos. Procuram-se essências ou significado; Enquanto o segundo afirma ser a redução transcendental, porque visa à essência da própria consciência enquanto constitui-se ou produz as essências ideais. É neste nível que *noesis* e *noemas* revelam-se como absolutamente prioritários. (KERN, 2004, p.38).

Redução é tirar aquilo que não serve até restar o essencial. Reduzir é buscar a essência. A redução eidética (do grego *eidos*) é buscar ver a essência. Desta forma, reduzir significa talhar uma coisa, como, por exemplo, madeira que, uma vez talhada, chega à forma de uma imagem; ou uma rosa que, ao se tirar as pétalas, chega-se ao botão; ou uma palmeira que, ao se tirar a casca chega, ao palmito limpo e puro. Com estas analogias é possível compreender a redução fenomenológica.

Sanchez (2014, p. 19) explica que a “*epoché* ou a redução fenomenológica permitirá um “voltar-se” comprometido com os fundamentos da constituição de sentido das possibilidades de conhecimento”. Neste contexto, esta redução se faz, basicamente, necessária para pormenorizar o que se pretende conhecer melhor e, assim, abrir preceitos para que novos conceitos, conhecimentos, aprendizados possam ser construídos.

Desta forma, no decorrer dos estudos, percebe-se a redução como um processo, ao mesmo tempo uma forma de destacar a complexidade do desvelar das coisas, que, para Husserl, não só descrevia a coisa em si (pormenorizando-a), mas como abrigava um conhecimento maior originado dentro da própria consciência. E é precisamente, esta última palavra, a ponte de acesso para o próximo tópico, uma vez que, a consciência é a palavra-chave para se compreender o existencialismo enquanto corrente filosófica.

1.5 Da fenomenologia ao Existencialismo

Nesta seção, será ampliado o leque desse estudo, destacando o existencialismo, como ponto de análise para a concretização do objetivo do mesmo. Mas, antes disso, é necessário apontar o nexo da fenomenologia com o existencialismo.

Já foi ressaltado, anteriormente, que o ponto de partida da fenomenologia de Husserl é a relação entre sujeito e objeto. Desta mesma forma, o vínculo da fenomenologia com o existencialismo remete justamente a essa relação pela busca do conhecimento.

De acordo com Silva (2015), em um artigo escrito sobre Husserl, Sartre aponta uma crítica ao pensamento clássico francês, como se o mesmo fosse um pensamento “aranha”, isto é, como se o pensamento fosse uma espécie de alimentação, nutrição; como se aqueles pensadores tivessem uma concepção alimentar do espírito. É contrapondo a essa concepção que Sartre vai achar em Edmund

Husserl uma maneira de superar esse estágio que Sartre e seus companheiros consideram primitivo, da filosofia e da concepção do conhecimento. (SILVA, 2015).

Sartre aponta, dessa forma, a novidade apresentada pela fenomenologia de Husserl, que é justamente a impossibilidade de dissolver as coisas na consciência, ou seja, a consciência não é um receptáculo, não é um órgão que tem por função metabolizar a realidade. Assim sendo, é o mesmo que dizer que a consciência e o mundo surgem simultaneamente, isto é, o mundo surge para a consciência, ao mesmo tempo em que escapa dela.

O que Sartre mostra a, partir de Husserl, é que conhecer não é tomar posse das coisas, mas que no processo do conhecimento, a consciência vai em direção às coisas, ela desliza na direção das coisas, e é precisamente esse processo que constitui a intencionalidade, esse visar às coisas.

Apoiado na reflexão de Husserl, Sartre denomina que a consciência é translucidez, significa que a consciência é um vazio, é um ato, é um simples movimento; é um vento que se lança livre na direção das coisas e que, portanto, não pode captá-las e aprisioná-las nessa realidade sólida de um compartimento intelectual. (SILVA, 2015).

No entanto, mediante a atual reflexão, é notória a presença da fenomenologia como base e fundamento do existencialismo, mormente no que condiz à intencionalidade da consciência. Parafraseando Reale (1991), Sartre retoma de Husserl a ideia de intencionalidade da consciência. Em sua obra, *A transcendência do Ego*, Sartre esclarece que o eu não é habitante da consciência, pois ele não está na consciência, mas fora dela, no mundo.

Sartre deixa claro que a primeira coisa a ser feita é expulsar as coisas da consciência para recuperar a consciência como vazia, como movimento de consciência posicional. Isto é, enquanto consciência posicional de alguma coisa, ela sempre se posiciona frente aos objetos.

Em sua obra, *O Ser e o Nada*, Sartre enfoca:

[...] que uma mesa não está na consciência, nem mesmo a título de representação. Uma mesa está no espaço, próxima a janela etc. [...] O primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação dela com o mundo, isto é, de que a consciência é consciência posicional do mundo. (SARTRE, 1997, p. 22)

Destarte, fica claro que Sartre concorda com Husserl que, antes de tudo, a consciência é sempre consciência de algo, de algo que não é consciência. A consciência visa e desliza em direção

aos objetos, mas nenhum desses objetos é a consciência. Dessa forma, a consciência está no mundo, mas não está ligada a ele. A consciência, que vem a ser existência ou o homem, é, portanto, absolutamente livre.

Em suma, uma vez analisada a relação da fenomenologia com o existencialismo, mormente no que tange à intencionalidade da consciência em Edmund Husserl e Jean Paul Sartre, o próximo capítulo tem como objetivo uma análise sobre o existencialismo, para, diante desta orientação, tornar possível apontar a fundamentação dessa corrente no pensamento pedagógico de Paulo Freire.

CAPITULO 2 - ESTUDO ANALÍTICO E DESCRITIVO SOBRE O EXISTENCIALISMO

O existir é um dado, uma incógnita, porém, ao mesmo tempo, uma parte da pesquisa científica que resulta na procura do saber em como se dá a existência humana. No existencialismo, o homem procura saber como se sente, como vê o universo, o que o tempo e o espaço são para ele, porque vive, porque tem medo, pelo que aceitaria a morte. (ALLPORT, 1973).

Enfim, nesta busca, que se faz eterna e tempo inconstante, busca-se analisar a essência do existencialismo, para entendê-lo não como um fenômeno criado em um dado momento no tempo, mas para investigar com ele reveste a importância do existir, principalmente, considerando o homem como elemento norteador para essa análise.

2.1 Breves aspectos que envolvem o Existencialismo

O existencialismo é visto, por muitos, como uma extensão sem precedentes na história da filosofia, conseguindo captar uma atenção significativa do mundo em geral. (REYNOLDS, 2012). Para outros, está presente largamente na psicologia pela contribuição de Sartre, um dos maiores filósofos de todos os tempos, em se tratando do existencialismo. (SCHNEIDER, 2008). E, finalmente, para muitos outros, o existencialismo foi uma corrente filosófica de investigação sobre a existência humana. (SÁ, 2009).

Inegavelmente, um dos nomes mais destacados, quando se fala em existencialismo é o de Jean-Paul Sartre. Ele é, por muitos, considerado o precursor desta “corrente” filosófica, para Pereira (2009), talvez ele seja o maior exemplo de que a vida humana não é definível essencialmente. Reynolds (2012) descreveu que tamanha foi sua influência, em sua época, que no momento de sua morte estima-se que o número de pessoas presentes (1980) tenha variado entre 50.000 a 100.000.

O existencialismo, de um modo particular, foi dimensionado para designar o nome de uma corrente filosófica contemporânea, fundada no continente europeu, depois de terminada a 1ª Guerra Mundial. (ZILLES, 1995). No entanto, foram a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã da França que intensificaram as preocupações existenciais, principalmente, nos eixos temáticos da liberdade, da responsabilidade e da morte. (REYNOLDS, 2012). Sendo assim, entende-se o

existencialismo, como sendo uma corrente filosófica, que surgiu na Europa entre essas duas guerras. (CORDÓN; MARTÍNEZ, 2014).

De modo particular, essa corrente filosófica demarca um amplo movimento com representantes na filosofia e na literatura e teve repercussões nos campos religioso, artístico, ético e social. (COLETTE, 2013). Zilles (1995) explica que este foi um movimento que gerou muitas críticas no início, mas que se desenvolveu na Europa ocidental, durante os séculos XIX e XX, intensificando-se diante das exposições de Sartre, mas foi ganhando campo pelo mundo.

Recebeu o nome de Existencialismo devido aos grandes expoentes que o envolvem e, principalmente, pela necessidade de seus precursores de desvelarem a natureza da existência do Ser, ou seja, a existência humana. (ZILLES, 2007).

Neste aspecto, o existencialismo, já naquela época, expressava e levava a

[...] conscientização à situação histórica de uma Europa dilacerada física e moralmente por duas guerras de uma humanidade europeia que, entre as duas guerras experimentam em muitas de suas populações a perda da liberdade com regimes totalitários [...]. (REALE; ANTISERE, 1981, p. 593)

Ao contrário do que se pode imaginar, partindo do significado da palavra existir, projetando a vida humana, o existencialismo não se tratava de uma filosofia para entender ou falar de Deus, nem mesmo se aproximava ou gerava meios para entender as nuances da cosmologia. Também não pode ser vista ou entendida como uma filosofia do mundo, ou, simplesmente, da natureza.

O existencialismo não pode ser visto como uma corrente que representa um movimento filosófico único, unificado (REYNOLDS, 2012), mas pode ser entendido como sendo uma reflexão filosófica que pode ser feita sobre o Homem, enquanto ser existente, parte de uma natureza, portanto, visto como uma antropologia. (MENDONÇA, 2013).

A filosofia ou corrente existencialista, fundamenta suas raízes em uma situação cultural e política de crise, exprime a desorientação e desenraizamento, gerados por uma mudança cultural muito profunda de valores e princípios, configurando e sustentando uma sociedade que passava por momentos de grande desgaste. Realidade, que afunilava talvez sentimentos de dor, de angústia e de indagações sobre a própria existência humana e sua razão de ser (CORDON, 2014).

Descrita como sendo um conjunto de doutrinas para Sartre (OLIVEIRA, 2009; SOUZA, 2011), ou como “uma doutrina que formula o problema da dimensão do ser do homem, afirmando que o existir é uma dimensão primária e radical e que todas as demais coisas se dão na existência”.

(AVILLEZ, 2010, p.45). Para outros como Collette (2009), não pode ser vista como doutrina, quando comparada a sentimentos como angústia, intensos sentimentos interiores autodestrutivos.

Giordani (1976, p. 20) destaca a visão do filósofo existencialista, ou seja, mostra que este “se preocupa antes de qualquer coisa pelo sujeito concreto e existente, pelo eu, pelo mundo da consciência da reflexão subjetiva, pela reação do sujeito ao contato com os objetos externos”. No emaranhado que envolve o termo, pode-se dizer que grandes ideias filosóficas, por exemplo, de Kant e Hegel, entre outros, deram leituras impressionantes sobre o existencialismo.

O existencialismo, a princípio, mostra-se como sendo um momento derivado de grandes ideias, especialmente da filosofia pós-kantiana, dividida em duas correntes: a idealista, representada por Hegel que diluía o homem no momento de uma ideia, (o homem era valorizado na ideia); e a materialista, que compreendia o homem na perspectiva da matéria e tendia a reduzi-lo a uma Coisa. (REYNOLDS, 2012; CORDON, 2014).

Para um melhor entendimento, pode-se ressaltar que, contrário ao idealismo, reagiu Kierkegaard, que foi seguido por Sartre que, por sua vez, perante o caráter universal, intelectual e determinista do Hegelianismo, opôs o interesse pelo singular, pela vontade e pela liberdade. Anterior a Sartre, Nietzsche, sem abandonar inteiramente o terreno materialista, reagiu contra o idealismo, procurando valorizar o homem pela convergência terrena para o “Super-Homem”.

Assim sendo, o próximo tópico a ser descrito, faz um paralelo entre a essência e existência, para melhor compreender a temática que envolve o existencialismo.

2.2 A existência precede a essência

O existencialista vê o homem como ser finito, jogado no mundo, dilacerado por situações problemáticas e absurdas. É restritamente pelo homem, em sua singularidade, que o pensador existencialista se interessa.

O homem enfatizado pela filosofia existencialista é o único sujeito digno da existência, isso porque ele é o único ser que pode filosofar. Destarte, a existência é um poder-ser; é possibilidade; não é essência ou coisa dada por natureza, é incerteza, risco e indecisão. Para os desprovidos de razão, como as coisas e os animais, não são outra coisa além daquilo que são; apenas são o que são, porque sua natureza é determinada. Só o homem possui o direito de escolher o que ele decidir ser.

O pensador existencialista rejeita toda investigação em torno da essência e da razão última das coisas, ou seja, a filosofia especificamente sobre o problema da existência, à qual aplica seus métodos mais subjetivos e intuitivos de uma maneira peculiar e unilateral. Tem por tarefa compreender concretamente o abstrato e tentar provar racionalmente a existência das coisas. É por esse motivo que o pensamento existencialista é mais bem expresso em romances, poesias e peças teatrais, pois essa literatura permite expressar melhor certas matrizes emocionais da existência que o pensamento lógico jamais conseguiria.

Embora os filósofos considerados existencialistas discordem com frequência uns dos outros e, às vezes, até se mostrem ressentidos por serem classificados como tais, foram agrupados neste mesmo movimento porque partilharam os mesmos interesses, problemas e ideias. O princípio de que alguns têm em comum em sua filosofia é o de que a existência precede a essência.

Ao formular o pensamento existencialista sobre a liberdade, Sartre chefiou dentro do movimento existencialista uma corrente ateísta. Para Sartre e também para os demais existencialistas, a ideia central de todo pensamento sobre a existência é que a existência precede a essência. Para aprofundar-se no significado desta frase é preciso rever qual conceito de existência persiste no interior do existencialismo, e o que quer dizer essência na tradição filosófica.

Na ótica da tradição filosófica, essência diz respeito àquilo que é, ou seja, o que é, é. É aquilo que faz com que o ente seja o que é. Designava aquilo que uma coisa é em si mesma. Posteriormente, o termo passou a significar a abstração máxima deste ser, em oposição à sua existência, que nomeia aquilo que existe concretamente. No entanto, em seu sentido estrito, essência é aquilo pelo qual uma coisa é o que ela é, e a difere de qualquer outra coisa. A existência atualiza a essência, o ato propriamente de ser.

Nesse caso, a essência

[...] corresponde ao que Platão chamava ideia, e ao que Aristóteles chamava forma. O ser é o que é na medida em que tem uma essência, ou forma conjunto de atributos ou de propriedades que o caracterizam e distinguem dos demais seres. (...) A essência, portanto, como dizia Aristóteles, é o ser potencial, ou moralmente possível. (ENCICLOPEDIA Mirador Internacional, 1976, p. 4459-4460)

Em relação à existência, Reale e Antiseri (1991) afirmam que ela é constituída do sujeito que filosofa e o único sujeito que filosofa é o homem. Desse modo, ela é exclusivamente típica do homem, já que o homem é o único sujeito a filosofar. A existência não pode ser considerada como

essência, coisa dada por natureza, realidade determinada e não modificável. As coisas, as plantas e os animais são o que são e permanecem o que são. Mas o homem será o que ele decidiu ser. O seu modo de ser, a existência, é um poder ser, um sair em direção à decisão da autonomia.

Neste aspecto, partindo-se do princípio de que existir é um ser possível, pode-se destacar:

[...] as pedras são, mas elas não existem fora do ato mental, único que pode fazê-las existir. A existência, com efeito, não é um estado, mas um ato, a passagem mesmo da possibilidade à realidade. Como indica a etimologia da palavra, existir é partir daquilo que se é (*ex*) para se estabelecer (*sistere*) no nível daquilo que não era, antes, mais que possível. (GIORDANI, 1976, p. 22).

Resulta-se assim, que o único ser possível à existência é o homem. O homem é só existência, portanto não é substância; não é essência. Assim, depois de elucidar os sentidos de essência e existência, será possível entender porque Sartre diz que a existência precede a essência. (ZILLE, 1995, p.59). No entanto, pode-se destacar que Sartre adverte “mas se verdadeiramente a *existência precede a essência*, o homem é responsável por aquilo que é”. (MENDES, 2009, p.92).

Em sua obra *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre usa como exemplo um objeto fabricado para explicar esta frase “a existência precede a essência”, mas, primeiro, descreve como seria a questão na qual a essência precederia à existência. (MENDES, 2009).

Nos objetos, a essência precede a existência, porque há um artífice criador que doa uma essência. Diante, desta realidade, segundo Sartre

[...] quando o fabricante produz algo, tem antes em mente o ser do objeto que será fabricado. Da mesma forma, uma pessoa que crê em Deus supõe que ele seja o artífice superior que criou o homem segundo um modelo, tal qual o artesão faz com qualquer objeto. Daí deriva a ideia de que o homem teria uma natureza humana encontrada igualmente em todos os homens. Segundo essa concepção, a essência precede a existência. (SARTRE apud MENDES, 2009, p.90).

Destarte, o conceito de homem no espírito de Deus é semelhante ao conceito de corta-papel no espírito de seu artífice. Deus cria o homem conforme determinadas técnicas e em função de determinada concepção, do mesmo modo como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Quando há um artífice, este imprime essência em tudo o que cria. (ZILLES, 1995; REYNOLDS, 2012).

Contudo, no que tange à frase “a existência precede essência”, Sartre define que, em primeiro lugar, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem só não é passível de uma definição, porque, de início, não é nada; só poderá ser alguma coisa posteriormente e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Primeiramente, o homem existe e só depois se descobre, isto é, define-se. (SARTRE, 1987).

O homem não é pré-definido, só depois ele será alguma coisa e tal como se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para o conceber. O homem é não só apenas como ele concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, assim, o homem não é mais do que o que ele faz de si mesmo. O homem é apenas aquilo que ele busca ser, ele é uma série de tentativas e execuções. Ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem essa busca. O homem é o seu projeto. (SARTRE, 1987).

Ainda, torna-se importante destacar palavras de Sartre:

[...] a doutrina que lhes estou apresentando é justamente o contrário do quietismo, visto que ela afirma: a realidade não existe a não ser na ação; aliás, vai mais longe ainda, acrescentando: o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais do que sua vida. (SARTRE apud PESSANHA, 1984, p.13)

Todavia, a essência, que é posterior à existência, é fruto de escolhas. O homem não tem desculpas, uma vez que todos seus atos são inteiramente explicações de sua escolha. Esta escolha se processa a cada momento; assim, ele vai construindo a sua essência, que não está dada previamente, mas se efetiva na sua existência. Sua definição é ato histórico de sua consciência, de sua liberdade. O que significa que sua definição não se torna algo permanente, não ocorre de uma vez para sempre. Está sendo sempre inventada a sua essência.

Sartre elucida que há dois tipos de existencialismo e isto faz com que as coisas se tornem complicadas:

[...] por um lado, os cristãos - entre os quais colocarei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica - e, por outro, os ateus - entre os quais há que situar Heidegger, assim como os existencialistas franceses e eu mesmo. O que eles têm em comum é simplesmente o fato de todos considerarem que a existência precede a essência, ou, se preferir, que é necessário partir da subjetividade. (SARTRE, 1987).

Em consequência da situação histórica em que o homem vive, o existencialismo é uma corrente de pensamento ainda viva em nossos dias. Em um mundo onde há muita miséria, a qual gera

a dor. A dor, por sua vez, gera a revolta, que faz surgir o pecado e, por consequência, o desespero. Alguns pensadores existencialistas cristãos como Gabriel Marcel e outros conseguiram superar a barreira do desespero com a fé em Cristo. Por outro lado, os não cristãos foram levados a pôr um fim de qualquer jeito a essa situação negativa.

Assim sendo, o próximo tópico, objetiva-se a entender ainda que de forma sucinta, as duas vertentes: o existencialismo ateu e cristão.

2.3 Existencialismo Ateu

O termo “ateu” pode ser compreendido, como “que ou quem nega a existência de qualquer divindade”. (MORGAN, 2010, p.7). Sendo assim, o existencialismo ateu é aquele cujos membros não acreditam na divindade, em qualquer que seja. De um modo mais relevante, não acreditam em Deus. Em nada que se aplique a ele, em questão de divindade, sendo um descrente, da matéria religiosa.

Portanto, para o existencialismo ateu, Deus não existe, por isso tudo o que se entende como fundamento universal também não existe, originando uma subjetividade moral. Daí, muitas referências feitas à angústia, que denotam fragilidade do ser humano, tendo esta responsabilidade pela sua essência e não Deus. (CORDON, 2014).

Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) é o principal representante do existencialismo, de um modo bem particular, ao chamado existencialismo ateu. A Figura 2 é a imagem de Jean-Paul Sartre.

Figura 2 – Existencialista Ateu - Jean-Paul Sartre (1905-1980)



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Jean-Paul+Sartre>. Acesso em: 25 maio 2016

Este, pela sua essência, não relaciona a existência a Deus. Publicou obras significativas sobre o existencialismo como *L'Existencialisme est un Humanisme (O Existencialismo é um Humanismo)* em 1946, e *L'Être et Le Néant (O Ser e o Nada)* em 1943. Ambas são desafiadoras no ponto de vista da compreensão da existência; polêmicas para o entendimento cristão sobre existência, mas de grande essência, diante da busca pelo descobrir do ser humano e sua essência. Sartre relaciona existência e essência, afirmando a primeira preceder a segunda. (OLIVEIRA, 2009; AVILLETZ, 2010; REYNOLDS, 2012; CORDON, 2014). Para ele, a primeira existe para que a essência seja determinada depois, principalmente, considerando as ações e a forma de viver do ser humano. (COLETTE, 2013). Contraria o existencialismo cristão, pois, para Sartre, o homem era o responsável pela sua essência, e não Deus. (OLIVEIRA, 2009; AVILLETZ, 2010; REYNOLDS, 2012; CORDON, 2014).

Segundo Sartre, o termo existencialista foi empregado para as coisas mais diversas e díspares: chamavam-se alguns pintores de existencialistas; alguns jornalistas da época assinavam como o existencialista. Porém, o uso indiscriminado da palavra ou do termo existencialismo foi, aos poucos, associando-se, no imaginário da época, a uma literatura rebelde e solitária, quase sem esperança.

Pode-se destacar que

[...] a maioria das pessoas que utilizam este termo ficaria bastante embaraçada se tivesse que justificá-lo: hoje em dia a palavra está na moda e qualquer um afirma sem hesitação que tal músico ou tal pintor é existencialista. (...) essa palavra assumiu atualmente uma amplitude tal e tal extensão que já não significa rigorosamente nada. (...) as pessoas ávidas de escândalo e de agitação, estão se voltando para esta filosofia. (SARTRE, 1987, p. 4).

Jean-Paul Sartre elucida que a atitude existencialista foi aceita, principalmente, por pessoas jovens, quase indicando, com isso, uma diferença de geração. De certo modo, isto é compreensível, pois a tendência da juventude é sempre buscar contestar algo, procurar sucesso, buscar uma nova identidade, enfim, objetiva um mundo diferente.

A filosofia existencialista de Sartre não foi bem-vinda para os cristãos, inclusive sua autoridade máxima o Papa Pio XII, dizia que esta era uma das doutrinas mais ameaçadoras que a Igreja já teve. Inclusive, isso foi dito em uma encíclica, exclusivamente, direcionada às correntes filosóficas modernas. (PENHA, 1995, p.10).

Sartre foi, de certo modo, um verdadeiro divulgador do existencialismo, através de suas conhecidíssimas e atraentes novelas e peças teatrais e, principalmente, por meio de sua obra *O Existencialismo é um Humanismo*.

[...] este humanismo de Sartre não se pode confundir com o humanismo clássico, que almeja a realização integral e harmônica da natureza humana potenciada na razão. Nem com o humanismo cristão que vê a realização absoluta da natureza humana em Deus através da ascese; nem com o humanismo moderno que celebra no mundo da divindade do homem. O humanismo de Sartre é o humanismo heroico e vão do homem sozinho em face do nada, em uma existência que é dor, angústia e desespero. (PAEDOVANI; CASTAGNOLA, 1990, p. 492).

Portanto, o humanismo existencialista significa que a existência humana consiste em projetar-se, em transcender-se, em orientar a sua subjetividade na direção daquilo que a ultrapassa, o

universo dos outros homens. Legislador de si mesmo, o homem deve decidir, no abandono e na solidão, sua própria vida.

2.4 Existencialismo Cristão

Este se mantém em contraposição com o existencialismo ateu, pois o cristão destaca a crença no existir, direcionada à fé cristã, direcionada a Deus a vida, o existir como se proviesse da fé divina, enquanto o existencialismo ateu era de ideia contrária. Oliveira (2013) coloca Marcel como o principal representante do existencialismo cristão, no entanto, Karl Jaspers também é um de seus representantes, um alemão de cultura religiosa cristã. (REYNOLDS, 2012).

2.4.1 Karl Jaspers

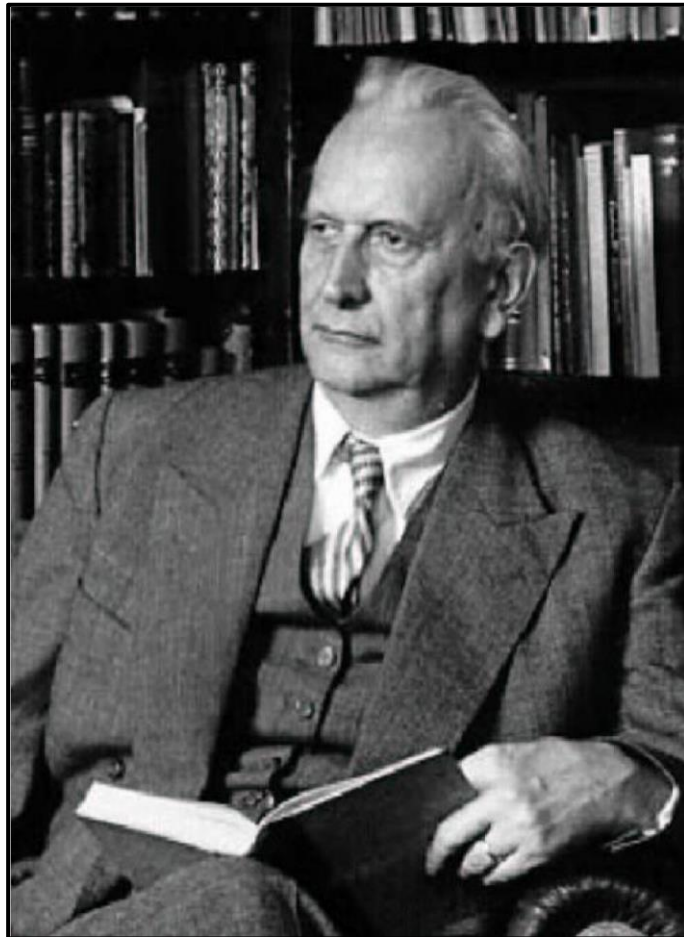
Karl Jaspers, alemão, nasceu em 1883 e morreu em 1969. Desenvolveu a noção de “*Existenz*”, argumentando que não temos um eu determinado ou essencial; o eu é, em troca, somente suas possibilidades e o que ele pode se tornar. Além disso, sugeriu que a revelação da falta de qualquer eu essencial se verifica em “situações-limite”, que incluem morte, o sofrimento e a culpa. (REYNOLDS, 2012).

Jaspers era filho de um banqueiro, nasceu em Oldenburg, Alemanha, em uma família judia. Depois de completar os estudos secundários, foi encaminhado pelo pai ao curso de Direito, mas o abandonou logo após o terceiro semestre. Dedicou seus estudos à Medicina, onde compreendeu sua verdadeira vocação. Tornou-se, no período da faculdade, um assistente voluntário na clínica psiquiátrica de sua instituição formadora, tendo a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre o ser humano, em todas as suas nuances. (VILLELA, 2013, 343).

Portanto, Karl Jaspers iniciou seus estudos em Direito, mas formou-se em medicina, tornando-se psiquiatra e investigador. (PERDIGÃO, 2001). No exercício da profissão, horrorizado e indignado com a forma como os pacientes mentais eram tratados, afastou-se da lida clínica e passou a se dedicar unicamente à Filosofia. Porém, antes de sua saída, reuniu suas opiniões clínicas e desenvolveu um livro intitulado por *Psicopatologia Geral* (1913), que se tornou referência nos diagnósticos das enfermidades psiquiátricas e libelo contra a tortura rotineira nos institutos clínicos. (VILLELA, 2013). Sua passagem para a Filosofia se deu em 1921, tornando-se um renomado professor. Ainda, interlocutor de Kierkegaard e de Nietzsche, ele, juntamente com Heidegger, tornou-

se um dos mais interessados em analisar a existência humana e, com isso, renovou o pensamento filosófico do século XX. (PERDIGÃO, 2001). A Figura 3 apresenta uma imagem de Karl Jaspers.

Figura 3 – Existencialista Cristão – Karl Jaspers (1883-1969)



Fonte: Disponível em: <http://1000kitap.com/yazar/Karl-Jaspers>. Acesso em: 25 maio 2016.

Para Jaspers, as reflexões sobre o ser e sobre a existência se dão em extremas condições, situações-limite que o ser humano vivencia em sua vida cotidiana e que o levam a refletir muito sobre o que acredita ser de si, mesmo percebendo-se como ser, ou indagando-se como SER.

A filosofia existencial de Jaspers destacou-se por três conceitos fundamentais: Dasein – Existenz – Transzendenz, ou seja, ser-objeto, existência e transcendência. (PERDIGÃO, 2001). Nesses conceitos, destaca sua forma de encontrar na realidade, uma forma de melhor entender a vida e definir a existência. De certa forma, não propunha “definir”, mas sim, buscar mostrar como se move no âmbito do existencialismo humanista, como foi visto.

De acordo com Oliveira (2013), Jaspers também foi um grande contribuinte da filosofia existencialista, destacando que a existência (enquanto corrente filosófica) tem como ponto central reflexões sobre a realidade humana, enquanto SER existente. Nesta magnitude, Jaspers caminha nos moldes de Marcel, ou seja, situa-se no campo do existencialismo cristão.

Jaspers abre a via cristã ao existencialismo, e propunha que a existência do nada de sua existência só resta ao homem a aposta no absoluto, tido como Deus. (NUNES, 1997, p. 90).

De acordo com Perdigão (2001), Jaspers nunca aceitou ser chamado de existencialista, pois não defendia esta filosofia, o que para ele seria reduzir tudo a mera existência, transformando-a como algo absoluto, aniquilando, desse modo, seu sentido. Talvez, até deixando de acreditar nos princípios que realmente deveriam ser levados em consideração, como a vida. Para ele, a existência não seria algo absoluto, mas sim possível.

Não há muitos estudos sobre Jaspers, o que limita conhecê-lo, ou descrevê-lo na sua essência com relação ao existencialismo. No entanto, é fato afirmar que há um consenso de que o mundo é mais que o mundo e que não há Existência sem Dasein, mas o Dasein não é a Existência. Para ele, este é o verdadeiro valor da existência, que implica em unir-se ou separar-se. (PERDIGÃO, 2001).

2.4.2 Gabriel Marcel

Gabriel-Honoré Marcel nasceu em Paris, França, em 1889. Ele foi um filósofo católico, teatrólogo e crítico dramático (CARVALHO, 2011), e morreu em 8 de outubro de 1973, em Paris. Pode-se ressaltar que Marcel procurou traduzir direta e intensamente o sentido dramático da existência humana. Inclusive, descreveu que estava convencido de que “no drama e através do drama que o pensamento metafísico se apreende a si mesmo e se define in concreto”. (DEMETRIUS, 2015, p.303).

Gabriel Marcel foi um existencialista cristão e escreveu uma obra numerosa e nada sistemática. Trata-se de um *filósofo*-escritor e não de um *filósofo*-professor, com pensamento de estilo meditativo e reflexivo. (ZILLES, 1995). A Figura 4 demonstra o filósofo Gabriel Marcel.

Figura 4 – Existencialista Cristão – Gabriel-Honoré Marcel (1889-1973)



Fonte: Disponível em: <http://www.nndb.com/people/407/000170894/>.

Foi um dos grandes nomes da filosofia de sua época, autor de grandes obras⁸ e conferencista, enfim, marcou a história literária filosófica. Dois temas não lhe faltaram devida atenção, primeiro, a fenomenologia, da qual destaca Husserl, e, segundo, o existencialismo do qual destaca Kierkegaard. Deixando suas impressões digitais em ambas, Marcel deve ser destacado no âmbito da filosofia, mais propriamente, neste momento em que se coloca em discussão o existencialismo cristão.

⁸ Dentre elas: *Diário Metafísico* (1927); *Posição e aproximações concretas do mistério ontológico* (1933); *Ser e Ter* (1933); *Da recusa à inovação* (1940); *Homo Viator: Prolegômenos de uma metafísica da esperança* (1944); *Existencialismo e pequeno cristão* (1947); *Olhar para trás* (1947); *Os Homens contra o Humano* (1951) e *O homem problemático* (1955). (CARVALHO, 2011, p.11).

De acordo com Carvalho (2011), o tema central da obra de Marcel é a condição do homem moderno. No entanto, destaca-se, o mesmo, por meio da filosofia da esperança. Esta que é destaque na forma de pensar, de refletir e de criticar de Marcel.

Para Reynolds (2012), este pensador católico ofereceu uma descrição mais otimista do mundo e do relacionamento do ser humano com os outros do que Sartre, Kierkegaard, entre outros. Neste aspecto, ele entende que parte do homem é existência encarnada na realidade, envolto ao que ele vive, experimenta, interage, tendo uma filosofia, portanto, voltada à experiência concreta vivenciada no seu dia a dia, reforçando que a primeira experiência humana é justamente a certeza de seu existir.

Zilles (1995, p.7) apresentou diversas análises ou mesmo exposições sobre Marcel, entre elas pode-se destacar “a existência tem uma exigência de transcendência”. Como negar a Deus, pois aqui o existir está direcionado ao transcender, é elevar-se ao altíssimo.

De certa forma, Marcel leva o ser humano a refletir. Na verdade, ele faz esta mediação autorreflexiva, percebe-se que ele se volta para os moldes da fé cristã vinda desde Agostinho, Pascoal e Kierkegaard, até os dias de hoje, quando o cristianismo ainda tem força no campo religioso.

Nos seus preceitos filosóficos, Marcel “propõe substituir a ausência pela presença, a tradição pela fidelidade, a negação pela fé, o desespero pela esperança”. (ZILLES, 1995, p.9). Frase que remete a uma forte oração cristã, a “Oração de São Francisco de Assis⁹”. Nesta antítese, observa-se uma justaposição de Marcel sobre a vida, na temporalidade que ela ocorre, mas, ao mesmo tempo, trazendo o que é positivo, para se acreditar na existência.

Neste aspecto, Marcel vê a possibilidade de o homem ir além de suas manifestações sensíveis, sendo possível responder a este problema a partir das observações das experiências existenciais fundamentais, que seriam a fidelidade, a esperança e o amor. (CARVALHO, 2011).

Por este motivo, afirma Zilles (1965, p. 10) que “Marcel desenvolve uma filosofia da esperança como antítese do existencialismo de Sartre”. A remodelagem aqui se desenvolve em mostrar que há esperança, que deve o ser humano acreditar, que não veio por acaso, que não está vivo

⁹ Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver ofensa, que eu leve o perdão; onde houver discórdia, que eu leve a união; onde houver dúvida, que eu leve a fé; onde houver erro, que eu leve a verdade; onde houver desespero, que eu leve a esperança; onde houver tristeza, que eu leve a alegria; onde houver trevas, que eu leve a luz. Ó Mestre, Fazei que eu procure mais Consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.

por mera coincidência do acaso, que existir não é tão complexo como destaca Sartre. Existir é o caminho da vida. Afinal, para Marcel “o homem é itinerante, ou seja, *homo viator*. É um ser encarnado, a caminho da vida, neste caminho a esperança é a abertura do saber encarnado. A esperança leva-nos a contestar tudo que existe”. (ZILLES, 1995, p.10).

Contrário ao entendimento de Sartre sobre o existir, Marcel destaca ser o “homem feito para Deus e não pode deixar de reconhecê-lo”. (ZILLES, 1995, p.10). Na verdade, Deus é mais do que o resultado de tudo o que se vê, ou se reconhece, não é um problema e pode ser visto e entendido como um mistério, o que é reconhecível, pois é de fato algo que o ser humano desconhece. No entanto, é importante ter uma opinião sobre ele, ou seja, que ele seja reconhecido, aceitado ou, simplesmente, negado. Neste princípio, só o fato de haver uma discussão sobre Deus, ele passa a existir.

Zilles (1995, p.10) reforça que, para Marcel, a figura de Deus é indiscutível, pois ele afirma que o “filósofo não deve discursar sobre Deus, mas falar com Ele”. Talvez isto exprima o existencialismo de uma forma ingênua, mas o coloca indiscutivelmente, como um ponto a ser refletido, quando se destaca que a vida precede de algo, que é Deus, pois a ele é dada a referência.

De certa forma, para Marcel a “estabilidade deste mundo repousa na fidelidade como testemunho ou como presença criadora”. (ZILLES, 1995, p.10). Mais uma vez, são perceptíveis as metáforas direcionadas a Deus, ou seja, ao divino e se destaca a fidelidade como presença criadora, ou seja, ao Deus que o ser humano é fiel, está a presença criadora. Neste aspecto, poderia ser afirmado que Sartre, não sendo um ser “fiel”, de fé, um cristão, logo não acreditaria nesta fé criadora.

Marcel destaca que Deus “mais que uma ideia, é presença na vida concreta de seres encarnados, participantes no ser e, ao mesmo tempo, no ser divino. Por isso a existência de Deus surge, no homem, de maneira ordinária como busca do absoluto, como exigência de transcendência”. (ZILLES, 1995, p.11). Novamente, revela-se que Deus existe pelo simples fato do ser humano acreditar, da necessidade da existência como transcendência.

Em consequência da situação histórica em que o homem vive, o existencialismo é uma corrente de pensamento ainda viva em nossos dias. Em um mundo onde há muita miséria, a qual gera a dor; a dor, por sua vez, gera a revolta; a revolta faz surgir o pecado e, por consequência, o desespero. Alguns pensadores existencialistas cristãos como Gabriel Marcel e outros conseguiram superar a barreira do desespero com a fé em Cristo.

Por outro lado, os não cristãos foram levados a pôr um fim de qualquer jeito a essa situação negativa: “Nessa altura, quando não há mais filosofia, e sim postura e comportamento, a única saída,

se o existencialista não teve coragem de suicidar-se, é o caminho do hedonismo, é o *carpe diem* (goza o teu dia) dos romanos, que faziam do prazer do dia de hoje o fim de sua vida”. (OLIVEIRA, 2009, p.63)

No entanto, mesmo buscando o entendimento do existencialismo ateu e cristão pode-se destacar que ambos têm princípio norteador que é a existência sobre a essência. Na verdade, “o existencialismo está em uma linha de afirmação religiosa, pois, de certo modo, supõe-se que a precedência está na existência primeira e absoluta que é Deus, da qual existência e essência são criadas”. (ROMANO, 2002, p.44).

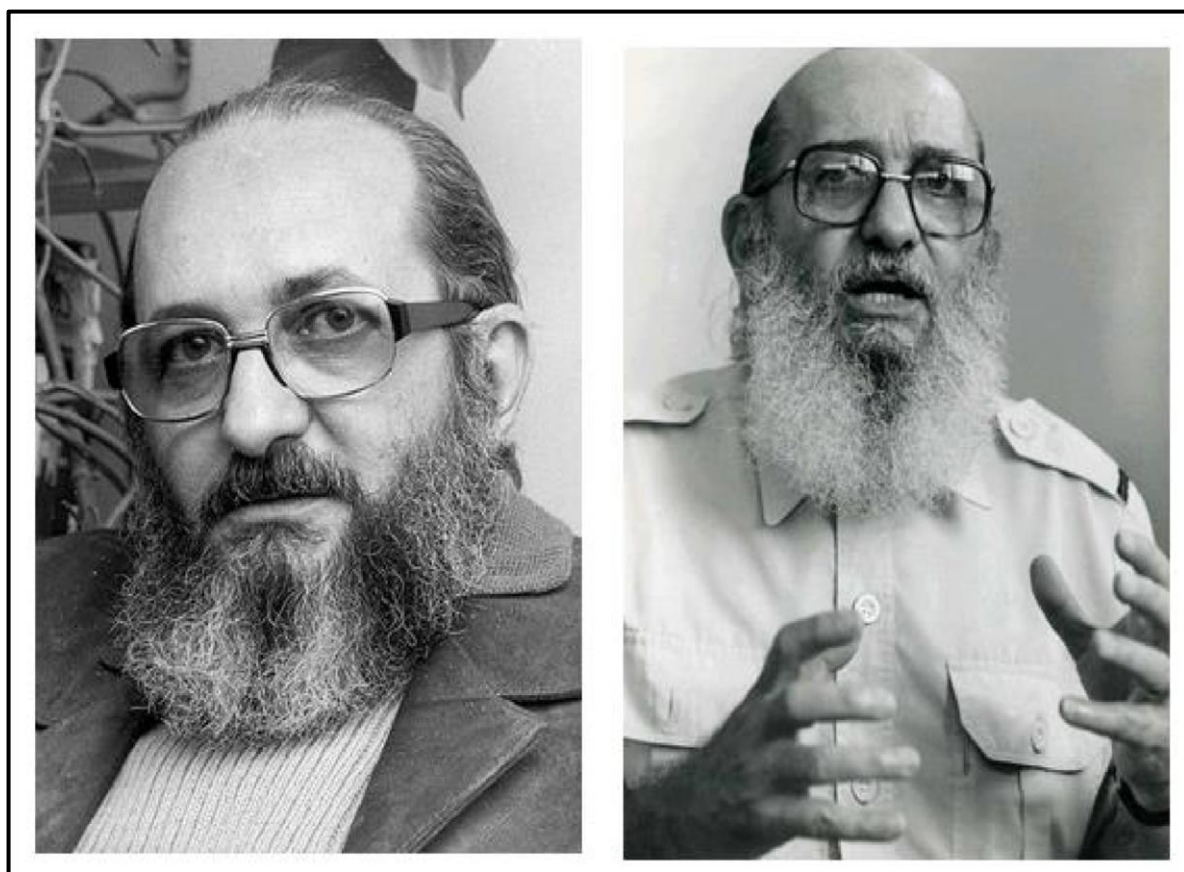
O próximo capítulo apresenta a pessoa do educador Paulo Freire, para que possa ser descrita um pouco de sua história, com o objetivo de trazer a público o célebre mestre, ao qual a educação brasileira tem muito a reconhecer, como um homem de grande impacto na formação educacional do país, principalmente, na educação de jovens e adultos.

CAPITULO 3 – PAULO FREIRE, VIDA E OBRA

Nesse momento do estudo, torna-se importante desvelar o provocador desse estudo idealizado e expresso por essa dissertação, que é a pessoa, o educador e ser humano Paulo Freire. Momento esse que se abre por meio de uma análise para o conhecimento de sua biografia, sua visão educacional sobre a alfabetização, à qual dedicou efetivo empenho e um pouco do que acreditava ser o educador (crítico, reflexivo e ideário).

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco, onde cedo pôde experimentar as dificuldades de sobrevivência das classes populares. (INSTITUTO PAULO FREIRE, 2016). A Figura 5 mostra dois momentos da vida do escritor Paulo Freire.

Figura 5 – Dois momentos de Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997)



Fonte: Instituto Paulo Freire, montagem do autor (2016).

Paulo Freire teria explicado que o nome “Reglus” que é diferente, na Língua Portuguesa, teria sido invenção do pai Joaquim Temístocles Freire:

[...] Reglus, foi invenção do meu pai. Não sei qual foi a influência latina que ele teve, quando foi me registrar. O fato é que Reglus deveria ser Re-gu-lus, mas o sujeito do cartório errou e escreveu Reglus. Comecei a ser conhecido como Paulo Freire desde a minha adolescência. O nome por extenso, na verdade nunca pegou. (BARRETO, 2004, p.17)

Em 1927, Freire foi alfabetizado em uma escolinha particular da professora Eunice Vasconcelos, momento do qual se lembra com muito apreço pela professora, mas que destaca ser uma educação muito conservadora. Em 1931, muda-se para Jaboatão dos Guararapes/PE, onde passou grande parte da sua infância. Em 1934, Freire perde o pai, Joaquim, quando tinha apenas treze anos. Nesta cidade, completou seu curso primário, mas, para continuar os estudos, teria que se mudar para Recife, porém esta continuidade dos estudos somente seria possível se ele não tivesse que pagar a escola. D. Tutinha, sua mãe, procurou, durante algum tempo, por uma escola que oferecesse bolsa para Paulo. Lembra-se com orgulho da mãe dizer que conversara com D. Aluizio, diretor do Colégio Oswaldo Cruz, que oportunizou seus estudos. Deste colégio, saiu apenas para cursar Direito, mas voltou a ser professor de Português durante o tempo que fazia faculdade. (BARRETO, 2004).

Freire iniciou o ginásio, 1º ano, aos 15 anos. Seu primeiro trabalho foi no SESI - Serviço Social da Indústria e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. De grande perspicácia e de muita coragem, foi um mestre exemplar, travou diversas “lutas” para defender o que acreditava, posicionando-se sempre de forma reflexiva e idealista. Não deixou de criar ideias, métodos e de transformar a realidade por onde passava, foi um educador à frente do seu tempo.

Para Freire, os dez anos que passou no SESI foram tão importantes para a sua formação pedagógica que ele se referia a este período como o tempo fundante, porque via nele o começo de sua compreensão do pensamento, da linguagem e da aprendizagem dos grupos populares. (BARRETO, 2004, p.25).

Freire conheceu sua grande parceira, de 42 anos de união, Elza Maia Costa de Oliveira Freire. Paulo Freire costuma dizer que não foi ele que a encontrou, mas sim, que o encontro teria dado certo. (BARRETO, 2004). Tão certo que em 1944, aos 23 anos casou-se com Elza. A Figura 6 é uma imagem de Elza Maia Costa de Oliveira Freire.

Figura 6 – Elza Maia Costa de Oliveira Freire (1916-1987)



Fonte: Barreto (2004, p.23).

Elza nasceu em junho de 1916, em Recife, Pernambuco. Seus pais eram Alberto Melo Costa Oliveira e Josefa Maria Costa Oliveira. Tinha dois irmãos: José de Melo (Zé de Melo) e Elba Maia (Bila). Uma família íntegra, de valores morais e preceitos conservadores, com educação e cultura voltadas a valores simbólicos e de consumo. Junto com Freire, Elza realizou trabalhos e elaborou propostas político-pedagógicas de cunho libertador, emancipatório, crítico. Desde o final dos anos de 1950, dão eles subsídios para a educação de jovens e adultos. (SPILON, 2016).

Elza foi professora normalista aos 19 anos, tinha preferência pelo trabalho educacional de crianças em processo de alfabetização, em que se especializou, sendo uma das pioneiras em envolver a arte no trabalho da educação. No começo da década de 1940, lecionava no Instituto Pedagógico de

Recife, atuando na formação continuada de professores, permanecendo até 1964, quando partiu para o Chile, no exílio. (SPILON, 2016).

Freire iniciou, de fato, sua filosofia educacional, em 1959, ao escrever sua tese de concurso para a Universidade. Mas, em 1963, sua filosofia educacional ganha maior força, ao trabalhar na alfabetização em Angicos, Rio Grande do Norte. (GADOTTI, 1989; INSTITUTO PAULO FREIRE, 2016).

Pela biografia de Freire exposta por Gadotti (1989), foi possível estabelecer três visões deste educador: visão de homem, de educação e de escola:

- A visão de Freire sobre o homem: Para ele, o mundo tinha qualquer coisa de errado que precisava ser corrigido.
- Visão sobre a Educação: O professor deve transformar o mundo. Considerava impossível a pessoa educar para si só.
- Visão sobre a escola: Paulo Freire achava que um dos grandes pecados da escola é desconsiderar a bagagem com que a criança chega na escola.

A vida educacional de Freire foi marcada pela coragem, seu empenho em melhorar a educação foi de grande importância para melhorar a visão sobre a mesma, principalmente, quando o tema a ser discutido era a alfabetização. Para ele, é “um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para sua libertação fez dele um dos primeiros brasileiros a serem exilados”. (INSTITUTO PAULO FREIRE, 2016, p.1).

Paulo Freire viveu em uma época em que a liberdade de expressão era proibida, havia muita censura, uma época da repressão política, o auge do militarismo. No dia 31 de março de 1964, Paulo Freire, que se encontrava em Brasília ativamente envolvido com os trabalhos do Programa Nacional de Alfabetização, impedido de assinar o pedido de exoneração coletiva, foi destituído de suas funções de Conselheiro. (GADOTTI, 1989).

De acordo com Gadotti (1989, p. 25), entre as experiências desse período que marcaram a sua vida, encontra-se o MCP (Movimento de Cultura Popular) em Recife, bem como seus estudos sobre a linguagem popular e erudita que fez enquanto professor de língua Portuguesa.

Freire sofreu muito por expor o que acreditava, pensava, enfim, por ser um homem de princípios. Foi preso por setenta dias, na ditadura (Golpe Militar de 1964). Depois deste tempo foi

“convidado” a deixar o país, no bom português, foi exilado, primeiramente, na embaixada da Bolívia e depois vai para o Chile.

Freire fala desta época com muita tristeza, declarando:

[...] “o golpe de Estado em 1964 não somente deteve o esforço que fazia no campo da educação de adultos e da cultura popular, como me levou a prisão por cerca de 70 dias. Fui submetido, durante quatro dias, a interrogatórios que continuaram depois do IPM do Rio de Janeiro” (...) “fui considerado como ‘subversivo internacional’ como um ‘traidor de Cristo e do povo brasileiro’. Um dos juizes perguntou-me: ‘Você nega que seu método é semelhante ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini? Você nega que com seu pretensioso método você quer mesmo é bolchevizar o país?’”. (BARRRETO, 2004, p.30).

Esse foi um dos momentos mais difíceis da vida de Paulo Freire, analisando-se sua trajetória. Além da pressão, da visão distorcida de seus métodos pelo governo, das humilhações e torturas ainda, perdeu o direito de viver em sua própria pátria. Mas dentre suas maiores dificuldades foi deixar Eliza e os filhos (Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes).

No Chile, teve uma vida direcionada ao escrever, concluindo teses, trabalhando em programas de Educação de Adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária – ICIRA. (GADOTTI, 1989). A Educação de Adultos tornou-se para Freire sua verdadeira paixão, principalmente, do ponto de vista da desigualdade social e da exclusão social.

Barreto (2004, p. 32) descreve que o Chile para Freire foi um período muito fértil, para a consolidação de seu pensamento. Pois ele destacava que “os saberes que foram criticamente se constituindo desde o tempo do SESI se consolidaram na experiência do Chile e nas reflexões feitas sobre eles”.

Neste período de exílio no Chile foi muito rico para Freire, pois foi:

[...] de intensa produção intelectual além de atividades práticas. Algumas das obras mais importantes que escreveu neste período foram: “Pedagogia do Oprimido”, “Ação Cultural para a Liberdade”, “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo” e “Extensão ou comunicação”? (CALDART; KOLLING, 2001, p.10).

Para Freire, o “exílio muda o exilado”. (BARRRETO, 2004, 1998, p.32). Na verdade, este mudou-o, pois transformou sua visão diante da educação, do ser humano e da realidade de vida dos menos favorecidos.

Na obra de Gadotti (1989), pode-se perceber que a alfabetização sendo parte de grande aprendizado, principalmente, pelo método da palavra geradora de seu convívio. Neste, o educador deveria apresentar ao grupo produtos da palavra geradora, por exemplo: milho. O alfabetizando visualiza a palavra em sílabas: ma – me – mi – mo – mu e lha – lhe – lhi - lho – lhu fazendo junções de sílabas para formar outras palavras.

Neste momento, quando Freire volta do Chile, depois de sua primeira viagem aos Estados Unidos, começou a receber convite para voltar. Teve também convite para trabalhar dois anos em Harvard e, oito dias depois, recebe outra carta para ir a Genebra no Conselho Mundial de Igrejas. Assim, faz sua contraproposta aos dois. Primeiro, ficaria em Harvard (dois anos) e, depois, no começo de 1970 iria para o Conselho. Ambos aceitaram e assim foi feito. Freire estava muito entusiasmado com a ida para os Estados Unidos e sentia que esta experiência lhe seria muito útil. (BARRETO, 2004).

Assim, em 1969, iniciou seu trabalho educacional em uma das maiores universidades do mundo, a Universidade de Harvard. Teve naquela universidade, uma estreita colaboração com numerosos grupos engajados em novas experiências educacionais, tanto em zonas rurais quanto urbanas. Nos dez anos seguintes, foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria educacional junto a vários governos, principalmente na África. (INSTITUTO PAULO FREIRE, 2016).

A experiência vivida no conselho foi muito produtiva para Freire, principalmente, para o desenvolvimento do seu pensamento. Para ele, o Conselho fez com que “andarilhasse” pelo mundo. Teve contatos com a África, Nicarágua, participou de seminários, encontros com educadores, com estudantes e intelectuais da Ásia como também de toda a América (menos o Brasil) e chegou até a distante Oceania. (BARRETO, 2004). Uma trajetória muito produtiva que lhe conduziu para momentos de intensa alegria e, ao mesmo tempo, abrindo leques para a formação de seu pensamento, tornando-se “outro” Paulo Freire.

Depois de 16 anos de exílio, Freire retorna ao Brasil, apesar de os jornais datarem épocas diferentes (14 e 15 anos). O problema maior para ele foi retirar seu passaporte, esta foi uma intensa luta, como mostram os jornais. A figura 7 mostra duas notícias sobre Paulo Freire.

Figura 7 – Paulo Freire – notícia da volta para o Brasil e a polêmica do passaporte

A luta pelo passaporte

Educador volta depois de 14 anos de exílio, premiado pela UNESCO

São Paulo — Setenta dias de prisão, um IPM arquivado e 15 anos de exílio, onde se tornou uma personalidade internacional, ganhando, inclusive, o prêmio de educação da UNESCO resumem a partir de 1964, a vida do educador Paulo Freire que chega hoje a São Paulo, para ficar um mês e meio e preparar sua volta definitiva.

Com a mulher, Elza e dois dos cinco filhos - Joaquim de 23 anos, e Lutgardes, de 21, o Sr Paulo Freire desembarca às 9h30m no Aeroporto de Viracopos, onde será recebido pelo presidente da Comissão de Justiça e Paz, advogado José Carlos Dias, e por sua filha mais velha, Sra Madalena Freire Wolfort, que o acompanhou durante quatro anos no exílio, e mora, hoje, em São Paulo.

JORNAL DA TARDE
02 AGO '79
A volta de Paulo Freire, 15 anos depois.



Freire: "Alegria quase maldade."

Uma hora antes do previsto (o avião não desce a escala programada no Rio de Janeiro), Paulo Freire desembarcou ontem em Viracopos, após 15 anos de exílio. Ele foi liberado rapidamente para a recepção de grande número de universitários, professores e políticos que foram esperá-lo no aeroporto.

— O tempo abre espaços e cria estradas — preencher estes espaços para saber o que é possível e o que é impossível, pela a história tem limites e propostas.

Paulo Freire não falou muito. Entre suas poucas palavras disse que "vejo com alegria e contenta volta. Vejo-me a mim mesmo e me vejo possível e feliz. Uma alegria quase maldade". Ele explicou ter acompanhado os acontecimentos do Brasil "dentro do possível", destacando a cada momento "a necessidade de minha presença, depois de 15 anos fora".

No entanto, Freire não quis fazer nenhuma análise da atualidade brasileira.

— Em respeito ao povo, porque qualquer consideração de minha parte, aqui, agora, no aeroporto, seria um chute, sem base de verdade. Uma levandade — declarou o autor dos livros "Pedagogia do Oprimido" e "Ação Cultural para a Libertação" entre outros.

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso, presente a recepção a Freire, disse que "esse retorno deve ser definitivo, porque é esse vergonha que ele tenha sido obrigado a sair do País". Na opinião de Fernando Henrique, a questão é bastante ampla.

— Não é só um problema dele, mas sim um problema nosso, de sociedade, porque ele terá que ter, aqui no Brasil, condições de trabalho, uma vez que não é mais assalado político.

Quanto a isso, o sociólogo acha que as universidades brasileiras deveriam cortar as bolsas de Freire para contratá-lo.

— Ele poderá ajudar muito o Brasil em seu desenvolvimento, principalmente na luta contra a analfabetização, de suas ideias vingarão e forem aproveitadas, então é sinal de que as coisas vão mudar mesmo aqui no Brasil.

*Ultima Hora fev. de 1979,
Folha 21 de julho - Freire terá seu passaporte*

Fonte: Barreto (2004, p. 40).

No Brasil, Freire continuou a lecionar. Primeiramente, foi para a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Durante seu mandato, fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização, de revisão curricular e empunhou-se na recuperação salarial dos professores. (GADOTTI, 1989).

Em 1986, dois fatos marcam muito a história de Freire, primeiro ele recebe o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz. Segundo, sofreu uma grande perda. No dia 24 de outubro, morre sua primeira esposa, Elza Maia Costa de Oliveira. Apesar de sentir a perda de forma dolorosa, aos

poucos foi se recompondo, pois, dois anos depois, em 27 de março, casa-se em cerimônia religiosa, em Recife, com Ana Maria Araújo Hasche e, em 19 de agosto, em cerimônia civil. (BARRETO, 2004).

No dia 10 de abril de 1997, lançou seu último livro, intitulado *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire faleceu no dia 02 de maio de 1997 em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio. (GADOTTI, 1989; BARRETO, 2004; INSTITUTO PAULO FREIRE, 2016).

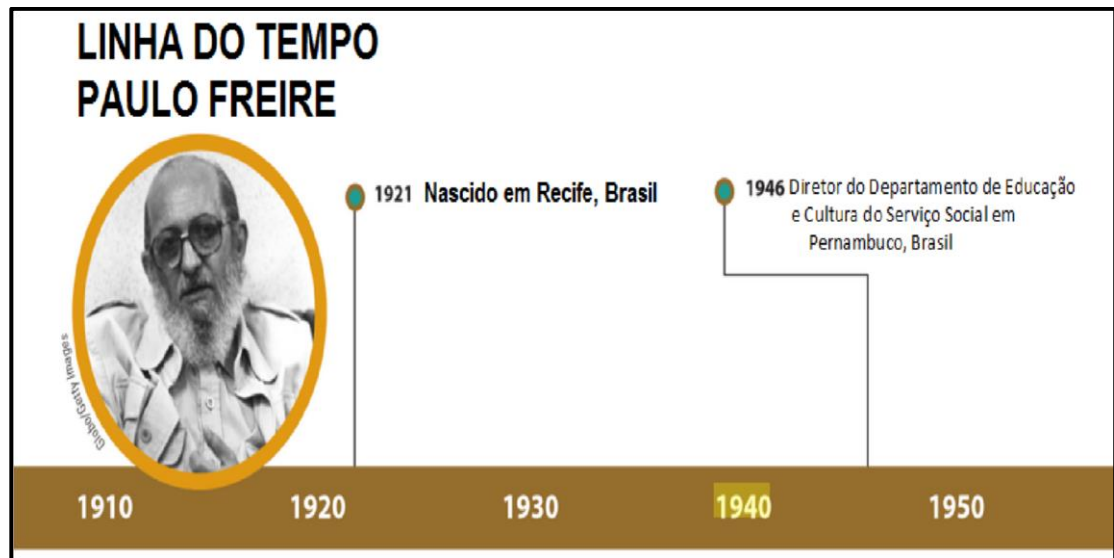
Brandão (2000 apud CALDART; KOLLING, 2001, p. 11), afirma que “Conhecer, dialogar e conviver com o legado de Paulo Freire nos ajuda a refletir sobre nossa prática, e a crescer em nossa identidade de Sem Terra, de classe trabalhadora, de povo brasileiro”.

Dentre suas obras publicadas têm-se: Educação como prática da liberdade; Pedagogia do oprimido; Extensão ou comunicação?; Ação cultural para a liberdade; Educação e Mudança; Cartas à Guiné-Bissau; Conscientização: teoria e prática da libertação; A importância do ato de ler; Política e educação e Educação na cidade (Estes dois últimos livros reúnem algumas entrevistas suas quando era secretário da educação da cidade de São Paulo. No livro Política e educação, há também algumas conferências recentemente pronunciadas nos USA e na Europa); e ainda, Pedagogia da Esperança - uma releitura de Pedagogia do oprimido; Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.

3.1 Paulo Freire e o Existencialismo

No decorrer de sua trajetória de vida, Freire se destacou não só como um exímio mestre, mas como grande personagem da história brasileira, e também como forte influenciador de ideias e ideologias, principalmente em relação a estudiosos que o seguiram. Destacam-se, a seguir, pontos relevantes da trajetória de Freire e de suas principais influências nos âmbitos social e educacional, nos lugares onde esteve inserido. Tomando-se uma linha de tempo, pretende-se destacar tais influências de Freire no decorrer de sua caminhada de vida. Ornstein et al. (2007) demarcaram uma linha do tempo com pontos de destaque que fortalecem a visão sobre Freire. Sendo dividida em dois grupos: de 1921 a 1950 (Figura 8); e de 1960 a 1997 (Figura 10).

Figura 8 – Linha do Tempo – Paulo Freire – 1921 a 1959



Fonte: Ornstein et al. (2015, p. 115).

Paulo Freire, em sua trajetória de vida, foi influenciado, bem como também, influenciou. Projeta-se um levantamento desta vertente (influência) com relação ao auge de sua carreira, ou seja, a partir da década de 1940, de modo particular, em 1946, quando se torna Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social em Pernambuco.

De acordo com Ornstein et al. (2015), o filósofo Freire enfatizava um estudo sobre a conscientização, ou seja, referia a importância do ser humano ser criticamente consciente das suas condições sociais, políticas e econômicas. Na formação da essência humana, ele destacava que, para elevar sua consciência, os alunos, em diálogo com seus professores, precisam refletir sobre suas próprias vidas e escrever histórias pessoais e coletivas de seus grupos (racial, étnicos, língua, econômico e social).

Desde muito pequeno, Freire teve recebido uma formação para seu pensamento, principalmente, por vislumbrar conceitos e entendimentos existencialistas. Na infância, a pobreza que o cercava, a dor e o sofrimento de mudar de cidade, de perder o pai, deram forma ao se encontrar como ser humano, a entender a sua existência. Sentimentos estes que foram formando o ser humano Paulo Freire.

Na década de 1940, Freire inicia sua trajetória de formação acadêmica. Em 1943, entra para a Faculdade de Direito do Recife e, em 1947, forma-se Bacharel em Direito. No entanto, a carreira

de advogado não deu muito certo, pois seus ideais e a visão que tinha sobre a vida dos oprimidos e menos favorecidos não lhe permitiram continuar. Na sua primeira causa, viu um jovem ter que hipotecar seus móveis para pagar uma dívida. Freire desiste de defender seu credor, dando maior tempo para o jovem saldar sua dívida. Seu primeiro trabalho como advogado já se encerrava ali. (BARRETO, 2004).

A atitude de Freire demonstrava que, no seu íntimo, não poderia menosprezar ou mesmo desmistificar o que o mundo já lhe ensinara, ou seja, lutar por aquele que precisa de auxílio, defender oprimidos, mudar a realidade. Como afirma Gabriel Marcel, o homem é um ser inacabado, está em constante autocriação. (MARCEL, 1944). Este pressupõe ter sido a visão de Freire sobre o ser humano, em um processo de construção e autocriação, que jamais termina.

Abandonando a carreira de advogado, Freire optou pela educação, escola e sala de aula, que o conquistaram para a vida toda. (BRANDÃO, 2005). Para Freire (1997, p.83), a prática dialógica que mantinha com os pais foi o que o impulsionou e o preparou para continuar a vivê-la com seus alunos. No entanto, foi a infância difícil, principalmente, convivendo com a pobreza, o que mais influenciou Freire em sua jornada educativa. (BARRETO, 2004).

Paulo Freire sempre deixou muito claro que sua esposa, Elza, fora também grande influenciadora de sua vida e de suas ideias. Foram quarenta e dois anos de união entre a vida em Recife, Brasília, exílio até o retorno para São Paulo. (BRANDÃO, 2005). Elza muito ensinou a Freire, mas sua humildade, carisma e a busca por ideais e dias melhores, fizeram-no acreditar e vivenciar novas experiências, que foi a luta pelos oprimidos, bem como a luta em torno dos movimentos sociais. (BARRETO, 2004). Certamente, a militância nesta época foi se solidificando, e Freire foi se tornando um grande defensor das causas dos oprimidos.

Em 1947, Freire assumiu a Diretoria da Divisão de Educação e Cultura do SESI de Pernambuco. Seu trabalho pautou-se em suas próprias vivências como estudante em boa medida autodidata, sendo um grande participante da Ação Católica e um educador aberto a novas tendências pedagógicas. Enfim, dedicou-se à formação de educadores de crianças e à criação de círculos de diálogos entre professores, pais e alunos. Seu trabalho pedagógico voltava-se ao estímulo de uma pedagogia voltada para o respeito ao outro, no diálogo e na participação ativa. (BRANDÃO, 2005).

Freire (2006, p.14) explica que o “diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual”. Esta visão influenciou muito educadores em todo o Brasil, como no mundo, dentre eles seu maior discípulo, Moacir Gadotti.

Na Figura 9, observa-se o registro de um momento em que Freire discursa no Sesi, na década de 1950, momento no qual conheceu a realidade e necessidades do adulto trabalhador analfabeto. Esse conhecimento se tornou foco para sua concepção de educação, de uma prática pedagógica transformadora que foi o Método Paulo Freire (Alfabetização de Adultos).

Figura 9 – Paulo Freire discursando no Sesi (1950)



Fonte: Brandão (2005, p.35).

Gadotti (1998) considera ser este o momento-ápice da história de Paulo Freire no Brasil, antes do exílio. Afinal, passou a enfrentar e dar condições a educadores e à própria educação, por mobilizá-los para a transformação da educação, de modo a garantir melhoria na qualidade de vida dos adultos analfabetos. Tal iniciativa contribuiu muito para a educação no país, principalmente, na luta pela superação do analfabetismo.

O tempo em que passou no Sesi foram, indiscutivelmente, importantes para a formação pedagógica de Freire (reconhecida por ele como “tempo fundante”). Pois foi o início de sua compreensão do pensamento, linguagem e aprendizagem dos grupos populares. A convivência no Sesi que o levou a se convencer do peso do autoritarismo na cultura brasileira e, graças a isso, mais tarde, ele se torna forte crítico dele no sistema educacional brasileiro.

No seu trabalho de integração entre pais e mestres, das escolas mantidas pelo SESI, Freire criou o Círculo de Pais e Mestres, com encontros periódicos, tratando-se de temas de interesse de todos. O assunto era selecionado pela equipe do SESI e discutido em grupo. Foi nesta rica experiência que ele descobriu a diferença entre falar “com alguém” do falar “para alguém”. Pois em um momento dessas reuniões um dos pais se pronunciou, dizendo que ele fala até bonito, mas que tinham outros problemas como os filhos e não viam a hora de ir embora para tratar destes problemas. Neste momento, também ficou claro a importância de se levar em conta os interesses dos educandos nas ações educativas. (BARRETO, 2004).

O trabalho do SESI foi um pontilhão para muitas descobertas de Freire, como o exercício do diálogo; falar “para alguém” *versus* falar “com alguém”, e a educação partindo da realidade do aluno. Como afirma Brandão (2005, p. 35) foi o trabalho no SESI que gerou a “fecunda iniciação à vida de educador. Em pouco tempo, ela seria bastante amadurecida, pois, desde as primeiras experiências pedagógicas, Paulo e sua equipe adotaram um programa de vivências e de trabalho que os acompanharia por toda a vida”.

Após sua saída do SESI, Freire tornou-se professor universitário em 1959, atuando na disciplina de História e Filosofia da Educação no curso de Professorado de Desenho da Escola Belas Artes. (BARRETO, 2004). Essa experiência também muito importante para a formação de Freire como educador. De acordo com Brandão (2005), Freire muda a forma de educar, destacando uma prática pedagógica diferenciada, ousada e inovadora, a serviço do povo, partindo-se das experiências de um contínuo esforço de leitura crítica da realidade social. Destaca-se que “todas as *leituras da realidade* deveriam ser vividas em meio a uma participação tão estreita quanto possível na vida cotidiana dos educandos do povo”. (BRANDÃO, 2005, p. 39).

Talvez esta seja uma das maiores contribuições de Freire para a Educação, pois ele procurou destacar que o professor deveria antes de ensinar, conhecer seu aluno e, por meio deste conhecimento, poder preparar seu ensino, baseando-se, principalmente, no “conhecimento de mundo” deste.

Em se tratando de conhecimento de mundo, torna-se importante utilizar destacar as seguintes palavras para entender o que significa:

[...] antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal, no bairro da Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. (FREIRE, 1995, p.25).

Nesse prospecto, pode-se ressaltar que Freire faz uso de si mesmo, para dizer que quanto mais se entende o ser humano no seu local onde está inserido, há maiores condições de conhecê-lo e, assim, poder entendê-lo. Dessa maneira, é o entendimento que Freire no final da década de 1950 passa para os educadores. Entendimento que será alargado no decorrer de sua trajetória como exímio educador, tanto fora, como na sua volta ao Brasil.

A partir da década de 1960, abre-se uma nova experiência na vida de Freire, que serão devidamente destacadas e que, em linha reta, se destacam acontecimentos que marcaram a trajetória de Freire até a sua morte em 1997. A Figura 10 apresenta esta etapa da vida de Paulo Freire.

Figura 10 – Linha do Tempo – Paulo Freire – 1960 a 1997



Fonte: Ornstein et al. (2007, p.115). Traduzido pelo Autor

No início da década de 1960, Paulo Freire esteve à frente de movimento vinculado a Educação de Adultos, como por exemplo, o Movimento de Cultura Popular (MCP), criado em 1960, em Pernambuco, quando Miguel Arraes era prefeito da cidade. O objetivo era ampliar os trabalhos de educação de crianças e adultos nas amplas áreas da pobreza. (BARRETO, 2004; SOUZA, 2008). Diversos intelectuais, sindicalistas e o povo em geral foram convidados a participarem do momento de divulgação cultural e autônomo, sendo Freire um destes intelectuais, quando teve suas primeiras experiências no âmbito da formação de adultos, que intitulava como um processo de conscientização. (BARRETO, 2004).

Em contrapartida, a pedagogia voltada à formação de adultos, ou seja, a alfabetização de adultos gerou muito incômodo às classes dominantes, que passaram a rotulá-lo de comunista, e também a questionar sua crença, destacando-o como inimigo de Deus e da classe dominante. (BARRETO, 2004). No âmago dos objetivos da ditadura civil-militar estava em anular a ação dos “comunistas”. Desta forma, em 1964 o movimento foi instinto. (SOUZA, 2008).

Nesta segunda fase da trajetória de Freire (categorizada pelo autor somente para este estudo), é importante destacar além do Freire educador, a história passava a conhecer o militante e o grande fomentador de movimentos sociais. Momento no qual ele se torna um forte idealizador de uma educação voltada para a conscientização do analfabeto, de sua libertação. (MACIEL, 2011).

Um grande passo é dado em 1961 que vem reorganizar a educação brasileira, que é a Organização da Campanha de Alfabetização. No entanto, Freire, em seus trabalhos no Nordeste, celebra em Recife, em 1963, o Primeiro Encontro Nacional de Cultura Popular. Momento em que apresenta seus primeiros trabalhos sobre a Alfabetização Conscientizadora que tanto defendia, principalmente, a partir do método que criou, com outros educadores de sua equipe do Nordeste. (BRANDÃO, 2005). Uma alfabetização que teve Freire como um pilar de sustentação, até que se projetasse pelo Brasil afora. Inclusive, tornando-se, mais tarde, um dos métodos mais sérios para a Educação de Jovens e Adultos. Uma contribuição que se tornou grande marca da ação pedagógica de Freire.

De acordo com Herculano e Ferreira (2015), na época de seu exílio no Chile, década de 60, Vieira Pinto conhece a pedagogia de Freire e se impressiona. Ao mesmo tempo, Freire também nutriu uma admiração muito grande com Vieira Pinto que se torna recíproca. Ambos educadores dedicaram suas vidas em prol da luta da emancipação do povo brasileiro.

Publicamente, Paulo Freire chamou Vieira Pinto de “mestre” muitas vezes. Exilado no Chile na década de 1960, Vieira Pinto conhece a força do pensamento pedagógico de Paulo Freire. Desse vínculo intelectual, nasce uma profunda admiração entre esses dois educadores que dedicaram suas vidas pela luta da emancipação do povo brasileiro. Vieira Pinto ilumina sua trajetória teórica quando conhece a fenomenologia de Heidegger e Merleau-Ponty, o que proporciona um acréscimo fundamental à sua filosofia da educação.

Freire era um educador que buscava direcionar o sonho à ação, pois acreditava ser esta uma prática em transformação. Só assim, haveria uma educação de qualidade, uma escola compromissada em atender o aluno como ele deveria ser atendido.

Nas palavras do mestre:

[...] se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. (FREIRE, 1998, p.127).

Na educação, o sonho deve ser democrático, deve abranger a todos, trilhar o que é melhor para o ser humano e, assim, poder compreender o papel que o educador tem a desempenhar. Sonhar junto é conseguir realizar algo. No entanto, Freire destaca que é muito importante que o ser humano se reconheça como cidadão, se projeta como tal, para poder vivenciar essa democracia, este sonho de liberdade.

Por outro lado, Vieira Pinto destaca o fenômeno da educação, direcionando-o para uma reflexão crítica, ou seja, para o desenvolvimento histórico. Motivo pelo qual seu pensamento articula o fenômeno sob a perspectiva da historicidade e temporalidade. De certo modo, sempre se preocupou com a produção científica e com as implicações da racionalidade técnico-instrumental. (HERCULANO, FERREIRA, 2015).

Por sua vez, Freire esteve desde jovem a refletir sobre a educação e a se engajar nas ações políticas mediadas pela prática educacional que pode ser transformadora. Lutou sem descanso por uma sociedade mais justa e menos perversa, como gosta de dizer, por uma sociedade realmente democrática, na qual não haja repressores contra oprimidos e que todos possam ter voz e vez.

O pensamento de Paulo Freire e sua ideologia são destaques na educação brasileira por considerá-la um ato político, priorizado pelo respeito às diferenças. Sua preocupação maior era com o social enfocando os oprimidos, negros, analfabetos, índios e as lutas de classe, lutando sempre em busca da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste mesmo prisma, Vieira Pinto marca um modo de pensar a questão da educação, a formação dos indivíduos e da sociedade a partir dos múltiplos aspectos da formação histórica e social dos homens. Partindo de análises da consciência crítica, um instrumento de autonomia e emancipação para o pesquisador que assume a educação como preocupação emergente. (HERCULANO; FERREIRA, 2015).

Seguindo sua trajetória de vida, com o golpe civil-militar vieram as perseguições políticas a muitos brasileiros (por diversos motivos a contrariarem, de alguma forma, os interesses do governo), inclusive Freire. No exílio, inicia-se outra fase na vida deste educador, principalmente, pela

publicação de seus livros e pelos trabalhos educacionais em Harvard (EUA), e no Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas em Genebra (Suíça).

Carvalho (2006), em seus estudos, destaca que, de acordo com Jaspers, o homem não é determinado, podendo ele mesmo criar soluções, para sua vida, desenvolver habilidades, destacando que, embora tenham traumas, estes jamais o limitam. Uma visão que pode ser destacada, única e exclusivamente, para Freire, pois mesmo diante de tudo que foi submetido, principalmente, a dor de ter que viver longe de sua família não o limitou. Na verdade, foi um dos períodos de maior crescimento de sua vida, momento em que escreveu grandes obras, entre elas, o seu maior legado, a *Pedagogia do Oprimido*, cuja conclusão da escrita se deu em 1968.

Freire deixou uma frase célebre: “o exílio muda o exilado. E, em geral, a prática do exílio acrescenta sua própria existência”. (BARRETO, 2004, p.33). Nessa frase, Freire demonstra reflexos do pensamento existencialista, definindo que a vivência do ser humano é que forma a sua própria existência.

Nesse período, um dos influenciadores de Freire, talvez seja Gabriel Marcel, cuja postura existencialista cristã conferia a ele a abertura para o questionamento da esperança. O que mais tarde, já no Brasil, o leva a publicar a obra *Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido*. Marcel explica que a esperança atua na vida humana como uma força secreta, que o envolve e o capacita a resistir ao desespero. (ZILLES, 1995). A esperança, realmente, foi o que moveu Freire a ir em frente, bem como fazer a diferença por onde esteve, aprendendo e levando sua experiência, principalmente, a que teve com os oprimidos.

Freire volta ao Brasil em 1979. Em 1986, recebe um dos maiores prêmios dados pela UNESCO, o da Educação para a Paz. Torna-se secretário da Educação da cidade de São Paulo (1988-1991), no Governo de Luiza Erundina de Souza. Uma de suas maiores iniciativas foi a criação do MOVA-SP – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo. (BRANDÃO, 2005).

Na década de 1990, momento em que os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais são construídos, percebe-se no teor de sua escrita forte influência das ideias de Freire, como a abertura ao diálogo; o reconhecimento da realidade do aluno, para que o professor possa garantir uma aprendizagem significativa; a importância de valorizar o ser humano como ele é, aprendendo a partir dele, entre outras.

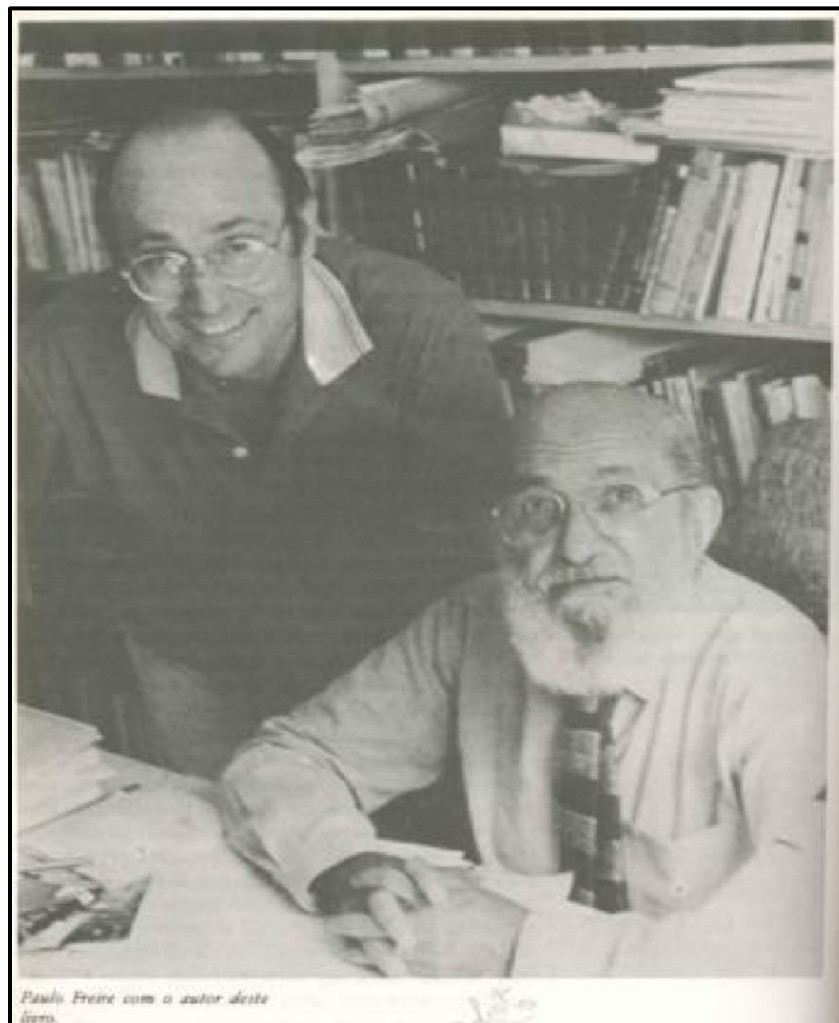
No ano de 1997, Freire morre, deixando um legado de obras, de exemplo e, principalmente, de ações que mobilizaram a educação brasileira, com destaque para a alfabetização de jovens e

adultos. O método Freire foi, e ainda é, forte subsídio para a formação de adultos. Por ele, se destaca a grande preocupação que teve em transformar a realidade dos oprimidos, pois conviveu e aprendeu com o sofrimento, mostrou-se fortalecido com o engajamento político em prol dos menos favorecidos, mas destacou que a esperança é a força que move a ação humana.

3.2 Considerações de Gadotti sobre Freire

Moacir Gadotti foi um dos maiores discípulos de Paulo Freire, portanto, enaltecer o que ele pensava e compartilhava com seu mestre, só vem acrescer quem foi o professor, amigo e incentivador Freire. De modo particular, ambos passaram bons momentos juntos, inclusive tornaram-se grandes parceiros.

Figura 11 – Paulo Freire e Moacir Gadotti



Fonte: Gadotti (1989. p.133).

Gadotti (1989) afirma que a repercussão do trabalho de Louis Althusser e, subsequentemente, de Antônio Gramsci no meio acadêmico da América Latina, e as fortes figuras de Ernesto Che Guevara e Fidel Castro nos meios prático e político, foram sintomáticas dos novos grupos socialistas e progressistas.

Caldart e Kolling (2001, p. 52) afirmam que “Além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos, ele (Freire) nos deixa uma imensa obra, estampada em muitas edições de livros, artigos e vídeos espalhados pelo mundo”.

Freire era multiculturalista, visava a inclusão e sua pedagogia era voltada aos marginalizados e oprimidos. Mas ele não ficou alheio às críticas e visões de si mesmo. Pelo contrário, em quase todos os seus escritos, entrevistas e conferências ao longo destes anos veio referindo-se a elas, em permanente diálogo com seus críticos e insistindo em quatro pontos fundamentais: 1 – a contextualização histórica de suas obras; 2 – sua evolução; 3 – sua própria autocrítica, e 4 – as diversas “leituras” de seu pensamento.

Com o intuito de melhor conhecer a pessoa de Paulo Freire na Educação, tornou-se importante investigar como ele realmente via e considerava a educação, mas do ponto de vista da formação do homem. Nesse prisma, foi escolhido Moacir Gadotti, um de seus maiores discípulos, no Brasil, para traduzir quem foi esse grande mestre e generoso educador.

Sendo assim, Paulo Freire:

[...] não desconsidera o papel diretivo e informativo da educação, o ato de conhecimento na relação educativa. Insiste, contudo, que o conhecimento não pode ser confundido com a verdade, como ocorre na teoria positivista do conhecimento. É preciso elaborar uma nova teoria do conhecimento, a partir dos interesses dos oprimidos, que lhes permita reelaborar e reordenar seus próprios conhecimentos e apropriar-se, a partir dessa matriz de conhecimentos alheios. (GADOTTI, 1989, p.72).

Neste aspecto, o saber se faz muito importante para que o processo educativo aconteça eficazmente. Um saber que garante a libertação dos oprimidos e aprimora uma tomada de consciência de sua situação como oprimido, expressada pela dominação política e exploração econômica, a que constantemente é submetido.

Na medida em que o professor educa, prepara o aluno, por exemplo, deve inseri-lo num processo mais amplo que é o desenvolvimento integral do indivíduo. Freire se dedicou muito à

formação do aluno, à alfabetização propriamente dita, portanto sua ênfase nela foi de grande importância para auxiliar, principalmente, jovens e adultos a aprender a ler e escrever. Para Freire, segundo Gadotti (1989), a alfabetização seria como uma forma estratégica utilizada para a aprendizagem, como se pode observar, efetiva o processo educativo.

O mundo em que o indivíduo vive constitui-se num conjunto de fenômenos naturais e sociais, diante do qual ele se revela submisso, curioso e investigador. Desde bem pequeno, ainda criança aprende sobre o mundo pela interação com o meio natural e social, fazendo perguntas e buscando respostas aos seus questionamentos, o que reflete, posteriormente, em sua educação de forma real e socializadora. (GADOTTI, 1989).

Um conhecimento psicológico que Paulo Freire procura conhecer e aprimorar por meio dos diversos programas de alfabetização, programas que não partiam somente do convívio escolar, pois a maior preocupação de Freire não era com as crianças, iniciantes do processo educativo, mas sim com jovens e adultos que não conseguiam em tempo regular se alfabetizar, por isso ficavam cada vez mais inseridos na classe oprimida.

Diante desta realidade:

[...] nos diversos programas de alfabetização dirigidos por Paulo Freire, o alfabetizador começa seu trabalho saindo a campo com um caderno ou, se possível, com um gravador, atento a tudo o que via e ouvia. Misturava-se às pessoas da comunidade local da forma mais íntima possível. Não havia questionários nem roteiros a seguir: fazia perguntas sobre a vida das pessoas e seu modo de perceber o mundo. O objetivo era listar as palavras usadas pelos indivíduos que iam ser alfabetizados. (GADOTTI, 1989, p.35).

Gadotti (1989), como muitos pesquisadores e estudiosos da teoria freireana, se preocupa muito com as classes populares, principalmente com as pessoas analfabetas. E percebia que, por meio desses programas de alfabetização, além de conhecer as dificuldades educacionais das pessoas, aos poucos conhecia o seu mundo e por meio desse conhecimento poderia alcançar melhor resultados com o trabalho que desenvolvia.

De acordo com o que se estudou e se observou sobre Paulo Freire, notou-se que ele não inventou método algum para a alfabetização, fato que ele mesmo reforça em todos os seus debates sobre a alfabetização. Mas sua forma de diagnosticar o fator alfabetizar pôde levar muitos educadores e estudiosos do processo educativo a trabalhar e entender melhor o ato de alfabetizar.

Sendo assim, aprender, para Freire, era tido como um processo

[...] inerente ao homem, que tem necessidade de aprender, da mesma maneira que tem necessidade de se alimentar. Nesse processo em que o homem aprende a si mesmo e aos outros, existe a mediação do mundo. Esse é um processo natural, que alguns, como o educador francês Decroly, chamaram de “processo global”. A experiência de Paulo Freire demonstrou que, na língua portuguesa, não são necessárias mais do que duas dezenas de palavras geradoras para se completar a alfabetização inicial. (GADOTTI, 1989, p. 37).

Em uma visão mais objetiva, o aprender para Freire e, com certeza, para Gadotti (1989), era um ato de libertação, de humanização. Uma liberdade que está firmada na discussão que o adulto faz mediante as experiências de vida com outros indivíduos que participam das mesmas experiências. O que pode e acaba causando no indivíduo uma maior criticidade e autenticidade diante da vida que tem, e das mudanças que quer fazer diante da vida que tem.

Pode-se afirmar que o indivíduo faz parte de um meio social integrante, assim necessita de contatos e amplitudes sociais, estar no meio da sociedade e não saber analisar sua verdadeira essência e contextos, é não valorizar a própria existência. Além disso, o indivíduo também aprende por meio deste contato social aparente que vive e se organiza, mas é necessário colocar que a sua vivência e o seu meio social fazem absolutamente o forte nível de alfabetização que ela pode e deve garantir frente a sua socializadora forma de vida e, por consequência, de educação. Assim sendo, o processo educativo deve respeitar as habilidades que o indivíduo possui, traz e constrói, visando a estabelecer situações de aprendizagem que contribuam para o seu desenvolvimento total.

Freire (2011), em suas propostas para a educação, preocupou-se sempre com mais que alfabetizar, mas em proporcionar uma visão humanista e crítica aos alunos. Para além de ensinar o alfabeto, promover uma consciência cultural ao alfabetizar. Este é o cerne de sua teoria da educação problematizadora, na qual os temas ensinados dialogam e refletem a realidade.

Freire, para Gadotti (1989), foi um homem de grande coragem, de princípios e de pensamento de luta, não se acovardou mediante todos os impasses que a vida lhe ofereceu. Mas de fato aprendeu com eles e tornou-se exemplo. No entanto, muito se fala de um Paulo Freire humanista ou de cunho existencialista, principalmente, com relação ao existencialista Gabriel Marcel.

Neste ponto de entendimento, no próximo capítulo, procurar-se-á destacar Paulo Freire e o existencialismo, ou seja, quais foram as influências filosóficas existencialistas no pensamento de Paulo Freire.

CAPÍTULO 4 – PAULO FREIRE E O EXISTENCIALISMO

As primeiras influências existencialistas na formação do pensamento de Paulo Freire aconteceram em sua infância, pois, desde pequeno, teve grandes obstáculos a superar, mas foram mais intensas a partir de 1929, quando se inicia uma grande reviravolta no mundo com a crise de 1929. Tão forte, que o Brasil sofre com ela, bem como a família de Freire que é obrigada a mudar-se de Recife para Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco.

Neste momento da vida de Freire, podem-se destacar as “sementes” do existencialismo em sua formação. Pelas suas próprias palavras “em Jaboatão me tornei homem, graças à dor e ao sofrimento que não me submergiram nas sombras do desespero”. (BARRETO, 1998, p.19).

Pode-se encontrar aqui o tema central do existencialismo, ou seja, a vida é sofrimento, sobreviver é encontrar sentido na dor. Pois,

[...] se há, de algum modo um propósito na vida, deve havê-lo também na dor e na morte. Mas pessoa alguma pode dizer à outra o que é esse propósito. Cada um deve descobri-lo por si mesmo e aceitar a responsabilidade que sua resposta implica. Se tiver êxito, continuará a crescer apesar de todas as indignidades. (FRANKL, 2008, p.7).

Freire, na sua infância, sofreu muito não só com a mudança de cidade, porém, também, teve que conviver e aprender com a morte de seu pai quando tinha apenas 13 anos. Certamente, aprendeu com a dor e sofrimento, descobrindo o seu propósito de vida, tendo uma história de êxito, como se verá mais tarde.

Barretos (2004, p. 21) destacou que “as dificuldades enfrentadas por Freire levaram-no a perceber que havia algo de errado num mundo onde algumas pessoas eram submetidas a tantas carências e que estas injustiças podiam ser mudadas”. Neste aspecto, influências do existencialismo de Jaspers podem ser analisados no decorrer da vida de Freire.

Na filosofia existencialista de Jaspers, entende-se o homem a partir de suas dificuldades, limites que o encerram em um determinado modo de vida, e não outro; certeza da morte, angústia, solidão, elementos que são encontrados na existência, e que estão em contraposição à realização do homem enquanto ser existente. (CARVALHO, 2006).

Devido à visão de mundo que Paulo Freire teve desde a infância, mais tarde traduziu no que chamou de otimismo crítico, afirmando que “Uma das fundamentais diferenças entre mim e

intelectuais fatalistas que não sonham, não creem em utopias, está no otimismo crítico e nada ingênuo que me anima”. (BARRETO, 2004, p.22).

Particularmente, este otimismo crítico descrito por Freire provém de sua fé, principalmente, nas possibilidades de mudança. (BARRETO, 2004). Novamente, pode-se destacar o tema do existencialismo, na forma de agir e pensar de Freire, pois Kierkegaard vê o homem como um ser miserável de certa forma, condenado a vivenciar dissabores como a angústia, mas vê na fé o único caminho para que o homem possa atingir um grau de certeza no mundo, pois somente suas escolhas podem defini-lo. (CARVALHO, 2006).

No existencialismo, somente pelo caminho da fé pode-se transcender. E, esta possibilidade aliar-se-á à dimensão da esperança, que coloca o homem numa situação de amparo, permitindo-se ser livre para nova escolha, dando sentido ao universo, de modo que o ser humano possa ser participativo. (SÁ, 2009).

Diante dessa realidade, pode-se citar Freire que considera: “a esperança é a exigência ontológica dos seres humanos”. (BARRETO, 2004, p.22). Para Gabriel Marcel, as exigências ontológicas (a necessidade de transcendência) estão relacionadas a alguma insatisfação. Sendo assim, sem a sensação de que algo está errado, sem o sentimento de insatisfação, a demanda ontológica acaba.

Neste aspecto, pode-se destacar também que, considerando a filosofia existencialista do francês Jean Paul Sartre, em comparação com a do educador Paulo Freire, o que as tornam semelhantes é a concepção ontológica do ser humano, pois os dois criam perspectivas de uma ação educativa de emancipação do humano e de projeto de entendimento para transformação social. (OLIVEIRA; PENA, 2016).

A história de vida de Freire e o seu amadurecimento de anos de vida, fizeram-lhe entender até mesmo os encontros que a vida lhe proporcionou. Inclusive, refere-se ao seu encontro com Elza (sua primeira mulher), para ilustrar a questão da existência: “A gente se encontra numa esquina, numa esquina qualquer da existência”. (BARRETO, 2004, p.23). A frase dita por Freire na fase adulta, depois de muitas experiências vivenciadas, destaca o amadurecimento e o pensamento direcionados à vida como existência.

Freire, ao defender suas convicções e desenvolver sua prática pedagógica, sempre teve o homem como principal objetivo de reflexão. Não um homem qualquer, abstrato ou transcendente, mas aquele concreto, real, que foi aprendendo a entender no decorrer de toda a sua vida; o homem

oprimido, explorado, injustiçado, sacrificado que conheceu na sua vida em Pernambuco, no nordeste do país. O homem da América-Latina, dos países colonizados da África, onde teve suas difíceis experiências com o sofrimento, a dor, a fome. (AKKARI; MESQUITA; VALENÇA, 2003). Enfim, Freire foi capaz de ver um homem e de entendê-lo como ninguém e, assim, traçou seus preceitos existencialistas.

Enfim, pode-se destacar, ainda, no pensamento filosófico de Paulo Freire, mediante sua trajetória de vida, marcada por situações-limite, a figura de Jaspers, que se refere justamente a estas, em que as descreve como sendo opacas ao pensamento, constituindo-se no fundo, a fronteira da consciência.

De modo geral, Paulo Freire absorve a contribuição de diversos pensadores existencialistas, principalmente, sobre a construção do ser humano, bem como sobre o processo permanente de se refazer. Neste prisma, o próximo item de estudo refere-se a compreender essa visão existencialista de Freire e as influências a que esteve sujeito.

4.1 O Existencialismo e Paulo Freire

Paulo Freire, na sua concepção maior sobre o existencialismo, teve contato e podemos dizer, inicia-se na Filosofia Existencialista por dois caminhos: o primeiro, pelo pensamento filosófico isebiano; e o segundo, pelo pensamento cristão católico.

4.1.1 Pensamento Isebiano

O pensamento isebiano representa o conjunto de ideias defendido pelos educadores que atuam no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), iniciado no final dos anos 50, quando se elaborava uma ideologia do desenvolvimento brasileiro. O pensamento fundamenta-se num ecletismo de correntes filosóficas, que incluíam o existencialismo, fenomenologia, culturalismo, historicismo, nacionalismo, entre outras. (MOURA, 2004).

De certa forma, o ideário educativo do ISEB “foi criado pouco antes do governo de Juscelino, foi por ele encampado e encarado como a inteligência a serviço do desenvolvimento”. (SAVIANI, 2008, p.291). O ISEB tinha forte influência existencialista, tanto como suporte ou como princípio de ação. Desdobrando-se, assim, em várias formas e instâncias diversas.

Destacando-se:

Na ênfase em estudos e temas voltados exclusivamente para a realidade brasileira;
 Na valorização dos estudos propiciados pelas ciências sociais, com ênfase na história, tendo em vista a geração de soluções efetivas na reversão dos problemas;
 No entendimento do papel do intelectual enquanto agente de mudança (alguém que passou pelo processo de transformação da consciência ingênua para a crítica e que portanto pode direcionar, a partir das massas, o futuro do país); Na defesa da existência de um caráter fundamentalmente ideológico presente em todas as estratégias a serem adotadas – o que inclui o espaço de atuação da educação. (OLIVEIRA, 2006, p.232-233).

Considerando-se o ISEB, pode-se dizer que houve dois movimentos culturais com ideários políticos que retrataram a filosofia do ISEB, que foram o Movimento da Cultura Popular do Recife e o Centro Popular de Cultura – CPC. O primeiro, teve como destaque a implantação do método Paulo Freire (Alfabetização de Jovens e Adultos); o segundo, um órgão ligado ao Ministério da Educação com verbas neste e na UNE (União Nacional dos Estudantes), cujos militantes procuravam manter uma política cultural independente. No entanto, pela sua formulação de esquerda, o ISEB foi mantido até 1964, momento em que se instaurou no país uma ditadura civil-militar. (ORTIZ, 1984 apud SILVA, 2001).

De modo particular, Freire, em seus trabalhos, seguindo o pensamento isebiano (ideologia nacional desenvolvimentista), trouxe para a prática, ideias tanto pedagógicas, quando filosóficas, combinadas com as conquistas da comunicação, da didática contemporânea e da psicologia moderna. No entanto, foi a partir de uma visão cristã do mundo e das influências recebidas do pensamento isebiano, que se fizeram considerações sobre temas metodológicos direcionados à prática pedagógica. (MOURA, 2004).

Inclusive, a influência do pensamento isebiano em Paulo Freire pode ser destacada na obra *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista* de Paiva (1980), que procurava, principalmente, mostrar as influências do ideário isebiano no método de Paulo Freire.

O ISEB foi considerado como um instituto muito importante, pois consagrava a cúpula de inteligência brasileira da década de 1950, diversos intelectuais das mais distintas linhas e interesses, muitos deles ligados a partidos de esquerda, que buscaram desenvolver uma ideologia nacional desenvolvimentista. (SILVA, 2001). Dentre estes intelectuais, no estudo de Penna (2001) destaca-se

entre todos, Álvaro Vieira Pinto¹⁰, que foi um dos grandes influenciadores do pensamento de Paulo Freire neste período (década de 1950 e de 1960).

No âmbito filosófico, as ideias isebianas mais popularizadas, foram as de Vieira Pinto¹¹, que “ignorou a importância do conhecimento acumulado, que não pode conhecer fronteira de qualquer ordem, dele fazendo tábua rasa”. (PENNA, 2001, p.85). Por outro lado, Vieira Pinto foi considerado o mestre da “massa popular”, pois sempre procura considerar e destacar problemas vivenciados por esta, tomando por base a realidade nacional. Com ideais voltados à ideologia nacional-desenvolvimentista, sustentava suas bases, mas destacando o primado vivido, da existência, sobre a teoria. (CORTÊS, 2003).

Para Vieira Pinto,

[...] tudo está para ser feito. O homem, para ele, então, é aquele que se encontra determinado pelas condições culturais, econômicas e existenciais da realidade brasileira. O trabalho constitui o ser desse homem, amplia a sua percepção da realidade existencial, forma a sua consciência e, conseqüentemente, promove, no ser deste homem-em-situação, a necessidade, as aspirações de criar uma situação de uma condição melhor de vida. (VIEIRA PINTO apud DIAS, 2001, p.5).

Nesta visão, é determinado pela sua existência e vai se constituir a partir dela, percebe-se como ser, a partir da sua realidade existencial, formando sua consciência, promovendo sua própria concepção do existir, baseado em uma vida melhor, acreditando ser esta possível, a partir do agir, do fazer, do vencer seus limites.

Vieira Pinto, segundo Cortês (2003), preocupa-se muito com a situação da “massa popular” e propunha a consolidação da democracia. Tendo sempre como objeto o homem na sua eterna luta por se construir, por consolidar-se como pessoa, em busca de algo melhor, de uma vida melhor.

¹⁰ Exilado, inicialmente, em Belgrado, na antiga Iugoslávia, e depois em Santiago do Chile, Vieira Pinto não deixou de escrever. No exílio produziu, em 1967 e editou dois anos depois, o alentado trabalho “Ciência e Existência” retomando suas origens filosóficas, mas mantendo os mesmos compromissos com os destinos dos países e dos povos do Terceiro Mundo, conceito muito em voga na ocasião e adotado para designar um conjunto de nações dispostas a lutarem pelas suas soberanias nacionais. Faleceu sem ter tido o reconhecimento de seus pares, amargurado menos por isto do que pela impossibilidade de pôr em prática, no Brasil, os projetos que julgava capazes de equacionar os grandes problemas nacionais. (PENNA, 2001, p.85-86).

¹¹ Obras de Vieira Pinto publicadas nos anos 50 e 60 do século XX. A saber: *Ideologia e desenvolvimento nacional* (1956); *Consciência e realidade nacional*, v. I e II (1959); *A questão da universidade* (1961); *Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento* (1963); *Ciência e existência* (1969); *Sete lições de educação de adultos* (1982); - cujas reflexões iniciaram-se no Chile em 1966 - e *El pensamiento critico en demografia* (1973).

Ideias estas que, de certa forma, acompanharam Paulo Freire, principalmente, no Movimento da Cultura Popular do Recife, onde reformulou o método de alfabetização de jovens e adultos, justamente, para melhorar a realidade, dos que considerava desassistidos, social, político e economicamente.

Como se pode considerar, Paulo Freire, a partir da década de 1950 incorpora ideias isebianas, mas, aos poucos, quando tem contato com jovens católicos (radicalistas) na década de 1960, abandona os preceitos isebianos, iniciando-se então a ênfase no pensamento cristão católico.

4.1.2 Pensamento Cristão-Católico

No contexto do pensamento cristão-católico, como Vieira Pinto, prima-se pela afirmação da existência, do vivido, contra a razão teórica. Analisando-se a teoria como um elemento frio, distante, muitas vezes, sem precedentes, não a concebe como um ponto de partida, mas sim, a vivência do homem, realizada de forma natural.

De certa forma, Freire, com esse pensamento, passa a caminhar na direção reflexiva da filosofia existencialista, pela qual considera a condição humana parte da própria vivência no mundo. E, neste aspecto, concebe a educação como um instrumento necessário para a luta pela superação das condições existenciais, muitas vezes desumanas. Pela educação, o ser humano desperta-se criticamente para o desenvolvimento de sua realidade, podendo transformá-la. (MENDONÇA, 2006).

Percebem-se, portanto, características similares entre Vieira Pinto e os jovens católicos radicais, envoltos pela perspectiva existencialista, pois há aqui uma atenção direcionada ao homem, sustentando preceitos existencialistas como a interpretação da realidade; a compreensão do mundo; e a questão do projeto inacabado.

Este último, tão fortemente marcado por Sartre que define o homem como um ser em projeto, inacabado. Inclusive, nas reflexões antropológicas freireanas, desponta-se que o atributo basilar que define e identifica o homem é o seu inacabamento, a sua inconclusão. Como afirmou Freire:

[...] o homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser em busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. (FREIRE, 2007, p.27 apud STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2015, p.208).

Desta forma, vinculado às duas correntes de pensamento (isebiano e cristão-católico), Paulo Freire procura alicerçar em sua formação filosófica, uma educação problematizadora, capaz de tomar como referência a existência. Uma educação voltada para decidir, para a responsabilidade social e política, reconhecendo a responsabilidade humana na efetivação de sua existência.

4.2 Influência da Filosofia Existencialista

Existir talvez seja a questão que norteia a vida de muitas pessoas, principalmente, indagações sobre os porquês que envolvem o entendimento sobre a existência. Recorrendo ao dicionário de Língua Portuguesa, a palavra existência pode ser definida como o “fato de existir, de viver; vida; realidade: a existência do mundo é inegável; existencial”. (FERREIRA, 2003, p. 305).

Na simplicidade do termo, pode-se destacar que a existência é basicamente a concretização da vida. No entanto, a palavra existir, vem do latim *existere* ou *existere*, e significa em língua portuguesa existir, ser, aparecer, emergir, mostrar-se. Sendo assim, *ex + sistere*, também, é destacado como “fazer ficar de pé”. Diante desta realidade, “existir, etimologicamente, significa precisamente partir daquilo que se é (“ex”), para se situar (“sistere”), num ponto antes só possível, portanto, existência é antes de mais nada, vir-a-ser, devir”. (VANNUCCHI, 2004, p.134).

No decorrer dos estudos, a palavra existência é encontrada em diversos caminhos. Uma das célebres frases de René Descartes, eternizada, principalmente, na corrente iluminista, coloca a razão frente à existência humana: “Penso, logo existo”. (NICOLA, 2005). Diferentemente do humanismo, o existencialismo vê a existência como algo que se constrói, que se forma, pois o ser humano não nasce pronto.

Neste aspecto, a Filosofia existencialista se concretiza na leitura crítica da realidade concreta. Freire acreditava que a existência se realiza mediante a decisão livre, na qual o homem se põe ou apreende a si mesmo e mediante a fé com que se apoia em Deus. Ainda, observa-se sobre Deus a questão da existência dele.

Uma existência que não pode ser provada, mesmo com a ajuda da razão, seja como for, é preciso escolher, mas é neste contexto que Pascal (NICOLA, 2005) ressalta que há infinitas possibilidades de que Deus existe. Em se tratando da filosofia existencialista, observa-se uma relação direta entre a fé e a razão, entre o que se acredita com o que realmente é.

Ainda, torna-se importante destacar que a filosofia existencialista, destaca a precedência da existência sobre a essência, dando origem à filosofia da subjetividade. Neste aspecto, a existência imediata “indubitável, é a nossa própria. Pensava Heidegger, que o modo de enfrentar o problema da existência é compreender uma análise fenomenológica daquilo de que temos consciência quando temos consciência de nossa própria existência”. (MAGEE, 2001, p.212).

No existencialismo, percebe-se, na concepção de Kierkegaard, que o sujeito concreto em sua singularidade projeta-se e se descobre. Este filósofo considerou a existência humana (“*reales individuum*”) como um ser-outro na esfera da singularidade, mas é possível perceber que o único objeto que realmente importa ao ser humano é a existência, pois o constitui.

De acordo com estudos de Vannucchi (2004), a existência significa algo que só existe no existente. Destaca que para o filósofo tradicional existir equivale ao ser, para o existencialista, não. Estes acreditam que a existência não é um estado, mas um ato, ou seja, a própria passagem da possibilidade à realidade. O homem não se define, portanto, da essência, como primeira, pois a existência constitui para ele, o objetivo de seu próprio quê-fazer: é processo e projeto. O homem, no existencialismo, não se define, pois em primeira instância ele não é nada, mas só será algo a partir do momento que ele próprio se fizer.

No contexto da filosofia existencialista, ainda foi possível entender um homem que permeia por grandes obstáculos, muitas vezes, é impossibilitado de vencer. Daí pode-se destacar nesta filosofia, Jaspers que, mediante esta impossibilidade do homem de vencer situações existenciais, criou a expressão “situações-limite”. Estas serão apresentadas no item a seguir, dentro do contexto existencialista.

4.2.1 A questão das Situações-Limite

Jaspers, no âmbito de seu entendimento sobre o existencialismo, destacou grande parte de suas reflexões para as chamadas situações-limite: culpa, sofrimento, luta, morte. Se o ser humano é livre, se tem vontade própria e se a existência se concretiza pela decisão livre, as situações-limite lhe trazem o contraditório, pois elas vão além da vontade e da liberdade humana, muitas vezes, inviabilizando a dialética entre determinação e liberdade.

As situações-limite segundo Jaspers:

Elas são como uma parede contra a qual nos deparamos, uma parede em que batemos e fracassamos. Não podemos modificá-las, apenas torná-las mais claras, mas sem explicar ou deduzir elas a partir de outro (...) são consideradas limite exatamente porque é um ponto que a existência empírica não consegue atravessar. (JASPERS, 1932 apud GABARDO, 2012, p.20).

Jaspers coloca que estas situações-limite não podem ser modificadas, muitas vezes, nem mesmo entendidas pelo homem, que, na sua existência empírica, não consegue vencê-las, ou mesmo fazer com que elas não ocorram. Neste aspecto, o morrer, por exemplo, é algo que o ser humano convive o tempo todo, mas não pode modificar. A certeza da morte é algo imutável, porém o homem é obrigado a conviver diariamente com ela.

O pensamento freireano foi marcado por forte influência de Jaspers, primeiro, pela dimensão epistemológica em torno das situações-limite, segundo, pela adequação destas à vida de Paulo Freire, que foi sendo devidamente enquadrada em todos os momentos da difícil luta que travou, seja quando criança, como educador, como ser humano vivenciando as realidades dos oprimidos, seja nas suas perdas pessoais, na sua vivência no exílio, enfim, as situações-limite foram demarcando o entendimento de Freire sobre sua existência, tendo efetivo destaque no seu pensamento pedagógico.

Jaspers, na sua análise e apresentação das situações-limite, esclarece que estas são o mesmo que existência. (GABARDO, 2012, p.21). Nesse aspecto, da mesma forma “que a situação está para a existência empírica, a situação-limite está para a existência”. (GABARDO, 2012, p.21). É como se as situações-limite fossem como a fronteira na qual a consciência se funde como existência. Revelando que ela está em todo ser humano e que, muitas vezes, quando a existência empírica não faz sentido, abre-se espaço para vislumbrar a situação-limite. O que para Jaspers, como para Kierkegaard, ocorre num salto.

Mesmo sendo as situações-limite, muitas vezes, existentes na vida humana, muitos tentam enfrentá-las e até mesmo evitá-las. Mas para Jaspers isso não é possível. Freire evita esse irracionalismo jasperiano. Freire vê as situações-limite como dimensões desafiadoras, concretas e históricas de uma dada realidade. Busca sempre a possibilidade de superar essas situações-limite, destacando-as como obstáculos. Ou seja, são históricos e produzidos pelo homem, portanto, devem ser superados por ele. (COSTA; FURTADO, 2014).

Realidade inspirada por Freire em Álvaro Vieira Pinto que concebia o homem como um ser individual lançado no mundo e ali entre a si mesmo, portanto, o conceito de situações-limite dado por ele denota para o indivíduo, sua necessidade de sempre existir em alguma situação, seja de luta,

sofrimento, culpa, morte. No entanto, se o ser humano as vê como obstáculos intransponíveis, dá fim à sua existência.

Para Freire, Vieira Pinto destaca que os homens viam as situações-limite como algo que não poderiam ultrapassar, esquecendo de que a superação não existe na relação homens-mundo. (FREIRE, 1987). E “conceitua atos-limites como ações que se dirigem à superação e à negação do dado, pois não significa aceitação passiva da realidade”. (COSTA; FURTADO, 2014, p.2). Neste aspecto, seguindo-se o entendimento de Vieira Pinto, passa-se a destacar que as situações-limite não podem ser vistas nem entendidas como fronteira entre o ser e o nada, mas como fronteira entre o “ser” e o “mais ser” (FREIRE, 1987).

Neste aspecto, principalmente do ponto de vista da educação, Freire desenvolve suas análises, bem como seu pensamento pelos contornos dados por Vieira Pinto, quando destaca que o homem ultrapassa as situações-limite. Portanto, estas para Freire não podem ser vistas como se fossem barreiras intransponíveis, pois somente quando o ser humano as vê como freio, elas se tornam obstáculos à sua libertação. Enfim, para “Freire situações limites são dimensões concretas e históricas de uma dada realidade, ou seja, são obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas, superadas frente ao mundo”. (COSTA; FURTADO, 2014, p.5).

No entanto, fazendo-se uma análise das situações-limite em Freire e Vieira Pinto, pode-se destacar que, para estes, o conceito remete ao sentido da ascensão de uma comunidade nacional. Freire amplia o leque destacando-as no sentido de libertação do proletariado e de toda espécie de minoria. Como deixa bem claro na obra *Pedagogia do oprimido*. (FREIRE, 1987).

Enfim, a Filosofia existencialista além das situações-limite, preocupou-se com a questão do diálogo, o que se destaca a seguir.

4.2.2 Comunicação - Diálogo

Foi nítida a preocupação da filosofia existencialista com o problema da comunicação, pois esta visa a autenticidade da existência humana. Afinal, a comunicação, por meio da fala, é ação dada somente ao ser humano. Um ser humano só existe para o filósofo existencialista se conduzir sua vida de forma autêntica, compromissada com o mundo e com o seu semelhante, por isso o destaque ao diálogo, ao comunicar-se.

De certa forma, a comunicação revela o que o ser humano é, essencialmente, como uma ponte para alcançar o outro. Sartre, filósofo existencialista, destacou “eu sou o que digo, eu sou linguagem, meu ser é linguagem, mas sou linguagem enquanto sou-para-outro”. (ROSÁRIO, 2008, p. 47). Daí a essência da comunicação no ser humano, que o diz que ele o é. Determina-se, neste aspecto, o ser pelo dizer do ser.

A palavra “comunicar”

[...] vem do latim ‘comunicare’ com o significado de pôr em comum. Comunicação é a convivência entre as pessoas, está na raiz da comunidade, no agrupamento com uma forte coesão, baseada no consenso entre os indivíduos. Consenso quer dizer acordo consentimento e essa concepção supõe a existência de um fator decisivo na comunicação humana: a compreensão que ela exige, para que se possam colocar, em ‘comum’, ideias, imagens e experiências. (PENTEADO, 2001, p.1)

A transmissão da mensagem durante o processo de comunicação faz com que os indivíduos compreendam as ideias que estão sendo passadas, portanto elas se tornam comuns para o receptor e transmissor. Para esse processo, eles utilizem a mesma linguagem para compreender a mensagem transmitida, deixando de ser apenas papel do transmissor, para, também, pertencer ao receptor, tendo-se, assim, o entendimento entre os indivíduos. Para a compreensão da mensagem, a linguagem utilizada deve ser clara e objetiva, fazendo com que os indivíduos compreendam a mensagem.

Neste entendimento, a comunicação é ferramenta fundamental para que o ser humano se faça compreendido, bem como para se aproximar um do outro. Além de Sartre, outro filósofo existencialista que tratou sobre o tema comunicação foi Jaspers, talvez o que mais tenha se ocupado em analisá-la. No entanto, para este filósofo a comunicação não é o que Sartre coloca (eu sou o que digo), mas é reflexo da massificação como sendo característica dominante sobre o ser, podendo este ter fortes influências desse fenômeno. Inclusive, Jaspers:

[...] estuda o contato humano e o esclarecimento que ele traz para a parcela mais íntima da personalidade. Para nosso filósofo só quando o homem se abre ao outro pode sair do seu mundo. Jaspers toma da fenomenologia o entendimento que cada homem é um mundo e que sua existência é um projeto singular. (JASPERS apud CARVALHO, 2006, p.2-3).

De certo modo, o homem vive em uma sociedade que, para Jaspers, é massificante, tornando-se o homem-massa, demarcando-se uma linguagem específica, que ele a chama de “linguagem

disfarce”. Torna-se um método, com critérios que lhe atribui valor, sendo seu objetivo satisfazer a todos os que despertarem suas funções.

Paulo Freire, de certo modo, aceitou as análises de Jaspers, sobre o fenômeno da massificação e sua linguagem específica. (MENDONÇA, 2006). Inclusive deixa claro que a massificação

[...] é fruto de um processo inautêntico de desenvolvimento que descaracteriza a autenticidade de ser humano das pessoas, pela sua própria natureza opressora, e de uma educação que enfatiza aspectos ingênuos e alienantes, contribuindo, dessa forma, para a crescente emersão de uma população cada vez mais com uma mentalidade ingênua, despreparada, emocionalizada, alienada. (MENDONÇA, 2006, p.58-9)

Freire defronta-se com a massificação, destacando-a como força opressora, refletindo os mesmos conceitos de Jaspers, a tal ponto que, como se pode perceber no trecho de Mendonça (2006) mencionado acima, direciona-se para a visão de que a comunicação, reproduzida pela massificação, torna-se muitas vezes fruto de pensamentos ingênuos e alienados. Por este motivo, Freire tanto se empenhou na luta em defesa dos oprimidos fazendo de sua palavra, a comunicação, e de seus ensinamentos, a abertura para o diálogo.

Freire coloca Jaspers como um filósofo existencialista metropolitano, pois este direciona seus pensamentos para o mundo de forma global, geral, universal. No entanto, vê-se como um filósofo da periferia, que parte de uma realidade local, particular. Fato que, muitas vezes, levou Freire a se distanciar de Jaspers. No entanto, pode-se considerar que, num ponto, ambos têm em comum, ou seja, a necessidade de despertar nas e com as massas uma forma de comunicação que lhes dê a possibilidade de assumir a existência como algo autêntico e responsável. E essa forma de comunicação é o diálogo. O que fica comprovado na sua obra, *Pedagogia do oprimido*:

[...] quando tentamos um adestramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. (FREIRE, 1997, p.44).

A palavra, neste contexto, é mais do que simplesmente a concretização ou o meio de concretização do diálogo, ela é o que o faz, que o constitui como um elemento de força. Pois Freire (1987) afirma que a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Daí

se fortalece, por meio da ação do comunicar, do diálogo, como também o que o homem faz com o outro.

Freire destaca o entendimento de Jaspers sobre o diálogo, dizendo que ele é um caminho indispensável,

[...] não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos. (FREIRE, 1975, p. 108).

Neste aspecto, Freire concorda com Jaspers, sobre o diálogo ser um caminho indispensável para a vida humana, um veículo capaz de promover a comunicação entre indivíduos, tendo significado, uma relação horizontal entre A com B. A comunicação pauta-se no diálogo, na forma pela qual o ser humano interage e se faz posicionar por meio de seus pensamentos, podendo emergir uma problematização acerca do que se fez entender e do que se propôs comunicar. Freire, ainda, destaca que, para Jaspers, o diálogo configura-se em uma relação horizontal de A com B.

Freire afirma que os seres humanos não estão apenas no mundo, mas com o mundo, uma concepção do próprio Jaspers que acreditava que o ser-em-si-mesmo não pode ser desassociado do ser-em-comunicação. O ser humano, enquanto ser que se comunica, constitui como sujeito de relações baseadas no diálogo. Em que este próprio é condição existencial, um caminho possível para a realização da pronúncia verdadeira, que contribui com o ser humano para que ele adquira sua autenticidade. (MENDONÇA, 2006).

Para Sartre, o diálogo é o modo mais autêntico de relação inter-humana, uma forma de construir o existir humano e autêntico no mundo. Tal concepção é reforçada pela visão deste filósofo que acredita que o ser humano nunca é fim, está sempre por se fazer. (MENDONÇA, 2006, p.25).

Como se pode observar, Freire tomou como base o pensamento existencialista, concordando com ambos os filósofos (Jaspers e Sartre), mas aborda que, neste processo de se fazer, o ser humano precisa apropriar-se do diálogo. (MENDONÇA, 2006).

O filósofo existencialista não nega o mundo conflituoso, como se pode analisar no estudo das situações-limite, nem mesmo foge da concretização da autêntica e verdadeira relação entre seres humanos, em uma relação dialógica. Pelo que se pode analisar, a Filosofia Existencialista atenta para uma reflexão muito importante, ou seja, a de considerar a condição humana a partir da própria vivência no mundo.

Depois de formular um pouco de conhecimento sobre o existencialismo, para além das situações-limite e do diálogo, torna-se importante fazer uma análise sobre o tema da consciência, de modo mais específico pelas categorias: semi-intransitiva; transitivo-ingênua e transitivo-crítica.

4.2.3 Consciência

No contexto da consciência, pode-se dizer que ela “atua intencionalmente voltada para o mundo, tendo em vista que ela não é fechada em si mesma” (MENDONÇA, 2006, p.33). Para o existencialista Jaspers, a filosofia é “o pensamento que transforma a minha consciência de ser, pois enquanto me desperta, me leva a mim mesmo nos impulsos originais, cuja busca na existência me constituiu” (GABARDO, 2012, p.2). Existência e Filosofia se fundem na relação de que o ser humano se constrói, bem como a sua consciência.

De acordo com Paulo Freire, o conceito de conscientização é próprio da teoria nacional (brasileira), mais propriamente de autoria dos intelectuais isebianos, como Álvaro Vieira Pinto. Este afirma que o conceito de conscientização é basicamente pedagógico, no sentido da ideologia nacional-desenvolvimentista, não como algo a ser acrescentado na consciência das massas populares por intelectuais, mas ao contrário, estes deveriam assumir o ponto de vista das massas, ligando-se a elas existencialmente. Na visão existencialista de Freire, pode-se ressaltar que ele buscava conscientizar os educadores (pelo pensamento pedagógico), bem como os educandos, que ninguém educa ninguém, os homens aprendem comunitariamente (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007).

De certa forma, Freire propunha, como o fez Vieira Pinto, a ligação intelectual/ massa, sustentando que educador e educando devem ligar-se existencialmente. Nascendo assim, em Freire uma educação problematizadora, libertadora. Por este motivo, muito estudou a consciência humana, destacando o professor como um mero mediador do conhecimento, pois a conscientização se faz pelo próprio indivíduo.

Neste aspecto, para melhor entender a consciência/conscientização, Freire chega a estabelecer níveis (graus) de consciência, que com os processos de imersão/emersão, ele aplica às pessoas, bem como aos grupos ou sociedades (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2015), correspondendo, de certa forma, ao grau que ela possui e à intensidade que ela se relaciona com a existência. Estes níveis são importantes e devem ser destacados, para que se possa conhecer no próximo capítulo o pensamento freireano, como base que demarca o existencialismo nas suas obras.

Estes níveis são: Consciência Semi-intransitiva; Consciência Transitivo-ingênua e Consciência Transitivo-crítica.

4.2.3.1 Consciência Semi-Intransitiva

A Consciência semi-intransitiva também é denominada por consciência mágica, consciência imersa ou consciência quase intransitiva. Pode ser entendida como consciência fechada. Descrita por Freire (1980) como “sua ‘quase aderência’ à realidade objetiva ou sua ‘quase imersão’ na realidade. Tal consciência não se distancia suficientemente da realidade para objetivá-la, a fim de conhecê-la de maneira crítica” (apud GUARESCHI, 2015, p.221).

De acordo com Oliveira e Carvalho (2007), este nível de consciência se caracteriza pelo fato de que o ser humano tem o seu interesse direcionado as formas vegetativas da vida, tendo uma apreensão da realidade limitada, apenas a uma dimensão biológica. Neste contexto, não age em nível histórico, não se compromete existencialmente, por meio de decisão. Torna-se um ser impermeável aos compromissos que lhe impõe esta vida vegetativa. Daí a visão de um ser alienado, em que se observa uma vida precária, de índices alarmantes de analfabetismo, sociedade atrasada, de pessoas comandadas pela elite, ou seja, por uma classe opressora.

Esta consciência semi-intransitiva também é chamada de mágica, porque o ser humano assume uma postura mágica diante do mundo, dos fatos, não discernindo a verdadeira causa dos eventos. Em um contexto mais simples, para Freire o homem está imerso no mundo, fundido à natureza, na qual sua consciência também está imersa, sendo ele incapaz de objetivação, ou de estabelecer o nexos das causalidades autênticas. Nota-se aqui a existência sendo explicada de forma mítico-mágica; no entanto, pode-se destacá-la como sendo uma consciência fatalista¹¹, pois falta o teor da vida, representando uma falta de compromisso com a existência humana, contra os interesses humanos, mediante o seu quê-fazer existencial.

No entanto, mesmo diante desta realidade, a situação de intransitividade não derruba ou anula a abertura do homem para uma abertura fundamental a ser mais, possibilitando que ele possa passar do estado de intransitividade para o de transitividade (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007).

¹¹ Como descreve no livro “Pedagogia do oprimido” (FREIRE, 1987).

4.2.3.2 *Consciência Transitivo-Ingênua*

A consciência transitivo-ingênua é aquela direcionada à sociedade em trânsito (movimento), daí o termo transitivo. Uma sociedade que realiza a passagem da sociedade fechada (intransitividade) para a sociedade aberta (transitividade), havendo para isso profundas transformações, que a afeta de uma forma geral, seja na economia, na política ou na cultura.

Portanto, trata-se da consciência que amplia:

[...] o poder de captação e de resposta às sugestões que partem do seu contexto. Seus interesses e preocupações se alongam a esferas bem mais amplas que a simples esfera vital. É a consciência típica do homem massa que não consegue estabelecer uma progressão intensiva no diálogo com o mundo e com os homens. (OLIVEIRA, CARVALHO, 2007, p. 222)

Observa-se uma abertura, tendo seus interesses voltados para uma gama mais ampla, típico de consciência de homem de massa. No entanto, não se pode deixar de destacar que há uma transformação qualitativa da consciência, que emerge para a realidade, sendo o ser humano capaz de objetivá-la. Mas a ingenuidade é fator delimitador, nesta transformação, pois a consciência não tem rigor pela causa, não analisa e nem sintetiza, somente polemiza.

Na consciência transitivo-ingênua, ou transitiva, Freire destaca três aspectos:

i) Consciência fanática – encontrada em sociedades massificadas pela mídia, ou ainda, submetidas a uma tecnologia altamente tecnicada, que faz das pessoas quase máquinas irracionais: elas perdem a noção de todo e são transformadas em semirrobôs, dirigidas por mecanismos sofisticados de manipulação e propaganda. ii) Consciência ambígua ou populista – em sociedades onde ela é mais presente nota-se a presença das massas populares emergentes, mudam basicamente de atitude, passando de meras espectadoras exigindo participação e ingerência. Condicionam o populismo que vai constituindo como resposta à emersão das massas. iii) Consciência reacionária ou de golpe de estado – aquela que se reativa antigos padrões de comportamento nas pessoas, característicos de situações do estado anterior de quase imersão. (GUARESCHI, 2015, p. 221)

Neste aspecto, a consciência é transitiva porque vai se modificando e se transformando, mas sem deixar a ingenuidade. No entanto, o homem sente-se mais comprometido com a sua existência, passando a relacionar o tempo passado, com o ser-histórico que é emergindo para o diálogo. Portanto, a consciência transitivo-ingênua caracteriza-se:

[...] por simplicidade na análise dos problemas, julgamento de que o passado é melhor do que o presente, tendência a julgar a partir da emoção e não pela razão, privilégio da polêmica, ao invés do diálogo. (...) forneceria condições para que se

pudesse implantar qualquer tipo de tirania contra os seres humanos, sob a égide de que “quem ama protege”. (VIEIRA; XIMENES, 2012, 96-97)

No entanto, segundo Oliveira e Carvalho (2007), o nível de consciência tanto pode avançar, como pode regredir, mas tudo vai depender da sociedade em trânsito, principalmente, naquelas em que o capitalismo se desenvolve de forma mais evidente.

4.2.3.3 *Consciência Transitivo-crítica*

A consciência transitivo-crítica ou simplesmente crítica é a consciência de uma sociedade aberta. Portanto, a primeira era fechada, a segunda em abertura e a terceira consciência, propriamente, já aberta. A sociedade, neste aspecto, abre-se para a concretização da vivência democrática, destacando-se tanto as bases políticas como econômicas. Freire destaca, neste sentido, uma sociedade economicamente desenvolvida com uma política autoritária ou culturalmente massificada.

Neste aspecto, ele descreve sobre a transitividade crítica como:

[...] a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. (...) Pela prática do diálogo, e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo, e pela não recusa ao velho, só porque velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições. (FREIRE, 2011, p. 85)

Uma sociedade, agora, com uma abertura mais participativa, voltada para o diálogo, com uma visão melhor de sua responsabilidade social e política. Esta consciência é fruto do diálogo, pode ser vista como sendo

[...] o conhecimento ou a percepção que consegue revelar algumas razões que explicam a maneira como os homens estão sendo no mundo; ela conduz o homem à sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se; fundamenta-se na criatividade e estimula tanto a reflexão quanto a ação do homem sobre a realidade, promovendo a transformação criadora. (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007)

O homem passa a interpretar com maior profundidade seus problemas, procura testar os achados e dialogar sobre eles; parte para a argumentação, mais do que para a simples aceitação. Por isso, Freire a vê como uma consciência do compromisso, da autêntica opção pela existência. (FREIRE, 2011).

Para Vieira e Ximenes (2012, p. 97), “a consciência transitivo-crítica analisa com maior profundidade os fatos, mostra-se mais aberta, democrática e, ao mesmo tempo, mais inquieta, porque as indagações são seu ponto de partida”. Freire tem a consciência crítica como a consolidação da conscientização, uma vez que esta é um processo ininterrupto de criticidade.

De forma geral, Freire compreende a conscientização como “um movimento da consciência. Isso significa que, com base em novas interações estabelecidas no cotidiano, onde o indivíduo desenvolve novas compreensões e ações”. (VIEIRA; XIMENES, 2012, p.103).

Enfim, Paulo Freire esclarece que “a passagem da consciência transitiva ingênua para a consciência transitiva crítica ocorre através de um trabalho educativo crítico” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2007, p. 223). Como se podem observar, os níveis de consciência não se encontram de forma estática no âmbito das sociedades (fechada, semiaberta, aberta). O nível é próprio de determinada sociedade, tendo nela um modo predominante de consciência, no entanto a consciência pode ser transformada. Não se pode confundir que, ao chegar à consciência crítica, logo ocorre a conscientização. Pois conscientização não é consciência crítica, mas sim está sempre em processo de conscientização, uma vez que esta ocorre em um processo ininterrupto de mais criticidade.

No próximo capítulo, serão analisadas as obras de Paulo Freire, e nelas identificados os traços existencialistas tomando-se como suporte de análise, filósofos existencialistas. Pode-se destacar que dois foram influenciadores do pensamento existencialista deste grande mestre, são eles: Álvaro Vieira Pinto e Karl Jaspers. No entanto, à medida do desvelar da pesquisa, outros poderão ser trazidos à tona, como Sartre, Gabriel Marcel.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE E REFLEXÃO DAS OBRAS DE PAULO FREIRE: A INFLUÊNCIA DE KARL JASPERS

“O conjunto de obras de Paulo Freire tem como marcos o compromisso político e o trabalho pedagógico voltado para a construção de um mundo mais justo e mais digno, cujo fim último não é o mercado nem o lucro, mas a emancipação humana” (LIMA, 2007, p.11).

De modo geral, ao fazer um levantamento de autores citados por Paulo Freire, depara-se com todos os isebianos históricos (ISEB), os quais, em grande maioria, participaram do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), bem como de filósofos existencialistas tais como Heidegger, Jaspers, Martin Buber, Max Sheler, Ortega y Gasset e Gabriel Marcel. (PAIVA, 1980).

Paulo Freire deixa explicitamente ser o existencialismo a corrente filosófica que mais o influenciou:

[...] o próprio Paulo Freire tem indicado explicitamente ter sido o existencialismo a corrente filosófica que maior influência exerceu sobre o desenvolvimento de suas ideias pedagógicas. E não se trata do existencialismo em geral, mas daquele que se desenvolveu em conexão com os princípios que, para o cristianismo, devem reger a relação com o próximo (PAIVA, s.d, p.47)¹².

Diante dessa premissa, o ponto de partida foi escolher, portanto, um existencialista cristão para um cruzamento de ideias, que pudesse ressaltar a influência dele nos escritos de Paulo Freire. Foi escolhido Karl Jaspers, pois nele Freire encontrou reflexões sobre as relações interpessoais, chegando a elas por meio das preocupações pedagógicas, além das fortes influências dos isebianos. (PAIVA, s.d.).

Sendo, assim, neste capítulo, o estudo realizado depara-se justamente em conhecer seis obras freireanas escolhidas com o objetivo de apontar as influências do pensamento existencialista na obra de Paulo Freire. Destacando-se a presença de Karl Jaspers, ao confrontar a visão existencialista deste com a visão freireana apresentada nas seguintes obras¹³: *Educação e atualidade brasileira*¹⁴ –

¹² PAIVA, V. P. *Existencialismo cristão e culturalismo*: sua presença na obra de Freire. (s.n.t). p.47-100. Disponível em: file:///C:/Users/Cida/Downloads/2322-8525-1-PB.PDF. Acesso em: 15 jan 2016.

¹³ As obras foram escolhidas de forma aleatória, e todas foram encontradas em um recurso on-line, disponível no acervo de Paulo Freire (<http://www.acervo.paulofreire.org>), que tem suas obras digitalizadas. Por este motivo, os anos de publicação não serem muito recentes. Ainda, pode-se destacar que nem todas têm as páginas correspondentes aos números da obra, devido a digitalização, não ter página impressa, levando o pesquisador a colocar as páginas da página do documento conforme paginação do documento (PDF).

¹⁴ Primeira, obra publicada de Paulo Freire, ano de 1959, porém foi encontrada edição atualizada de 2001.

(FREIRE, 2001); *Educação como prática da liberdade*¹⁵ (FREIRE, 1967); *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*¹⁶ (FREIRE, 1981); *Extensão e comunicação?*¹⁷ (FREIRE, 1983); *Pedagogia do Oprimido*¹⁸ (FREIRE, 1987); e *Conscientização: teoria e prática da liberdade*¹⁹ (FREIRE, 1980).

Neste contexto, ao focalizar o objeto desta pesquisa, é clara a presença de Karl Jaspers nos escritos de Paulo Freire. Afinal,

[...] Jaspers seria o meio termo, aquele a quem preocupava a superação das formas deficientes de comunicação com o outro, aquele que apresentava o ser-com-o-outro como condição para o desenvolvimento do ser-para-si-mesmo. Como os demais existencialistas de inspiração cristã, Jaspers enfatizava a necessidade de superar as formas imeritórias do existir através do amor que permite o diálogo, que possibilita a comunicação existencial, que se manifesta como ato humanizador por excelência. Somente ele seria capaz de fazer com que o homem se voltasse para o outro homem buscando despertá-lo para o existir autêntico. (PAIVA, 1980, p.31)

O contato de Freire com a obra de Jaspers ocorreu a partir de 1950, por meio da obra *Razão e anti-razão do nosso tempo*, traduzida por Álvaro Vieira Pinto e publicada pelo ISEB, e também por meio da tradução espanhola do livro resenhado por Hélio Jaguaribe em 1950, *Origen y meta de la historia*, lido por Freire já no início dos anos de 1950 e início dos anos de 1960.

Em termos analíticos, neste capítulo encontra-se, de um lado, a teoria educativa libertadora de Paulo Freire, como um instrumento de libertação de situações opressoras, provindas da conscientização, que é condição para a sua práxis; de outro lado, Karl Jaspers que, em relação à teoria filosófica, mostra-se um instrumento capaz de compreender a relação do homem com o mundo em que está inserido, bem como a compreensão da relação com outros homens e a questão da existência.

Freire tem em Jaspers uma de suas maiores referências, com relação à concepção humanista de sua pedagogia. Destaque-se que o processo educativo tem relação direta com a mudança ou transformação da realidade do ser humano. Nesse aspecto, a teoria pedagógica freireana tem no existencialismo de Jaspers uma de suas fontes, pois ambos, existencialismo e teoria libertadora, buscam basicamente aspectos relacionados à concepção humanista.

¹⁵ Quarta obra publicada de Paulo Freire, ano de 1967.

¹⁶ Oitava obra publicada de Paulo Freire, ano de 1976, porém foi encontrada edição atualizada de 1981.

¹⁷ Sétima obra publicada de Paulo Freire, ano de 1971, porém foi encontrada edição atualizada de 1983.

¹⁸ Sexta obra publicada de Paulo Freire, ano de 1970, porém foi encontrada edição atualizada de 1987.

¹⁹ Décima quarta obra publicada de Paulo Freire, ano de 1980.

Diante desta relação, buscou estruturá-la a partir das seguintes categorias: existência como liberdade; sujeito; situações-limite; diálogo/comunicação; consciência. Por meio delas, buscou-se construir a relação entre Karl Jaspers e Paulo Freire, tendo em vista compreender as características de caráter existencialista que os relacionassem.

5.1 Existência como liberdade

Em perspectiva filosófica, Jaspers buscou conhecer e compreender o que fosse possível com relação à existência humana e, por isso, procurou destacar temas que pudessem estar relacionados a ela, como a liberdade. (PERDIGÃO, 2001). Muito do entendimento de Freire sobre o existir provém da compreensão do existencialismo de Jaspers. Este toma o discurso fenomenológico para explicar o existente, cifras¹⁹ interessantes conceitos de cifras transcendentais, reconhecendo a liberdade existencial:

[...] Jaspers refere-se às cifras como as formas de linguagem pela qual a humanidade expressou seu voltar-se para além das situações-limite. O positivo das cifras é que elas dão vazão à sede de Absoluto do existente. Mergulhado na realidade o homem concreto vive em situações-limite por sua condição finita; contudo o homem não ignora o infinito e, ao reconhecê-lo, decifra-o buscando um sentido para a existência. (CARVALHO, 2007, p. 81).

Fica evidente que é a interpretação (cifras) que o ser humano faz de sua condição, principalmente, ao que se relaciona a sua vida (indo além das situações-limite) faz com que na sua vivência diária, não ignorando seu lugar no espaço e, ainda, que pode modificá-lo, melhorá-lo, o homem consegue alcançar o sentido da sua existência, o que para Jaspers, é destacado como liberdade existencial.

Ligada profundamente ao existencialismo cristão, a pedagogia de Freire está vinculada, em suas origens, à interpretação da realidade (cifras) e aos seus ideais sociopolíticos. Tal pedagogia tem como objetivo a libertação dos indivíduos (liberdade existencial). Sob forte inspiração de Karl Jaspers, a pedagogia freireana é pensada como liberdade existencial, através da qual o homem se

¹⁹ Cifras - aquilo que requer uma interpretação. A cifra não nos dá a resposta de imediato. Isto ocorre porque só podemos falar do infinito a partir do finito; daí o uso das cifras (sejam ela símbolos, mitos ou obras de arte) para falarmos do Absoluto (CARVALHO, 2007, p.80).

descobre e se afirma como pessoa, como possibilidade aberta de forma ilimitada, como sensibilidade polaridades e contraposições, como liberdade interior da qual resultam posições pessoais.

Destarte, Freire apresenta a formação do homem realmente livre, aquele que vai ao fundo das coisas, que não se deixa manipular porque submete sua ação à reflexão, que não se deixa massificar pela propaganda. Inclusive escreve na obra *Educação como prática da liberdade* (FREIRE, 1967), um capítulo intitulado *Educação versus Massificação*, no qual aponta sempre para a mesma direção, a de que a educação é libertadora, de que por ela o homem pode vencer a massificação, a alienação. Daí a defesa da educação de jovens e adultos, para que por ela se libertem.

Nas obras de Freire, a liberdade é também pensada como liberdade existencial, como pessoa livre capaz de optar e decidir sobre si mesma e sobre as coisas que lhe dizem respeito. Desta forma, a educação para a liberdade é uma educação contra a dominação do indivíduo; uma educação que faça com que o indivíduo recuse a tutela, reaja ao autoritarismo e ao paternalismo.

Na obra *Educação como prática da liberdade*, encontram-se, de maneira muito evidenciada, reflexões que mais se afinam com esta categoria. Baseado em sua fé cristã, Freire (1967, p.6) destaca que em perspectiva existencial, conforme sua filiação cristã, pode-se relacionar existência como liberdade, pois afirma que esta “é concebida como o modo de ser o destino do Homem, mas por isto mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem”. Neste aspecto, coloca que a liberdade só faz sentido, mediante a própria existência.

Na obra, *Ação Cultural para a liberdade*, percebe-se claramente a influência de Jaspers em Freire:

Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se. Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. (FREIRE, 1981, p. 53)

Confirmando essa análise sobre Jaspers, pode-se destacar que:

[...] a liberdade seria, para Jaspers, a escolha de “mim mesmo”, conquistada no momento em que tomo a resolução de ser “eu mesmo” na existência empírica, em que reconheço meu valor como ser humano, e tomo em minhas mãos meu destino; tal liberdade exprime-se em atos pelos quais sou responsável, sofro as consequências e que transformam a realidade. (PAIVA, 1980, p.108)

Freire reconhecia a liberdade como elemento fundamental para o existir, daí a ligação da existência com a liberdade. Em sua obra *Educação como prática da liberdade*, se o Homem (cidadão) estivesse alfabetizado, um aprendizado que o tornasse mais crítico, autêntico e reflexivo, com certeza conseguiria sua liberdade. No entanto, Freire (1967, p. 8) deixa evidente que: “a ideia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se”.

Na obra *Extensão e comunicação*, timidamente, destaca a educação como prática de liberdade, não permitindo que seja confundida a liberdade com libertinagem. (FREIRE, 1983). Freire, em sua concepção de existência, reconhece que o ser humano é um ser inacabado e talvez se preocupe tanto em relacionar a existência como liberdade e pontue a educação como um caminho para esta liberdade.

Na obra *Pedagogia do oprimido*, Freire (1987) procura de forma clara mostrar o valor do ser humano, destacando o quanto pela educação pode transformar-se, pode conquistar maior respeito, principalmente, devido à formação mais crítica, enquanto cidadão, mudando sua condição de oprimido. Sem contar que os métodos de opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação dos oprimidos. Deve-se ressaltar que a obra foi fruto de cinco anos de observações feitas durante o exílio e juntadas com observações feitas no Brasil.

O autor sempre se mostrou orgulhoso e feliz, modesto e consciente de sua posição no mundo, viveu a sua vida com fé, com humildade e alegria contida. Com seriedade e desejo de transformação. Aprendendo com os oprimidos e lutando para a superação das relações de opressão. Vivendo as tensões e os conflitos do mundo, mas esperançoso em relação às suas necessárias mudanças. Impacientemente paciente, veio lutando por um mundo mais democrático.

A mensagem de Freire constatava-se também na relação entre ensino e aprendizagem, para a qual ninguém é objeto. O educador tem que trabalhar o conhecimento elaborado, deve também levar em conta o conhecimento do aluno, tendo curiosidade epistemológica; todos fazem parte do contexto e constroem a relação. Falava em educação social, falava na necessidade de o aluno, além de se conhecer, conhecer também os problemas sociais que o afligiam. Ele não via a educação simplesmente como meio para dominar os padrões acadêmicos de escolarização ou para profissionalizar-se. Falava da necessidade de se estimular o povo a participar do seu processo de emersão na vida pública engajando-se na sociedade.

Segundo Freire (1987), a educação deve possibilitar o desvelamento das necessidades do educando; problematizando-as, significa favorecer a compreensão por parte do sujeito, de sua

situação no mundo, de suas visões, concepções, permitindo-lhe captar a realidade, não mais como estática, mas como processo em transformação e é nesse sentido que “a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham”. (FREIRE, 1987, p. 72).

A realidade traduzida na obra se faz diante de uma pedagogia em que há uma contradição notória, entre opressores e oprimidos. Sabe-se que o autor viveu em uma época em que a opressão era, fortemente, uma forma regular de vida; a liberdade de expressão fora calada, e os célebres feitos e fatos em prol da democracia exilados ou meramente punidos. Tal momento deu a Freire oportunidade de refletir sobre a opressão, pela qual o ser humano está condicionado. Ainda, oportunizou que Freire defendesse uma pedagogia libertadora.

No decorrer da obra, vê-se que a situação opressora gera desumanidade, atinge os oprimidos de forma a destruí-los lentamente. Há, porém, uma necessidade de libertação. Para o autor, a libertação “é um parto”, doloroso. E o homem que nasce dele é um homem novo. Nota-se que a pedagogia do oprimido, no fundo, é a pedagogia dos homens na luta por sua libertação que tem aí suas raízes. Assim, a pedagogia do oprimido será a pedagogia humanista e libertadora. No decorrer de toda a obra, suas teses básicas sustentam que o pedagogo deve cuidar de libertar o homem das alienações a que a consciência dominadora o submete. Em tal contexto entende-se o conceito de conscientização.

Por fim, na obra *Conscientização*, Freire (1980) destaca sua visão reflexiva sobre a existência, sobre a liberdade e sobre a prática educativa, mas direcionadas pela visão existencialista de que concebe a educação como oportunidade do oprimido, do ser humano existir e libertar-se para o mundo. Na sua visão libertadora, de uma práxis libertadora, Freire absorve a contribuição de pensadores existencialistas como Jaspers, de que os seres humanos no mundo vão se refazendo, construindo-se, conduzindo-se para o contexto de uma concepção socioeducativa, em um espírito de projeto político-pedagógico libertador.

Freire (1983) explora a existência de diversas formas, mas deixa evidente que a existência de uma depende da existência do outro. Fato este que agrega a prática educativa como um momento de suporte em que um aprende com o outro, tornando o fazer educativo como um passo para a transformação da consciência humana.

5.2 Sujeito

De acordo com Carvalho (2006), no pensamento de Jaspers o homem é marcado pela insegurança da vida. Sendo assim, o sujeito é visto como um ser em plena formação histórica, pela qual os seres sociais desenvolvem sua linguagem, pensamentos, enfim têm liberdade de existir.

De acordo com Lane (2002), o organismo humano é constantemente estimulado. O sujeito percebe, age, reflete, reage, objetivando sua subjetividade. Aos poucos, ele vai se organizando para viver em sociedade, sendo capaz de construir seu próprio caminho, interagindo com outras pessoas, podendo desfrutar de sua vida, compartilhando-a com outras pessoas que estão ao seu redor. O meio social é fundamental para que o sujeito pessoa possa crescer enquanto ser humano, pois ninguém vive sozinho.

Os sujeitos “são ativos e criativos, e precisamos saber com que bagagem vão criar, se os objetos propostos como alavancas para a mudança são elaboráveis, se vão se converter em objetos sociais no sentido de mudança”. (FURTADO, 2002, p.69). Esta, no entanto, se refere à construção do sujeito, projetando-o para o futuro, a partir de informações, experiências e conhecimentos que vão sendo representados no tempo e na história do sujeito, firmando sua essência.

Jaspers (1965) descreve que, com relação à existência, não há Sujeito sem Objeto (existimos enquanto sujeitos em busca de objetos). Neste sentido, o objeto é algo que o sujeito tende a conquistar, é como se fossem objetivos de vida. Portanto, esta é a relação dada pelo filósofo existencialista, ou seja, de que o objeto é algo a ser conquistado para si. Para Jaspers, Paiva (s.d.) enquanto o sujeito é ativo, o objetivo tem condição passiva.

Na obra, *Educação e atualidade brasileira*, o primeiro livro escrito por Freire, talvez por esta circunstância, há poucas colocações que caracterizem alusões diretas ao existencialismo jasperiano. No entanto, em suas entrelinhas, Freire (2001) faz uma correlação entre a educação e a política, que se pode destacar como objetos da vida humana. Portanto, não existe definitivamente o homem sem estes dois objetos.

No entanto, o existencialismo freireano, presente nesta obra, segundo Romão (2002) foi característico das ideias do existencialista cristão Gabriel Marcel, descrevendo: “por intermédio de Gabriel Marcel que Freire bebera dessa fonte”. (ROMÃO, 2002, p. XIX). No entanto, é fato que em todo o seu estudo teórico e político, Freire (2001) faz uso de referências também dos preceitos intelectuais isebianos (ISEB).

Na reflexão jasperiana, conforme já se apontou anteriormente, não existe sujeito sem objeto. Pode-se destacar em *Educação e atualidade brasileira* (FREIRE, 2001), este entendimento, principalmente, do ponto de vista o qual Freire destaca os oprimidos como seres incapazes de refletir sobre sua existência, sobre si enquanto sujeito. No entanto, Freire (2001) deixa evidente que a capacidade deste homem de transformar-se, de romper com as barreiras da ignorância, tendo como objeto a Educação.

Nas obras analisadas, de um modo geral, pode-se perceber que o sujeito, em um contexto social, se torna cada vez mais fortalecido pelo contato com outras pessoas; dessa forma, aprende e é capaz de construir sua essência, de mostrar-se como indivíduo participativo. É por meio da interação social que se abrem caminhos para conquistas, para a formação de atitudes, comportamentos que podem levar o indivíduo a firmar-se como cidadão. Para isso, Freire (1967; 1980; 1983; 1981; 1997; 2001) descreve como sendo importantes a educação, a democracia e a conscientização, como partes de um processo de consolidação (cristalização) para se ter um cidadão, ou seja, para a construção do sujeito.

Os sujeitos possuem intenções que, uma vez postas em ação, comprometem-se com sua história, integrando suas condições subjetivas numa relação complexa, capaz de torná-los mais reflexivos. Principalmente, do ponto de vista da democracia que, para Freire (2001) lhe confere uma vivência mais real e transformadora, direcionada a uma comunicação existencial: Em suas palavras, “a necessidade entre os políticos e o povo, de uma comunicação existencial. De uma linguagem existencial, que fale seus problemas e suas dores e apresente soluções concretas e simples” (FREIRE, 1956, p. 22).

Buscando um melhor conhecimento sobre o sujeito (Homem), foram escolhidas algumas frases de Freire:

[...] ser aberto. Distingue o ontem e o hoje. O aqui do dali. Essa transitividade faz dele um ser diferente. Um ser histórico. Faz dele um criador de cultura. (FREIRE, 2001, p.8)

[...] homem-sujeito que, necessariamente, implicaria em uma sociedade também sujeito. Sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de autorreflexão e de reflexão. (FREIRE, 1967, p.43)

[...] os indivíduos, a quem considera sujeitos e não objetos, incidências de sua ação. Por isso mesmo é que, humilde e crítico, não pode aceitar a ingenuidade contida na “frase feita” e tão generalizada em que ele aparece como o “agente da mudança”.

Esta não é tarefa de alguns, mas de todos os que com ela realmente se comprometem. (FREIRE, 1981, p.34)

[...] e é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido a situações existenciais concretas. Pelo contrário, aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende. (FREIRE, 1983, p.16)

[...] o sujeito se reconhece na representação da situação existencial “codificada”, ao mesmo tempo em que reconhece nesta, objeto agora de sua reflexão, o seu contorno condicionante em e com que está, com outros sujeitos. (FREIRE, 1987, p.55)

[...] a vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto. Pela ausência de uma análise do meio cultural, corre-se o perigo de realizar uma educação pré-fabricada, portanto, inoperante, que não es' adaptada ao homem concreto a que se destina. (FREIRE, 1980, p.190)

Pode-se analisar aqui o homem como um sujeito aberto, capaz de construir sua própria história, o qual pela educação pode transformar-se. Os homens não são meros objetos, não podem aceitar a ingenuidade generalizada em ações alienantes, devem ser constantemente agentes de mudança, transformados pelo que aprendem. Sujeito que reconhece sua essência existencial, que tem vocação de ser sujeito, e não objeto.

Enfim, as obras de Freire (1967; 1980; 1983; 1981; 1997; 2001) analisadas mostram que o sujeito é um ser em constante evolução, sendo capaz de produzir consciência crítica, o que o destaca como ser humano. Tem um pensamento próprio, que lhe garante um processo de sentido, que o deixa vivenciar situações novas, que implicam na concretização de suas emoções. Estas são fundamentais para a concretização dos sentidos subjetivos (pois agem de forma simultânea, mesmo originada de lugares diferentes).

Além disso, diversas vezes, mostra que o ser humano é sujeito e não objeto e que pela educação pode transformar-se, mudar, abandonando a ingenuidade. Aponta a alfabetização de adultos como uma janela para esta transformação e a democracia como uma chave para abrir as portas de suas conquistas, enquanto ser crítico e reflexivo.

Enfim, o sujeito, portanto, como foi dito, é um ser social, vive dentro de espaços sociais e é comprometido com a prática social. No entanto, não é somente social, mas ele é como uma essência

individual que se projeta na constituição da subjetividade, dando-lhes sentido à sua vida e às suas práticas.

Jaspers foi grande influenciador de Freire, em um estudo relacionado ao sujeito, vendo-o claramente como um ser histórico, capaz de transformar-se, de evoluir. Inclusive, Jaspers faz pertinentes colocações do homem como um ser racional, um

[...] ser vivo dotado de palavra e pensamento (*zoon logon echon*). Como ser vivo que agindo dá à sociedade a forma de cidade regida por leis (*zoon politikon*); como ser que produz utensílios (*homo faber*); que trabalha com seus utensílios (*homo laborans*); que assegura sua existência por meio de planificação comunitária (*homo oeconomicus*). (JASPERS, 1965, p.47)

Todas estas facetas do homem podem ser destacadas nas obras de Freire (1967; 1980; 1983; 1981; 1997; 2001), visto como ser vivo capaz de interagir em sociedade, que não vive sozinho, que está a se transformar, que precisa ser político, lutar pela democracia e trabalhar. Vê, para isso, a educação e a política como modelos de discussão, principalmente, para elevar a consciência crítica, fortalecendo-se como sujeito em busca de concretizar objetos.

5.3 Situações-limite

No contexto da filosofia existencialista, “Karl Jaspers trata das *situações-limite* da existência: a luta, a morte, o azar e a culpa”. (XAUSA, 2003, p.1984). Sendo a “tomada de consciência destas *situações limites*, após o espanto e a dúvida, a origem mais profunda da filosofia” (JASPERS, 1987, p. 19).

Ainda, K. Jaspers caracteriza:

[...] o homem como um ser-em-situação limite. Este filósofo fala, portanto, na morte, no sofrimento, na culpa, no acaso, na insegurança e na luta enquanto *situações-limite* que limitam a atividade humana. Destas situações é a luta a forma básica de toda a existência. Portanto, ao contrário do sofrimento e da morte, onde o homem nos consegue intervir, na luta, pelo contrário, o homem é capaz de intervir. (CARLOS, 2013, p.139)

De um modo geral, como os existencialistas, Jaspers (1987) direciona as dificuldades das situações-limite como uma possibilidade de ação do homem. É nestas mesmas situações-limite que também pode-se refletir muito da militância de Freire, principalmente porque foi um ser incansável

na luta pela defesa dos oprimidos. Acreditando sempre que é por elas que o indivíduo toma consciência de si mesmo.

Nas primeiras duas obras analisadas (FREIRE, 2001; FREIRE, 1967), Freire não utiliza o termo situações-limite. Mas deixa evidente que o ser humano está em constante luta existencial (FREIRE, 2001); e menciona a expressão *situações desafiadoras*, que devem ser debatidas pelo homem, no grupo em que está, pois, caso contrário, estaria apenas repetindo os erros de uma educação alienada e por isso mesmo instrumental. (FREIRE, 1967).

Em Freire (1981), também não se faz uso do termo, situações-limite, mas sim de *situações-problemas*, tomando-as como um desafio para o educando. Destacando o professor como um suporte para enfrentar tais situações, que para o autor devem ser existencialistas, ou seja, sempre fazendo parte da realidade do aluno (alfabetizando).

Em Freire (1983), não há menção às situações-limite, mas sim, às *situações concretas*, às quais são contrapostas à problematização:

[...] a problematização não é (sublinhemo-lo uma vez mais) um entretenimento intelectualista, alienado e alienante; uma fuga da ação; um modo de disfarçar a negação do real. Inseparável do ato cognoscente, a problematização se acha, como este, inseparável das situações concretas. (FREIRE, 1983, p.56).

Traz, portanto, uma reflexão sobre a problematização, afirmando-a inseparável das *situações concretas*. Freire (1983) demonstra que, ao ensinar, é imprescindível que separe as *situações reais*, de como trabalhar (problematizar) os conteúdos dados. Traz uma reflexão clara de que o ser humano constrói sua educação, por meio das suas próprias vivências e é a partir delas que o educador deve se apoiar.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987), o termo, *situações-limite*, está presente, pelas quais ressalta que estas não devem ser tomadas como barreiras insuperáveis, mas como dimensões concretas e históricas de uma dada realidade. Constituem-se como dimensões desafiadoras do ser humano, que devem ser superadas, não aceitas de forma passiva.

Neste contexto, mostra que as situações-limite, em si mesmas, não podem ser geradoras de desesperanças, nem como um freio para o ser humano, ou algo que não pode ser ultrapassado. No instante em que a percepção crítica é instaurada, gera-se um clima de esperança e confiança, capaz de levar o homem a embrenhar-se na superação dessas situações-limite. Ainda, na mesma obra, observa-se que as

[...] “situações-limite”, se apresentam aos homens como determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa senão adaptar-se. Desta forma, os homens não chegam a transcender as “situações-limite” e a descobrir ou a divisar, mas além delas ou em relação com elas, o “inédito viável. (FREIRE, 1987, p.53)

No ponto de vida de Freire (1987), cabe ao ser humano adaptar-se a estas situações-limite, ou seja, barreiras que, de certa forma, o impedem de aflorar sua humanidade. Trata-se de uma situação desumanizante, a qual fundamenta a questão da opressão, do ser oprimido. Mas para superar estas situações, leva-se o ser humano a dois extremos, ou seja, tanto a máxima da negatividade até a positividade. Por isso acredita no poder da pedagogia, como fator problematizador capaz de fortalecer a concepção humana do existir, sempre destacando a realidade na qual o indivíduo vivencia.

Em Freire (1980, p. 33), destaque-se a seguinte observação: “a tarefa fundamental dos países subdesenvolvidos – o compromisso histórico de seus povos – é superar sua situação-limite de sociedades dependentes, para converterem-se em seres-para-si-mesmos”. Traz literalmente a questão da situação-problema descrita por Jaspers (1987) de que o homem só toma consciência de si mesmo, a partir da vivência destas situações-limite. Daí a defesa de Freire (1980) em superá-las, para poder, dessa forma, se reconhecerem como seres para si mesmos.

Assim, descreve que:

[...] as “situação-limite” em que se encontram desafiam as sociedades e, ao mesmo tempo, ajuda-as a compreender cada vez melhor as causas reais de sua dependência. Mas, na medida em que se “desvela” a “situação-limite”, nessa mesma medida “a possibilidade não-experimentada” chega a ser uma “situação-limite” para os que lhes impõem suas palavras. (FREIRE, 1980, p.33)

As situações-limite são desafiadoras, mas ajudam o ser humano a entender-se como pessoa. Inclusive, as possibilidades de elas o transformarem constituem-se em algo real, concreto, pois na medida em que são vivenciadas, dão suporte para o reconhecimento de si mesmo. Somente aquele que não as experimentam, é que as veem como obstáculos invencíveis.

Pondé (2010) destaca que Jaspers viu nas situações-limite (morte, acaso, culpa e desconfiança) o que é fracassar. Por isso, não enfrentá-las pode ser caracterizado como a concretização do fracasso humano. Não significa que elas não existiram mais, mas saberá o homem entendê-las como algo desafiador (parte de sua existência), no entanto, não deve jamais se deixar derrotar por elas.

Freire (1987) destacou a importância da sociedade e do ser humano, enfim, do indivíduo em si, enfrentar as “situações-limite”, pois, só assim, poderá se tornar um ser mais completo, crítico e reflexivo. Jaspers, na sua análise e apresentação das situações-limite, esclarece que estas são o mesmo que existência. (apud GABARDO, 2012, p.21). Nesse aspecto, da mesma forma “que a situação está para a existência empírica, a situação limite está para a existência”. (GABARDO, 2012, p.21).

É como se as situações-limite fossem como a fronteira na qual a consciência se funde como existência. Revelando que ela está em todo ser humano, e que muitas vezes, quando a existência empírica não faz sentido, abre-se espaço para vislumbrar a situação limite. O que para Jaspers ocorre num salto.

Mesmo sendo as situações-limite, muitas vezes, existentes na vida humana, muitos tentam enfrentá-las e até mesmo evitá-las. Mas para Jaspers isso não é possível. Freire evita esse irracionalismo jasperiano. Freire (1987) vê as situações-limite como dimensões desafiadoras, concretas e históricas de uma dada realidade. Busca sempre a possibilidade de superar essas situações-limite, destacando-as como obstáculos, que consideram históricos e produzidos pelo homem, portanto, devem ser superados por ele. (COSTA; FURTADO, 2014).

Enfim, pode-se considerar que o pensamento freireano foi marcado por forte influência de Jaspers, primeiro pela dimensão epistemológica que destaca as situações-limite; segundo, pela adequação destas à vida de Paulo Freire, as quais foram sendo devidamente enquadradas em todos os momentos da difícil luta que travou, seja quando criança, como educador, como ser humano vivenciando as realidades dos oprimidos, seja nas suas perdas pessoais, na sua vivência no exílio; enfim, as situações-limite foram demarcando o entendimento de Freire sobre sua existência, tendo efetivo destaque no seu pensamento pedagógico.

5.4 Diálogo/Comunicação

É notória a influência do pensamento de Karl Jaspers em Paulo Freire, frente aos princípios fundantes da concepção do diálogo. Afinal, Jaspers coloca que o ser humano é essencialmente um ser em constante comunicação, desta forma está sempre procurando comunicar-se com os outros. Na verdade, colocam-nas (existência e comunicação) como sendo inseparáveis, ou seja, uma não consegue existir sem que a outra exista. Inclusive, o valor semântico expresso pela palavra diálogo, é entendido e, de certa forma, traduzido por Jaspers pela categoria, *comunicação*. Esta, para ele, demonstra a condição existencial, do que há na relação dialógica entre os homens.

A obra *Educação como prática da liberdade* é a que mais se aproxima da questão do diálogo, pois ele traz uma proposta voltada para a efetivação da dialogicidade, procurando mostrar que o ser humano somente consegue se estabelecer, existir, por meio da prática do diálogo. Na verdade, subentende-se a defesa de que o ser humano não vive isolado, mas é por meio da comunicação com o outro que consegue sobreviver.

Em *Educação como prática da liberdade*, encontra-se descrito que o “diálogo é condição essencial” (FREIRE, 1967, p. 4) para o fazer humano. Freire traz o exemplo do coordenador e instiga o leitor a compreender que, sem o diálogo, não há a mínima condição de realizar sua prática. Na construção do seu fazer, é importante que o ser humano possa justamente compreender a importância do diálogo.

Freire, como Jaspers, faz relação entre diálogo e comunicação, provavelmente, impulsionado pela bagagem deste filósofo existencialista. Reflete:

[...] as sociedades a que se nega o diálogo — comunicação — e, em seu lugar, se lhes oferecem “comunicados”, resultantes de compulsão ou “doação”, se fazem preponderantemente “mudas”. O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico. (FREIRE, 1967, p.69).

É importante compreender que uma sociedade que não dialoga, não se comunica. No entanto, esse mutismo não significa que há falta de comunicação, mas para Freire é a falta de consciência crítica. De certa forma, a alusão aqui não é ao som, ao falar com o outro, mas em não ser submisso, se fazer entender e, assim, ser altamente crítico.

Talvez a busca pela criticidade seja um dos maiores indicativos que Freire quer passar para o leitor, pois ela é a responsável pela autonomia, pela formação do ser. Daí a importância de não se calar, de dialogar sempre, de manter a mente aberta para a formação de uma identidade própria.

Além da criticidade, Freire descreve que o diálogo, a investigação e a pesquisa ampliam a criticidade, que só pode ser possível com base na cultura da palavra, sendo base para a efetivação da democracia: “À nossa cultura fixada na palavra corresponde a nossa inexperiência do diálogo, da investigação, da pesquisa, que, por sua vez, estão intimamente ligados à criticidade, nota fundamental da mentalidade democrática”. (FREIRE, 1967, p. 96).

Mas só é possível ver realmente a influência de Jaspers, na visão freireana, referente ao que seja diálogo, no trecho a seguir:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967, p.107).

Pode-se observar, com clareza, que Freire toma por fator gerador, ou influenciador, o diálogo como componente fundamental de seu pensamento pedagógico. Reforça inclusive a relação entre diálogo e comunicação, ao afirmar que “o diálogo comunica”, sem dispensar a ênfase que o ser humano deve se fazer crítico.

Freire, portanto, destaca concordar com Jaspers, quando ele diz que o diálogo é indispensável caminho e quando descreve que é só pelo diálogo o ser humano consegue ser ele mesmo:

“O diálogo é, portanto, o indispensável caminho”, diz Jaspers, “não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtude da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos”. (FREIRE, 1967, p.107)

Na construção dialógica é que o ser humano se reconhece, desenvolve seu EU, traz estímulo e significado à vida humana. Sempre endossando que a importância do desenvolvimento da criticidade, principalmente, para o povo brasileiro, que precisa fazer valer a conquista da democracia.

Na obra *Ação cultura para a liberdade*, Freire escreve também, considerações importantes sobre o diálogo. Com relação à apreensão da realidade científica para a concretização do diálogo, aborda que “para que o diálogo seja o selo do ato de um verdadeiro conhecimento é preciso que os sujeitos cognoscentes tentem apreender a realidade cientificamente no sentido de descobrir a razão de ser da mesma – o que a faz ser como está sendo”. (FREIRE, 1991, p. 55).

Neste contexto, Freire destaca a educação dialógica, ou seja, a educação para o diálogo, vendo-o como um elo para a libertação. Sempre destacando-o como uma prioridade para que o ser humano evolua, construa conhecimento, sendo, portanto, mais que uma “ponte” para a comunicação.

Na obra *Extensão e comunicação*, Freire faz muitas referências ao diálogo, tendo-o como um suporte para a formação da própria humanidade.

[...] não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si. (FREIRE, 1983, p. 28)

Freire deixa claro que o diálogo é praticamente um encontro existencial do ser humano, talvez a referência sobre o humanismo. Mas percebe-se a influência de Jaspers, quando o afirma o diálogo como forma de ser da própria existência. Jaspers (1965, p. 76) destaca que o “diálogo é um método civilizado de encontrar caminho comum, mesmo quando há oposição entre os que o procuram”. Nesta perspectiva, talvez, Freire (1983) veja no diálogo a forma plena do existir, pois o destaca como um caminho comum.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire também faz uma análise profunda sobre o diálogo, colocando-o como a essência da educação como prática da liberdade.

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente, as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. (FREIRE, 1987, s.p.²⁰).

O diálogo vence as fronteiras do infinito, fazendo com que a pessoa se encontre em si mesma. Nesta defesa constante do diálogo, Freire ainda destaca:

[...] a palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si mesmo, no outro – é a decisão e compromisso de colocar na construção do mundo comum. (FREIRE, 1987, s.p.).

Mais uma vez, Freire destaca ser o diálogo, essencial para a comunicação humana, mas reforçando ser parte para encontrar a própria existência, reforçando que, quando realizado de forma autêntica, é capaz de construir um mundo comum. Esta pode ser uma alusão a Jaspers (1924) ao fazer a referência ao diálogo como um caminho comum.

Na obra *Conscientização*, Freire reforça, tomando por base a sua experiência pedagógica, “a necessidade de atuar sobre a realidade social para transformá-la, ação que é interação, comunicação,

²⁰ Obra reproduzida *on-line*, na qual não demarcadas às páginas originais do livro em apreço.

diálogo”. (FREIRE, 1980, p.7). De uma forma mais amadurecida, o autor estabelece uma relação de três elementos, para que a prática pedagógica possa se concretizar: interação, comunicação, diálogo.

Mas a relação com a visão de Jaspers se dá pela frase “o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial”. (FREIRE, 1980, p.42). Efetiva-se, dessa forma, a relação que Jaspers faz com a fé cristã, pois ao referir-se ao diálogo como um caminho comum, praticamente denota a famosa frase cristã: “Jesus é o caminho, a verdade e a vida”, estabelecida em João (14,6) – “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”.

O diálogo é para o homem, como Jesus o é para o ser humano, um caminho em comum, pelo qual ele pode encontrar a sua própria existência. Por isso, Freire, de formas divergentes, procurou mostrar nas suas obras a importância do diálogo na relação professor – aluno, chegando a destacar uma pedagogia dialógica. Certamente, para este educador, o diálogo exige pensamento verdadeiro, pensamento crítico. Essa relação torna-o um objetivo de poder para o ser humano, capaz de combater, principalmente, a alienação. (FREIRE, 1987).

Enfim, a matriz existencialista-cristã da pedagogia de Freire só se esclarece definitivamente através da leitura da obra de Jaspers. Parafrazeando Paiva (1980, p.114), esta matriz se manifesta diretamente no método calcado sobre discussões, sobre o diálogo construído a partir de palavras geradoras, carregadas de sentido existencial, e que são o ponto de partida para a alfabetização, ou seja, trata-se de colocar em discussão a existência empírica, a vida, por meio de um método ativo, conectando facilmente concepções que tem sua origem no existencialismo e no escolanovismo.

5.5 Consciência

Paulo Freire, segundo Romão (2002), fez muito uso do termo conscientização, no entanto, este não provinha do que aprendera e absorvera no ISEB. Inclusive, Freire utiliza o termo em sua primeira obra, *Educação e atualidade brasileira*, mas deixa evidente que é contrário à ideia isebiana, que vê o homem como um ser intransitivo (um ser fechado). Freire (2001) destaca que o homem não é por absoluto um ser intransitivo, pois tem uma vocação ontológica²¹. Neste aspecto, afirma Freire,

²¹ Ontologia é a ciência que estuda o ser. Para Freire, a vocação ontológica é a capacidade do ser humano de transformar o mundo, para o qual necessita da autonomia. Daí, suas colocações dessa vocação, principalmente, no livro *Pedagogia da Autonomia*. Essa capacidade de transformação é o que difere o homem dos demais animais, que vive um presente que pode ser transformado. Afinal, o ser humano é um ser inacabado, em plena construção e transformação. (UTZIG, 2010).

segundo Romão (2002, p.38), “o *ser* humano nunca é absolutamente “*intransitivo*”, por mais alienado que seja, porque sua essência é ontológica”. Neste aspecto, pode o homem mudar, dar forma diferente à sua essência, ou seja, fazer avançar o nível de sua consciência.

A consciência intransitiva é como se o homem tivesse uma compreensão limitada de sua vida (principalmente, no contexto biológico), não sendo um ser capaz de construir sua história. Neste aspecto,

[...] falta-lhe historicidade, ou, mais exatamente, teor de vida, em plano histórico. Sua consciência é intransitiva, nestas circunstâncias. É a consciência dos homens de zonas pouco ou nada desenvolvidas do país. São uns “demitidos da vida” ou, talvez mais precisamente, uns inadmitidos à vida, tomada a expressão no seu sentido mais amplo. (FREIRE, 2001, p.23).

A consciência intransitiva traduz uma abordagem direcionada à alienação do homem, principalmente, com relação a si mesmo. Fato que, para Freire (2001), não pode existir, por isso a referência de que o homem pode mudar esta realidade, pois tem uma essência ontológica.

Enfim, na obra *Educação e Atualidade Brasileira*, pode-se destacar a preocupação de Freire em apresentar a educação como caminho para que o homem saia da consciência ingênua e possa transformar-se em um ser mais reflexivo, crítico. Inclusive, destaca a posição do gestor e do educador qualificado como seres operantes, que, por meio da democracia e da reflexão, amplia o nível de consciência do sujeito (homem). Mas, por outro lado, percebe-se que na educação de modo geral, essa é uma realidade ainda muito distante, ou seja, não tem sido concretizada.

Reflexões sobre a consciência podem ser descritas a partir das seguintes considerações de Freire:

[...] o grau de consciência dos problemas de seu tempo e de seu espaço. É dar-lhe uma “ideologia do desenvolvimento”. E o problema se faz então um problema de educação. “De educação e organização ideológica. (FREIRE, 2001, p.28)

[...] sem esta consciência cada vez mais crítica não será possível ao homem brasileiro integrar-se à sua sociedade em transição, intensamente cambiante e contraditória. (FREIRE, 1967, p.63)

[...] a consciência crítica dos oprimidos significa, pois, consciência de si, enquanto “classe para si” (FREIRE, 1981, p.40). Esta dimensão crítica da consciência explica as finalidades de que as ações transformadoras dos seres humanos sobre o mundo estão impregnadas. Porque são capazes de ter finalidades, são capazes de prever o resultado de sua ação, ainda antes de iniciada. (FREIRE, 1981, p.55).

[...] o aprofundamento da tomada de consciência, que precisa desdobrar-se na ação transformadora da realidade, provoca, com esta ação, a superação do conhecimento preponderantemente sensível daquela com que se alcança a razão da mesma. (FREIRE, 1983, p.21)

[...] quanto mais assumam os homens a sua postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significa, se apropriam dela. (FREIRE, 1987, p.56)

[...] o homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la. (FREIRE, 1980, p.22)

Todos os pressupostos assim geram uma única visão de que a formação da consciência humana é capaz de transformar sua realidade. A tomada de consciência ao mesmo tempo em que instiga o desenvolvimento ideológico humano (FREIRE, 2001), é capaz de torná-lo mais crítico (FREIRE, 1967; FREIRE, 1981), levá-lo a tomar decisões (FREIRE, 1983), a assumir postura ativa (FREIRE, 1987) e a fazê-lo participante de sua história (FREIRE, 1980). Nestes parâmetros, é que se pode considerar que a consciência é em si transformadora, gera maiores possibilidades do homem de se ajustar no mundo e interagir positivamente nele. Por isso, a ênfase freireana a ter a educação como suporte para a formação do homem, bem como da sua consciência crítica.

Jaspers, segundo Rezende (2013), define a consciência como sendo um todo momentâneo da vida anímica num dado momento, tendo duas direções definidas: consciência do eu – de identidade (núcleo eu / ego) ao mesmo tempo, subjetiva; consciência dos objetos – consciência por oposição (Eu diferente do mundo). Atendendo-se assim a uma linearidade entre sujeito (EU) e objeto (ISTO), de modo que seja envolvida a superação entre sujeito e objeto.

Neste aspecto, o sujeito ao formar sua consciência (do EU), passa a ser capaz de realizar uma oposição, na qual se desvela o objeto. Cabe aqui lembrar que Jaspers destaca que não pode haver sujeito sem objeto. Para Freire (1967), é a força interna que torna o homem sujeito de si mesmo, mas que é por buscar as soluções existenciais que passa a concretizar o objeto. Deixa claro, portanto, que é nas “relações com a realidade e na realidade, trava o homem uma relação específica — de sujeito para objeto — de que resulta o conhecimento, que expressa pela linguagem”. FREIRE, 1967, p. 111).

Partindo da filosofia existencialista, dos estudos em Freire e Jaspers, pode-se ainda, descrever que:

[...] os seres humanos são incompletos por estarem “sendo” constantemente. Entender tal situação é se admitir como sujeito incompleto, inconcluso e inacabado capaz de aceitar mudanças que se façam necessárias no ser, promovendo uma

abertura de consciência que favoreça o desconhecido, a curiosidade, a comunicação e a transformação. (UTZIG, 2010, p.25).

Este é o maior entendimento que se tirou em todo estudo de Freire em sua correlação com Jaspers. Os seres humanos são seres em transformação, incompletos; o sujeito é por si incompleto, mas é ao abrir sua consciência que irá ampliar sua curiosidade, comunicar-se melhor e, enfim transformar-se.

Freire (1980) mostrou que o ser humano não pode ser passivo, nem mesmo ficar apático diante da sua realidade, deve transformar-se. Sendo necessário que tome “consciência de seu poder de transformar a natureza e que responda aos desafios que esta lhe propõe”. (FREIRE, 1980, p.22).

Diante desta realidade, que faz um estudo sobre os níveis de consciência (consciência intransitiva e transitiva) e explica que o ser humano é um ser capaz de romper barreiras, que basta acreditar, que está a se completar, a se organizar no mundo. No contexto de sua pedagogia, vê a educação como suporte para que o homem possa superar-se, principalmente, libertar-se da opressão. Não deixando de lado a sua característica política, de exercer sua democracia, participar e não ficar alienado e nem se deixar alienar jamais.

Para Jaspers, segundo Marcell (2014), o ser humano é capaz de tomar consciência de si mesmo, não pela contemplação da história, mas que sua essência é a mutação, pois é o único ser de natureza não-estática. Realidade que demonstra a influência de Jaspers sobre Paulo Freire, que em todo momento procura levar o leitor a entender que o ser humano é um ser que pode se transformar, e que não tem, portanto, natureza estática. Para Jaspers,

[...] apesar de o homem parecer não alcançar sua origem é esta a existência que o faz tentar mudar, fugir das condições que dão estagnação, portanto o existencialista está longe de ser bucólico, nostálgico, romântico, mas sim um inconformado; se pudéssemos inverter a ordem das coisas, podíamos dizer que sua essência é de inconformismo para com a existência, existir é ter consciência do estado de sua espécie, mesmo que todo o resto seja mistério, existir implica ter consciência do outro (dos objetos, do mundo) mesmo que com limitações, isto é o que possibilita incorporar tais aspectos e redefinindo em-si ter autoconsciência, para além, para o devir. (MARCELL, 2014, p. 118).

Jaspers, portanto, traz à luz que o existencialista é um ser inconformado e tem pouco conhecimento de sua existência, mas para ele basta ter consciência de si e do outro, para que redefina sua autoconsciência. Freire, como se pode perceber, por intermédio, de suas obras, que é um ser inconformado.

Realmente, esta pode ser uma de suas características marcantes, ao escrever suas obras, pois busca o tempo todo mostrar ao leitor seu descontentamento com a opressão (do mais forte sobre o mais fraco), da desigualdade (do rico sobre o pobre; do letrado sobre o analfabeto), da alienação (muitas vezes, fortalecida pela política e por uma educação bancária). A consciência aqui é que faz o homem superar esses desafios, principalmente, a consciência crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste trabalho como um todo foi um rico desafio, principalmente, o de abordar um filósofo existencialista, cujo pensamento se apresenta como base do pensamento de Paulo Freire. Karl Jaspers, Gabriel Marcel, Álvaro Vieira Pinto e Sartre constituíram-se a base do estudo sobre o existencialismo (cristão e ateu), bem como suportes para a busca da melhor perspectiva de entendimento da filosofia freireana.

No primeiro capítulo, trabalhou-se fenomenologia de Husserl, que é marcada pelo estabelecimento da relação entre sujeito e objeto na busca pelo conhecimento. Estudo em que se mostrou ainda a crítica que Husserl faz sobre a corrente clássica do conhecimento, apresentando-se, desta forma, o que ele desenvolve a respeito da fenomenologia.

Foi possível compreender conceitos e também, analisar categorias fenomenológicas importantes como fenômeno (fenômeno começou a indicar aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência; para isto, exige-se a reflexão filosófica, pois não é uma manifestação natural da coisa); intencionalidade – consciência de (intenção e consciência, talvez sejam estes os dois pontos mais conflitantes ou instigantes da compreensão sobre a fenomenologia); a *epoché* (*epoché*) ou redução fenomenológica (o problema da *epoché* não se resume na existência do mundo, mas no significado que ele tem).

Diante destas categorias, destaca-se a consciência de, por exemplo, a consciência não está dentro de mim, não somos como aranha. Pois, uma aranha joga sua teia e suga sua presa para dentro de si. Assim, vai construindo um depósito, além de alimentar-se deste. A consciência em Husserl, como foi visto, ela não está dentro de mim, elas está fora, é intencional, ela flui em direção às coisas.

No segundo capítulo, foi possível compreender sobre o existencialismo em si; começou-se pelo conceito, depois partiu-se para o estudo sobre a existência, a qual precede a essência. Neste aspecto, apresentam-se alguns dos principais existencialistas: Sartre (ateu) e Karl Jaspers, Gabriel Marcel e Álvaro Vieira Pinto (cristãos). De modo específico, todos os existencialistas têm em comum que a existência precede a essência, ou seja, primeiramente o ser humano existe, ele é jogado no mundo. Como afirma Sartre, o ser humano é lançado no mundo, portanto, de início, existimos e, posteriormente, vamos construindo a essência.

Diferentemente de Platão, Aristóteles ou dos filósofos da teoria clássica, que defendem que o homem nasce com a essência, em contrapartida, o existencialista vai contra isso, pois acreditam que a existência precede a essência. Primeiramente, eu existo, só depois eu vou construir a minha essência. De início, somos como uma folha vazia, somos nada. O que vamos ser é aquilo que vamos construir.

Portanto, a partir do momento em que este entendimento foi apontado no estudo, passou-se a fazer um estudo sobre o existencialismo (ateu e cristão), dando um formato à ideia do trabalho, para reconhecer nestes Paulo Freire e pensamentos existencialistas próximos a pessoa de Karl Jaspers, que o influenciaram enquanto pessoa, professor e escritor.

De modo geral, percebe-se que Freire teve uma familiaridade maior com os existencialistas cristãos, mantendo em suas obras um pouco de Karl Jaspers, Gabriel Marcel e Álvaro Vieira Pinto. Inclusive, a princípio, o estudo voltava-se para as influências de Gabriel Marcel em Paulo Freire, mas o trabalho foi se desenhando de tal forma que Karl Jaspers mostrou-se um foco de investigação que traria maior riqueza ao estudo.

Na interpelação entre fenomenologia e existencialismo, tornou-se necessário analisar que quando houve o estudo em Husserl, pode-se perceber o homem com uma consciência intencional – consciência de. Ficou plausível que Sartre concorda com Husserl de que a consciência é sempre consciência de algo, de algo que não é consciência. Sendo assim, a consciência está no mundo, mas não está ligada a ele. Assim, a consciência, que vem a ser existência ou o homem, é, portanto, absolutamente livre.

Ao mesmo tempo, a escolha sobre Paulo Freire nesta interpelação, partiu da reflexão de Freire sobre conscientização, ou seja, de ter consciência das coisas, justamente isso, ou seja, as coisas estão fora de mim. Corroborando com esta análise, Freire (1987, p 36) escreve “A consciência e o mundo, diz Sartre, se dão ao mesmo tempo: exterior por essência à consciência, o mundo é, por essência relativo a ela”.

Em seguida, no terceiro capítulo, apresentou-se Paulo Freire, o objeto central desse estudo, o qual por meio de sua trajetória histórica pôde ser melhor conhecido, como um ser à frente de seu tempo, reconhecendo-o como filósofo, educador, militante, enfim, como defensor dos oprimidos, mas, seguramente, o grande idealizador de um grande projeto de educação, a alfabetização de jovens e adultos.

Uma trajetória histórica que mostra uma criança que muito cedo perde o pai e é obrigado a conviver em um lugar que não é o seu de origem, que na juventude passa a experimentar de diversas

formas a relação entre opressores e oprimidos. Um homem que se forma em Direito, mas que vê na educação sua principal paixão, fazendo desta sua defesa e seu modo mais peculiar de vida.

Deve ser destacada sua forte presença na defesa dos oprimidos, buscando despertar-lhes a consciência crítica por meio da educação. Ação que lhe garantiu o exílio, quando da inauguração da ditadura civil-militar. Mas, ao regressar ao Brasil, continua, de forma intensificada, sua luta pela educação, principalmente, pela alfabetização de jovens e adultos, que foi o seu maior legado.

Enfim, o conhecimento das concepções de Freire levou-nos à relação existente entre ele e a corrente existencialista: esse foi o objeto do quarto capítulo, buscando-se compreender como Freire chegou ao existencialismo, para que se pudesse perceber as influências existencialistas (Karl Jaspers, Gabriel Marcel e Álvaro Vieira Pinto). Inclusive, compreender como chegou o existencialismo no Brasil, para enfim lançar focos em relação ao objeto da pesquisa: a presença de Karl Jaspers em Paulo Freire.

Na busca por compreender este objeto, no quinto capítulo, foi feito um estudo em seis obras de Freire escolhidas. São elas: *Educação e atualidade Brasileira* (1959) versão utilizada (2001); *Educação como prática da liberdade* (1967) *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (1976) versão utilizada (1981); *Extensão e comunicação?* (1971) versão utilizada (1983); *Pedagogia do Oprimido* (1970) versão utilizada (1987); e *Conscientização: teoria e prática da liberdade* (1980) versão utilizada (1980).

Em leitura de cada obra, partiu-se por identificar cinco categorias - existência como liberdade; sujeito; situações-limite; diálogo/comunicação e consciência - as quais permitiram localizar a presença de reflexões existencialistas, de um modo geral, bem como a influência de Karl Jaspers.

Pela categoria, *existência como liberdade*, pode-se ampliar para a noção de existência, pela qual o ser humano é concebido como um ser inacabado, jogado no mundo. Trata-se da defesa de que é pela vivência que ele pode construir sua essência. Existência, portanto, precedendo a essência. Freire na defesa do ser humano, na formação do conhecimento do cidadão de direitos, visando uma luta pela liberdade. Uma liberdade que implica a de expressão, a de vida, a de ser transformador do mundo. A visão de uma existência capaz de transformar pela liberdade. Por exemplo, em *Educação como prática da liberdade*, pode-se perceber que a liberdade emerge pela educação, desatando os nós que prendem o educando, a opressão, a passividade, libertando-o para a vida, para viver conforme projeta, sonha e busca viver.

Pela categoria *sujeito*, observa-se a relação existente entre as posições de Jaspers e a visão e ação de Freire, nas quais não há sujeito sem objeto, ou seja, não pode haver um ser humano completo, sem que este priorize algo a conquistar. Nota-se, ainda, um sujeito inacabado, que está a se fazer no decorrer de sua vida. O que só é possível por meio do conhecimento, da participação democrática e da educação.

Freire em suas obras mostra que o crescimento humano só é possível se houver motivação para o conhecimento, para a aprendizagem, ou seja, só se torna um ser pleno, pela educação. E esta garante maior participação dele na sociedade, na política, enfim, observa-se que na democracia é que emerge a fortaleza humana. Por isso, manteve sua militância em prol da defesa dos oprimidos, da democracia e, principalmente, da alfabetização de jovens e adultos, para que estes pudessem ser mais críticos e autênticos, e vivessem em plenitude sua cidadania.

Na categoria, *situações-limite*, pode-se iniciar a reflexão pela vida de Freire em si, na qual se pode perceber que há um vínculo muito precoce, entre ele e o existencialismo, se podemos assim caracterizar. Pois, teve uma vida muito difícil, ou seja, vivenciou, por todos os lados, a dificuldade que as pessoas humildes têm de sobreviver, de pensar na opressão como uma forma dilaceradora da vida humana; por isso, a ênfase de lutar contra ela. Pode-se perceber aqui a questão das situações-limite.

Além disso, experimenta o exílio, em uma passagem pela África também experimentou novamente tal situação-limite, na qual se encontra a pobreza e a opressão. Enfim, tudo isso é Freire diante das situações-limite, que são justamente o que Karl Jaspers reflete sobre as circunstâncias em que se dão estas situações-limite, por exemplo, diante do desespero, da doença, diante da morte.

Em Jaspers, no entanto, percebe-se que somente, com a transcendência é que se consegue superar estas situações, ou seja, em Deus. Pensamento, também, de Gabriel Marcel. Tanto é verdade que este critica Sartre, afirmando que estava errado, ao afirmar que o ser humano é um ser inacabado, condenado à liberdade, condenado à morte, e que tem que viver o “carpe diem” (prazer de cada dia) para poder superar a angústia, pois o homem é um ser jogado no mundo. No entanto, Gabriel Marcel não concorda com tal posição, pois Deus é o elemento de superação disso tudo, que se Sartre acreditasse nele, poderia mostrar que é por meio Dele que tudo é vencido.

Portanto, as reflexões de Paulo Freire, bem como a sua vida, tornam-se interessantes, pois o existencialismo nasceu entre duas Grandes Guerras, situação em que o homem está jogado,

dilacerado, diante daquela carnificina que estava ocorrendo neste período. Mas, é diante destas situações precárias que surge o existencialismo.

Enfim, as situações-limite, descritas tão bem pela corrente existencialista, nos revela que dificuldades sempre existiram, mas seguramente elas não são intransponíveis, podem ser vencidas, mediante a luta. Esta é visão de Freire, que encontrou nas raízes existencialistas de Jaspers a prontidão para a superação de tais situações em busca de algo melhor.

A categoria *diálogo e comunicação*, de certa forma, foi uma das mais marcantes, tanto que Freire sempre mostra em todas as suas obras a preocupação com o diálogo, com a comunicação em si. Busca mostrar que a passividade, o ficar calado, tende a anular o ser humano. Na formação de alfabetizando jovens e adultos, Freire busca aproximar o diálogo de suas vidas, de mostrar que é por ele e por meio dele que se podem concretizar os objetivos, superar dificuldades e conquistar algo novo.

Jaspers explica que o diálogo é uma relação horizontal, um caminho a seguir. Freire, também, tem esta visão, daí advindo a sua forte defesa e busca pelo diálogo sempre, em qualquer momento da vida humana. Fortes influências de Jaspers estão presentes em Freire, principalmente, a de que é por meio do diálogo (caminho) que o ser humano consegue ampliar sua criticidade, tornar-se fortalecido, para enfrentar, principalmente, as situações-limite.

A categoria *consciência*, traz de fato o que Freire mais defendeu, a transformação do cidadão (alfabetizando/oprimido/educando) em um ser pleno, com consciência crítica diante do que vê, podendo transformá-lo para melhor. Seja deixando de ser um analfabeto (o que se pode perceber é que Freire nunca gostou de fazer uso deste termo, falava sempre de alfabetizando), ou de ser um ser oprimido (Freire sempre encorajou este a lutar, a vencer as barreiras da opressão, principalmente, pela democracia), deixando de ser mero educando (Freire buscou com sua pedagogia transformadora formar mais que educandos, mas cidadãos críticos e autênticos).

Em tais reflexões presentes nas obras de Freire resumem-se o que ele procura mostrar o que seria a consciência para ele. Na verdade, tomando-se pelos títulos das obras pesquisadas, mais uma vez, pode-se encontrar esta visão: *Educação e Atualidade Brasileira*, fazendo um paralelo de como pode esta transformar a sociedade; *Educação como Prática da Liberdade*, ou seja, deve o ser humano ter a consciência de que a educação liberta; a *Ação cultural para a liberdade* demonstra que toda vez que o ser humano age, principalmente, no berço de sua cultura, pode transformar-se, pode tonar-se mais livre; a *Extensão e Comunicação* sustenta que, pela comunicação, pode a sociedade estender as

possibilidades de ser melhor; *Pedagogia do Oprimido* procura, quase como um alerta, superar a consciência ingênua para a transcendência; e *Conscientização*, talvez a obra que traz em seu título a fortaleza de Freire em acreditar que, pela conscientização humana de si mesmo e de sua existência, pode o homem se tornar um ser melhor.

É diante de tudo isso que fica destacado que o ser humano é um ser realmente inacabado (como aponta o existencialismo), e Freire toma poder disso, para mostrar em suas obras, para convencer o ser humano (o leitor) de que nada é estático, que ele pode transformar-se para melhor, pode superar suas situações-limite, pode, enfim, construir-se, fazer-se, preencher-se.

Diante de todas estas colocações, ficou evidente que o tema não foi esgotado, pois muitas são as obras de Paulo Freire a serem desveladas. Mas ficou evidente a influência existencialista em suas obras, em particular a presença marcante de Karl Jaspers em seu pensamento, tanto para o Freire existencialista, como para o pedagogo, ou simplesmente, para o ser humano que é.

O legado de Paulo Freire ficou marcado em suas obras, ou mesmo na sua história de vida, mas no que ele tem de melhor: o ser humano que se preocupou com os pobres, analfabetos, oprimidos, com os menos favorecidos. E, procurou não lhes dar o que comer, vestir, ou o que os ajudassem a resolver seus problemas de leitura (alfabetizando-os). Ele sim buscou mudar suas vidas, procurando sempre transformá-los, de sujeitos passivos em seres capazes de lutar, de ir além, de vencer suas barreiras, sendo cada vez mais críticos e autênticos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Gosi. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

AKKARI, A.; MESQUITA, P.; VALENÇA, R. B. Prolegômenos para uma prática educativa existencialista. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n.9, p.115-120, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://www.eletrica.ufpr.br/graduacao/noturno/ref/Pratica%20Educativa%20Existencialista.pdf>. Acesso em: 05 maio 2016.

ALPORT, G. W. *Personalidade: padrões e desenvolvimento*. São Paulo: EPU-SP, 1973.

AMARAL, E. et al. *Novas palavras*. Naturalismo. 2 ed. São Paulo: FTD, 2003.

ANDRADE, S. L. A.; PIVA, T. C. C. *A influência do positivismo no ensino científico brasileiro*. UFRJ, 2008. Disponível em: [www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Sergio Luiz.pdf](http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Sergio%20Luiz.pdf). Acesso em: 15 mar 2016.

AVILLETZ, G. M. O filho da eternidade. [s.a.t], 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 05 maio 2016.

BARRETO, V. *Paulo Freire para educadores*. São Paulo: Arte & Ciências, 2004.

BATISTA, Vera M. A governamentalização da juventude: policizando o social. *Revista EPOS*, Rio de Janeiro. 1(1), jan, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2178-700X2010000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 15 fev 2016.

BÍBLIA SAGRADA. *Coríntios, 13:10*. [tradução dos originais hebraico, aramaico e grego, versão francesa dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica)]. São Paulo: Editora Ave Maria, 1966.

BISSOLI FILHO, F. *O estigma da criminalização no sistema penal brasileiro: dos antecedentes à reincidência criminal*. Dissertação Mestrado (Direito). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/77220/108702.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio 2016.

BORGES, M. C.; DALBÉRIO, O. Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. *Revista Iberoamericana de Educación*, 43(5):1-10, 2007. Disponível em: <http://rieoei.org/deloslectores/1645Borges.pdf>. Acesso em: 15 fev 2016.

BRANDÃO, C. R. *Paulo Freire: educar para transformar: fotografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

CALDART, R. S. KOLLING, E. J. *Paulo Freire um educador do povo*. Veranópolis – RS: ITERRA, 2001.

CARLOS, E. M. Literatura, identidade e alteridade: a singularidade da leitura do olhar caboverdiano. In: SALES, J. A. M. de; FELDENS, D. G. *Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas*. Fortaleza: EDUECE, 2013. p. 138-149.

CARVALHO, J. M. de. *Karl Jaspers, um olhar fenomenológico sobre a criação artística*. Artigos Unifra. 2006. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/1/ARTIGOS/ARTIGOS/Karl%20Jaspers,%20um%20olhar%20fenomenol%C2%A2gico%20sobre%20a%20cria%E2%80%A1%C3%86o%20art%C2%A1st.p> df. Acesso em: 07 maio 2016.

CARVALHO, R. D. N. *A esperança em Gabriel Marcel: a fundamentação metafísica da esperança*. Joinville/SC: Clube dos Autores, 2011.

CERBONE, David R. *Fenomenologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CESCATO, M. C. Heidegger: a redução fenomenológica e a pergunta pelo ser. *Anais do Congresso de Fenomenologia da região Centro-Oeste Caderno de textos - IV Congresso de Fenomenologia da região Centro-Oeste - 19 – 21 de setembro de 2011*. Disponível em: <https://anaiscongressofenomenologia.fe.ufg.br/up/306/o/ComunMariaClara.pdf>. Acesso em: 20 mar 2016.

CHAVES, M.; GAMBOA, S. S.; TAFFAREL, C. (orgs.) *Prática pedagógica e produção do conhecimento na educação física & esporte e lazer: linha de estudo e pesquisa em educação física & esporte e lazer*. Maceió: EDUFAL, 2003.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

COLETTE, J. *Existencialismo*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

CORDON, J. M.; MARTÍNEZ, I. C. *História da filosofia*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2014.

CORTÊS, N. *Esperança e democracia: as ideias de Álvaro Vieira Pinto*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

COSTA, A. Fenomenologia e subjetividade. Análise fenomenológica do conhecimento: representacionismo versus antirrepresentacionismo. *Revista Estudos Filosóficos*, 13, 2014 – versão eletrônica. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art3%20rev13.pdf>. Acesso em: 15 mar 2016.

COSTA, C. III – Sociologia clássica. Capítulo 4: *Positivismo Uma primeira forma de pensamento Social*. In: _____. *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*. 3. ed., São Paulo: Moderna, 2005. p. 46-53.

COSTA, C. G.; FURTADO, E. D. P. Situações limites na pedagogia do oprimido e da esperança: possibilidades para a formação do educador do EJA. *V Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos*. 13 a 15 de maio – Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, SP., 2014. Disponível em:

<http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/viewFile/186/94>. Acesso em: 15 maio 2016.

DEMETRIUS, L. *Dicionário de filosofia Lisandro Demetrius*. Joinville/SC: Clube de Autores, 2015.

DIAS, S. S. *Fundamentos da teoria educacional em Vieira Pinto*. 2001. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art16_15.pdf. Acesso em: 05 maio 2016.

ENCICLOPEDIA Mirador Internacional. *Essência*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. [on-line]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez: 2001.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. *Conscientização: Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. [on-line]. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_conscientizacao.pdf. Acesso em: 05 maio 2016.

_____. *Educação como prática da liberdade*. [on-line]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. *Educação e a atualidade brasileira*. [on-line]. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Extensão e comunicação*. [on-line]. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Extensao_ou_Comunicacao1.pdf. Acesso em: 02 mar 2016.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo/SP: Paz e Terra, 1997/1998/2011.

_____. *Pedagogia da esperança*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2011.

_____. *Pedagogia do oprimido*. [on-line]. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 06 abr 2016.

_____. *Poder, desejo e memórias da libertação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, Genival F. Uma contribuição acerca da fenomenologia e dos cuidados de enfermagem. *Cultura de Los Cuidados*. XI(21): 5-7, 2007. Disponível em: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4652/1/CC_21_01a.pdf. Acesso em: 05 mar 2016.

FURTADO, O. As dimensões subjetivas da realidade: uma dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social. In: FURTADO, O; GONZÁLEZ REY, L. F. (Orgs.). *Por uma epistemologia da subjetividade* – um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 91-105.

GABARDO, C. E. C. *As situações limites na filosofia de Karl Jaspers*. Monografia (Filosofia). Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3687/1/2012_CarlosEduardoCarvalhoGabardo.pdf. Acesso em: 05 maio 2016.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação* – um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GALEFFI, D. A. O que é isto: fenomenologia de Husserl? *Ideação*, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.unilago.com.br/download/arquivos/30194/fenomenologia.pdf>. Acesso em: 05 mar 2016.

GIANOTTI, V. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. São Paulo: Mauad X, 2007.

GIORDANI, M. C. *Iniciação ao Existencialismo*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S/A, 1976. 143p.

GIOVEDI, Valter Martins. *A inspiração fenomenológica na concepção de ensino/aprendizagem de Paulo Freire*. 2006. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GUARESCHI, P. Imersão / emersão. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. *Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

HERCULANO, V.C.; FERREIRA, L. C. A concepção de educação para Álvaro Vieira Pinto e sua contribuição para repensar estudos sobre um ensino tecnológico humanizador. *ET.EDUCITEC*, 1, n.1, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Cida/Downloads/22-72-1PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cida/Downloads/22-72-1PB%20(1).pdf). Acesso em: 02 mar 2016.

HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. 3^a. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. *A Filosofia como ciência de rigor*. Coimbra: Atlântida, 1953. 72p.

_____. *A ideia da fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

HUSSERL, Edmund. Vida e obra – In: *Os pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1980. 182p.

INSTITUTO PAULO FREIRE. *Paulo Freire, patrono da educação brasileira*. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 05 maio 2016.

JASPERS, K. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.

_____. *Filosofia de la existência. Madri*: Aguilar, 1958.

_____. *Razão e Anti-Razão em nosso tempo*. Rio de Janeiro: ISEB/MEC, 1958.

_____. *Origen y Meta de La Historia*. Madri: Revista de Occidente, 1968.

_____. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. de Leonidas Hegenberg; Octanny S. da Mota. São Paulo: Cultrix, 1965.

KERN, F. A. *Redes de apoio no contexto da Aids: um retorno para a vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LANE, S. T. M. A dialética da subjetividade versus objetividade. *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria Sócio-Histórica e a teoria das representações sociais*. Odair Furtado, Fernando L. Gonzalez Rey (orgs.) – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. P.1117.

LIMA, M. R. C. *Paulo Freire e a administração escolar: a busca de um sentido*. Brasília: Liber Livro, 2007.

MACIEL, K. F. O pensamento de Freire na trajetória da educação popular. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011. Disponível em: www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/view/196/70. Acesso em: 08 maio 2016.

MAGEE, B. *História da filosofia*. São Paulo: Loyola, 2001.

MARCEL, G. *Homo viator: prolegomènes à une métaphisique de l'espérance*. Paris: A. Montaigne, 1944.

MARCELL, D. *Crônica da filosofia brasileira: pósmodernidade, metafísica e estética no cotidiano*. Curitiba: CreatSpace, 2014.

MENDES, C.A. *Filosofia para o ensino médio*. Uberlândia: UFU, 2009.

- MENDONÇA, N. A. de. *A humanização na pedagogia de Paulo Freire*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/4507/arquivo5382_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 05 maio 2016.
- MONTEAGUDO, R. Rousseau existencialista. *Revista Transformação, Formação e Ação*. Marília, v. 27, n. 1, p.51-9, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v27n1/a05v27n1.pdf>. Acesso em: 05 maio 2016.
- MOREIRA, V. *Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 15(4): 723-731, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n4/v15n4a07.pdf>. Acesso em: 05 mar 2016.
- MORGAN, M. *Sou ateu graças a Deus*. Mathias M. Gonzalez. (Trad.). s.d.t, 2010.
- MOURA, T. M. de M. *A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky*. 3 ed. Maceió: EDUFAL, 2004.
- NICOLA, U. *Antologia ilustrada de Filosofia*. Das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005.
- NUNES, C. A. *Aprendendo filosofia*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- OLIVEIRA, A. da S.; PENA, R. C. A. O existencialismo de Jean Paul Sartre na prática educativa de Paulo Freire. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*. Abr./jun., 2016. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/02/existencialismo.html>. Acesso em: 05 maio 2016.
- OLIVEIRA, A. S. et al. *Introdução ao pensamento filosófico*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2009. p. 59-63. 231p.
- OLIVEIRA E SILVA, M. J. M.; LOPES, R. L. M.; DINIZ, N. M. F. Fenomenologia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 61, n.2, p.254-7, mar.-abr., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a18v61n2.pdf>. Acesso em: 08 maio 2016.
- OLIVEIRA, J. A. S. Husserl e Ricoeur: em torno das mediações cartesianas. *PIDCC*, Aracaju, Ano II, 04/2013, p.136-153, Out/2013. Disponível em: http://pidcc.com.br/artigos/042013/042013_07.pdf. Acesso em: 05 jan 2016.
- OLIVEIRA, M. T. C. de. *A “educação ideológica” no projeto de desenvolvimento nacional o ISEB (1955-1964)*. Tese (Doutorado em Educação). PUCRJ, 2006. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9272/9272_1.PDF. Acesso em: 05 maio 2016.
- OLIVEIRA, P. C. de; CARVALHO, P. de. *A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire*. *Paidéia*, 17(37):219-230, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n37/a06v17n37.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.
- OLIVEIRA, S. da. C. *Reflexões filosóficas: uma pequena introdução à filosofia*. 5a. ed. Rio de Janeiro: s/editora, 2013.

- ORNSTEIN, A. C. et al. *Foundations of education*. 33. ed. Boston, MA: Cengage Learning, 2015.
- PAEDOVANI, U; CASTAGNOLA. L. *História da filosofia*. 15. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- PAIVA, V. P. *Existencialismo cristão e culturalismo: sua presença na obra de Freire*. (s.n.t). p.47-100. Disponível em: <file:///C:/Users/Cida/Downloads/2322-8525-1-PB.PDF>. Acesso em: 15 jan 2016.
- PAIVA, V. P. *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S. A. 1980.
- PENHA, J. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PENNA, L. de. A. *Vieira pinto, o filósofo das massas*. 2001. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/44/lincoln_penna_44.pdf. Acesso em: 05 maio 2016.
- PENTEADO, José Roberto Whitaker. *A técnica da comunicação humana*. 13. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.
- PERDIGÃO, A. C. A filosofia existencial de Karl Jaspers. *Análise Psicológica* (2001), 4 (XIX): 539-557. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/386/pdf>. Acesso em: 05 fev 2016.
- PEREIRA, H. B. *Literatura*. Naturalismo. São Paulo: FTD, 2000.
- PESSANHA, J. A. M. [Jean Paul Sartre]. *Os Pensadores: O Existencialismo é um Humanismo; A imaginação; Discurso do Método*. São Paulo: Victor Civita, 1984. p. 1-32. 191p.
- PIRES, J. J. Considerações sobre o conceito de intencionalidade em Edmund Husserl. *Kínesis*, IV(07):286-302, Jul., 2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/jesuinopires286-302.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.
- PONDÉ, L. F. *Contra um mundo melhor: ensaios do afeto*. São Paulo: Leya, 2010.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- REALE, G. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991.
- REYNOLDS, J. *Existencialismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- REZENDE, R. M. S. *Merkabah: mandala holográfica yantra da sabedoria*. São Paulo: Scortecchi, 2013.
- RITCHIE, J. *Naturalismo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

- ROEHE, M. V. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. *Estudos de Psicologia*. 11(2):153-8, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v11n2/a04v11n2.pdf>. Acesso em: 05 abr 2016.
- ROMÃO, Eustáquio (Org.). *Educação e atualidade brasileira*, 1956. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.
- ROMANO, L. A. C. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*. Campinas, SP: Mercado das Letras: São Paulo: Fapesp, 2002.
- ROSÁRIO, V. A. P. do. *Diálogo com Sartre para desvelar noites de arco-íris*. Dissertação (Letras). Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/1843/1/399591.pdf>. Acesso em: 05 mar 2016.
- SÁ, D. M. R. *Uma leitura de Vergílio Ferreira no contexto do existencialismo*. Mestrado. 2009. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/20341/2/mestdionisiasaleitura000084951.pdf>. Acesso em: 05 mar 2016.
- SANCHEZ, D. G. A experiência da empatia em Edmund Husserl. *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Cida/Downloads/5497-53526-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.
- SANTOS, L. G. dos. Homem na filosofia de Martin Heidegger. *Revista Filosofia. Ciência e Vida* [online], n.22, 2008. Disponível em: <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/22/artigo87364-2.asp>. Acesso em: 15 mar 2016.
- SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. In: *Os pensadores*. 3. ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1997
- SAVIANI, D. O legado educacional do regime militar. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a02v2876.pdf>. Acesso em: 05 maio 2016.
- SCHNEIDER, D. R. O método biográfico em Sartre: contribuições do existencialismo para a Psicologia. *Estudo e Pesquisa em Psicologia*. [online]. v.8, n.2, p.289-308, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v8n2/v8n2a13.pdf>. Acesso em: 07 mar 2016.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. Palestra “Fenomenologia e existencialismo de Husserl à Sartre”, *Café Filosófico da TV Cultura*. Jun. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2XPHjSYBfw>. Acesso em: 20 dez 2015.
- SILVA, J.M. O. e; LOPES, R. L. M.; DINIZ, N. M. F. Fenomenologia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 61(2):254-7, mar. /, abr., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a18v61n2.pdf>. Acesso em: 15 mar 2016.

SILVA, V. M. *A construção da política cultural no regime militar: concepções, diretrizes e programas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-02072002100601/publico/tde.pdf. Acesso em: 05 maio 2016.

SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

SONDHAUS, L. *A primeira guerra mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, M. A. de. *Movimentos sociais e sociedade civil*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

SPIILON, N. I. *Pedagogia da convivência*: Elza Freire. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SPINDOLA, T. *A fenomenologia e a enfermagem: algumas reflexões*. Revista Esc. Enf. USP. 31(3):403-9, dez. 1997. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/387.pdf>. Acesso em: 08 abr 2016.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

TEIXEIRA, E. B. A análise de dados na pesquisa científica importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*, Unijuí, RS, 1, n. 2, p.177-201, jul.-dez., 2003. Disponível em: <http://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/ArtigoAn%C3%A1lise-de-dados-na-pesquisa.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.

TOURINHO, C. D. C. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. *Estudos e Pesquisa em Filosofia*. 12(3), 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8224/5975>. Acesso em: 15 mar 2016.

TOZONI-REIS, M. F. C. *Educação ambiental, natureza, razão e história*. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

UTZIG, A. A. B. A complexidade da educação e a perspectiva ontológica de Paulo Freire. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, RS, v. 22, maio-ago. 2010. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/13/64>. Acesso em: 15 maio 2016.

VANNUCCHI, A. *Filosofia e ciências humanas*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

VAZ, Pe. H. C. de L. *Estudos de filosofia*. Ontologia e história. São Paulo: Loyola, 2001.

VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. Atividade comunitária e conscientização: uma investigação a partir da participação social. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.36, p.91-112, jan./jun. 2012. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n36/n36a06.pdf. Acesso em: 05 maio 2016.

VILLELA, F. R. *Filósofos modernos e contemporâneos*. Joinville/SC: Clube dos Autores, 2013.

XAUSA, I. A. M. *Sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ZILLES, U. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. Porto Alegre: Acadêmica/PUC, 1995.

_____. *Fenomenologia e teoria do conhecimento de Husserl*. Revista da Abordagem Gestáltica, XIII(2):216-221, jul.-dez., 2007. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>. Acesso em: 05 mar 2016.

_____. *Teoria do conhecimento*. 5ª. edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.